



JACK OF SPADES

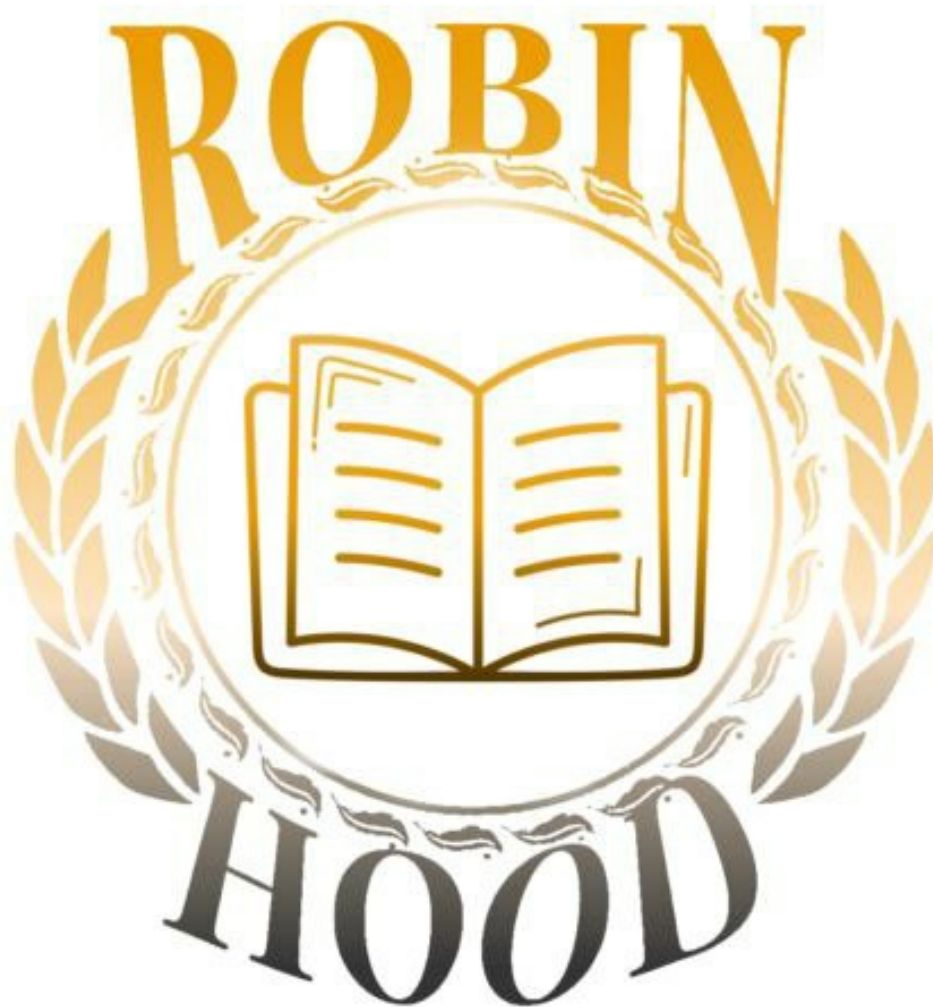
VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SINOPSE

“VOCÊ ESTÁ À MINHA MERCÊ AGORA, AMORE.”

Desculpe, *bella*. Você recebeu a mão perdedora.
Testemunha de um crime, você é minha prisioneira agora.
Eu não queria que as coisas acontecessem dessa maneira,
Mas amarrar você na minha cama e fazer você gritar
é um prazer inesperado. Um privilégio, realmente.
E mesmo que eu confiasse em você, agora que provei,
Não tenho certeza se deixarei você ir...

Jack of Spades é um romance independente na série interconectada **Vegas Underground**. Sem cliffhangers, sem traição.

CAPÍTULO UM

COREY

Três tipos de jogadores gastam muito na minha mesa de roleta.

Lá está o cara que está com tudo na cabeça. Ele está quieto, linguagem corporal fechada. Ele se senta com os ombros curvados e mal encontra meus olhos. Ele joga com probabilidades, geralmente tem um sistema que segue religiosamente. Como se ele sempre jogasse vermelho e dobrasse a aposta quando perdesse.

Depois, há o jogador imprudente. Ele está montando emoção, drogas ou álcool. Ele é o oposto do primeiro tipo. Nenhum sistema, totalmente aleatório. Ele pode perguntar à mulher ao seu lado seu número favorito e apostar.

Então, há o jogador de instinto, meu favorito. Ele carrega consigo uma eletricidade que muitas vezes leva embora toda a mesa. É o cara que encontrou a mágica. Senhora Sorte, magia, suas estrelas se alinhando - quem sabe o que é, mas eles têm uma energia que estão seguindo. Eles permanecem no fluxo, seguindo sua intuição e apostam sempre certo.

Frequentemente, eles se parecem com jogadores imprudentes: são extrovertidos, sociais. Eles se envolvem com as pessoas ao seu redor, inclusive eu, sua crupiê.

A baleia - que é Vegas para quem gasta muito - na minha mesa esta noite não é imprudente nem um jogador inveterado, embora tenha a personalidade e o estilo de ambos. Ele é lindo com um terno de corte fino e estilo europeu, como se tivesse saído das páginas de uma revista masculina italiana. Ele flerta descaradamente comigo e conversa com as pessoas ao seu redor.

Eu pego e empilho as fichas e premio os ganhos com sutileza praticada, fazendo uma divisão e empilhamento com uma mão e me movendo na velocidade da luz.

— Lá vai ela, beleza e talento.

É cafona, mas dou um sorriso para ele. Gosto de tê-lo à minha mesa, amo seu charme e talento, as gorjetas grandes, mas meu senso de aranha continua soando. Há algo estranho nele.

Ele está abaixo de dois mil no momento. Ele desliza suas fichas para a mesa no último minuto, bem quando eu aceno minha mão e não pago mais apostas. Ele os configura de maneira desleixada também. Não sei dizer se ele os quer na caixa do *Terceiro Doze ou ímpar*.

— Qual deles, senhor? — Eu me inclino para frente para chamar sua atenção enquanto a roda gira.

Ele tem bebido bastante, mas não parece embriagado. Seus olhos movem-se para o meu decote, que eu ainda consigo trabalhar apesar do uniforme masculino, então de volta para o meu rosto antes que ele me dê um sorriso lento e bem-humorado. — Probabilidades, por favor. Desculpe por isso.

— Sem porcaria. — eu aviso, deslizo as lascas enquanto a bola se acomoda.

Ele ganha. Ele passa fichas de duzentos dólares pela mesa para mim como gorjeta. Quando puxo suas fichas, vejo que ele colocou uma ficha de dez dólares no meio, em vez de cem. Eu olho para cima e vejo que ele está me observando. Ele pisca.

Idiota.

Eu sutilmente sinalizo para o segurança vir.

Não é a primeira vez que recebo uma proposta para trapacear para um cliente. Isso acontece com bastante frequência. Meio que me surpreende que ele gaste duzentos dólares me pagando para ganhar noventa. Mas acho que foi um teste. Uma vez que ele descobriu se eu lhe daria alguma coisa, ele teria tentado de novo e de novo.

Vincent, o gerente de segurança no andar hoje à noite se aproxima e fica perto de mim, inclinando a cabeça para ouvir.

— Esse cara está jogando porcaria e tentando colocar fichas baixas em sua pilha.

Mais tarde, eu perceberia que Vincent parecia um pouco satisfeito demais comigo, mas não registrei. Estou apenas ignorando o tremor na minha barriga enquanto ele caminha para escoltar o cara para fora. Eu não sinto muito. Fiz a coisa certa, com certeza. Só estou desapontada porque o cara era atraente e meio fascinante para mim, eu fantasiei por um momento sobre ele me convidando para sair.

Mas de qualquer forma. Não vou arriscar este trabalho, nem mesmo por um homem sexy em um terno elegante. Trabalhar no Bellissimo é como um emprego, educação e socialização, tudo em um pacote glamoroso. É propriedade do notório Nico Tacone, da família do crime Tacone Chicago, que governa o lugar com mão de ferro. Eu não foderia com ele. Mesmo que ele esteja apaixonado pela minha prima.

Termino meu turno e vou para os vestiários dos funcionários. Quando passo pelo corredor em direção aos escritórios de segurança, paro.

Vincent está parado em uma postura relaxada, falando merda com ninguém menos que o terno sexy da minha mesa.

— Corey. — ele sorri e me chama para mais perto. — Vem cá, quero te apresentar a alguém.

Oh Jesus. Ele era um comprador secreto. Ou o que você chama de teste de segurança. Não sei por que isso me irrita, mas incomoda. Meu estômago se aperta em um nó quando eu ando a passos largos.

— Corey, conheça Stefano Tacone, nosso novo chefe de segurança.

Eu levanto minha mão para dar um tapa no rosto de Stefano. Não sei por que faço isso. Sim, eu tenho temperamento de ruiva e cresci em uma família violenta. Ainda assim, eu deveria saber melhor.

Ele pega meu pulso e o usa para me puxar contra ele. — Eu não faria isso. — Seu aviso é menos um rosnado do que um estrondo baixo e esfumaçado. Como se ele estivesse falando sujo comigo aqui no corredor.

Meu corpo responde imediatamente, meu núcleo derretendo. Claro, minhas malditas bochechas também esquentam. E acredite em mim, em uma ruiva, não há como confundir um rubor.

— Ninguém bate em um Tacone sem se arrepender. — É uma ameaça, mas ainda é falado com bom humor, com o mesmo charme de parar o coração que ele usou no chão, tentando me fazer trapacear para ele.

Merda. Eu realmente levantei a mão para um chefe da máfia? Um arrepio desliza pelas minhas costas.

Eu vou perder meu emprego.

Só que Stefano não parece zangado. Parece que ele quer me comer no almoço.

Acho que minha melhor aposta é reconhecer meu erro. — Me perdoe.



STEFANO

A beleza em meus braços - bem, não exatamente em meus braços, mais à minha mercê - encontra meu olhar com coragem.

Não vejo medo nem desafio nos olhos azuis brilhantes, apenas curiosidade careca, quase uma pitada de fascínio.

Da mesma forma, bella.

Escolhi a mesa dela por um motivo, não foi porque alguém suspeitava que ela estava trapaceando. Muito pelo contrário. O gerente do andar diz que ela sempre atrai uma multidão de cavalheiros e ganha grandes gorjetas. Ela é rápida e vistosa, exalando o equilíbrio certo de profissional legal e convite caloroso em qualquer jogo que ela joga. Eu a testei porque precisamos de um crupiê para jogos privados lá em cima.

Agora, porém, quero jogar todos os tipos de jogos particulares com ela e nenhum deles envolve baralho ou roleta.

— Não gosto de ser humilhada. — diz ela. Por um momento, acho que ela está falando com meus pensamentos, então percebo que é a justificativa dela para tentar me dar um tapa. Ela gira o pulso na minha mão, tentando se livrar.

Eu não permito, puxando sua pequena mão até minha boca para roçar meus lábios em seus dedos. — Vou me lembrar disso. — murmuro.

Ela fica imóvel, a garganta tentando engolir. Ela está tão perto que sinto o calor de seu corpo magro, noto o leve tremor em seus dedos, apesar da uniformidade de seu olhar.

Lá se vai o rubor de novo, delatando-a. Quero continuar segurando-a com força contra o meu corpo, vendo aqueles olhos azuis elétricos dilatarem toda vez que eu falar, mas se eu fizer isso, vou acabar empurrando-a contra a parede e tendo meu caminho com os peitos que ela empunha como armas.

Nenhuma outra crupiê feminina se parece com essa. O novo uniforme é um oxford branco, colete carmesim e gravata borboleta, pelo amor de Deus.

Corey consegue tornar a roupa pecaminosa, no entanto. A saia preta curta abraça cada curva de sua bunda, quadris e cintura, destacando um par de pernas longas e esguias. Ela está com a blusa desabotoada e aberta até o colete, o laço usado por dentro como um colar de amante. Como eu adoraria colocar uma coleira nesta linda criatura e trazê-la para o calcanhar, ela teria algum treinamento também. O *coupé de graça* da roupa é seu colete. Ela escolheu um tamanho dois a menos, fazendo com que parecesse mais com um corpete ou espartilho, apertando abaixo dos seios e empurrando-os para dentro e para cima até que eles implorassem para sair de sua blusa. Eu não posso dizer com o colete se seus mamilos estão duros, mas julgando pelos lábios entreabertos e respiração curta, eu acho que eles estão.

Eu sei que ganhei um chulo só de ficar duro por ela. O que provavelmente seria um bom motivo para deixá-la ir. Forço um pouco de autocontrole e a solto.

— Venha ao meu escritório, vamos bater um papo. — Eu aceno meu braço para indicar meu novo escritório.

Mais uma vez, ela mantém a cabeça erguida, jogando suas ondas longas e grossas por cima do ombro enquanto me precede até a porta

fechada.

Ela espera que eu abra, presumivelmente porque é meu escritório, mas sinto uma satisfação distinta em passar por ela para mantê-la aberta, como se estivéssemos em algum tipo de encontro elegante em vez de entrevista.

— Sente-se, Corey.

Ela me lança um olhar cauteloso enquanto se senta à minha frente na minha mesa. — Nico colocou você em cima de mim?

Eu arqueio uma sobrancelha. — Você está tratando meu irmão pelo primeiro nome?

— Sr. Taccone. — ela corrige com um leve rubor. Eu amo seus rubores porque eles estão em desacordo com sua confiança natural. — Não, desculpe, de jeito nenhum. Ele está namorando minha prima, então eu só...

— Ah, sim. *A mulher*. A razão pela qual Nico me chamou de volta da Sicília.

Corey parece surpresa. — O que você quer dizer?

Eu pisco. — Estou aqui porque ele corria o risco de perdê-la, trabalhando muitas horas. Ainda não a conheci, essa sua prima. — Deixo meu olhar viajar pelo rosto de Corey, até seu sedutor decote e costas. — Eu posso ver por que ele pode estar encantado.

Sem ruborizar desta vez. Na verdade, acho que ela reprimiu um revirar de olhos. Eu realmente gosto dessa garota. Domá-la seria tão divertido.

— Qual o nome dela?

Ela cruza as longas pernas, a facilidade rastejando em sua postura. — Sondra. E você provavelmente não vai conhecê-la. Ela se foi.

Eu já sabia disso. É uma coisa boa eu ter chegado quando cheguei porque Nico está completamente fora dos trilhos desde que sua mulher o abandonou. Eu ainda não vi o cara, mas sei que ele voou para casa em Chicago para resolver seu casamento arranjado e outras merdas com nosso pai.

Ela tenta retomar a liderança na conversa: — Então, por que me atingir? Eu sou uma boa crupiê. Mantenho meu nariz limpo.

Meus lábios se contraem. Eu amo o espírito dela. Ela vai ser perfeita para andar de cima. Só vou ter que me certificar de que ninguém a toque, porque já estou começando a me sentir um pouco proprietário do espectador. — Seus supervisores gostam de você, sim. Os que não têm ciúmes. — Percebi que a supervisora deu a ela notas muito mais baixas do que os homens.

O canto dos lábios de Corey se ergue. Gosto do reconhecimento fácil que ela dá à minha declaração. Ela já interpretou corretamente minhas palavras e não se incomoda com elas. Eu já decidi - ela é esperta. Confiante. Fácil para os olhos. Ela é perfeita.

— Estamos transferindo você para jogos de apostas mais altas. Privados. — Eu não estou perguntando. Estou dizendo. É assim que os Tacones fazem negócios.

Agora eu a peguei desprevenida. Seus lábios vermelhos se abrem, por um momento, nenhum som sai. — Isso parece perigoso. — Sua voz estrangula ligeiramente na última palavra.

Eu levanto uma sobrancelha, curiosa e impressionada com sua conclusão. — Não é. Estarei presente em todos os jogos. Não vou deixar nada acontecer com você. — Quando ela permanece imóvel, eu digo: — Ou é comigo que você está preocupada?

Um leve rubor me diz que ela está definitivamente interessada, mas ela balança a cabeça. — Não. Sim. Acho que quero dizer que soa... ilegal.

Aí está. Eu aprecio muito as pessoas que podem ser diretas.

Eu abro minhas mãos. — Aqui é Las Vegas. Temos uma licença de jogo. É a razão pela qual meu irmão se mudou para cá.

— Certo. Claro. — Ela assente, desviando os olhos. Eu amo esses pequenos sinais de submissão em uma fêmea alfa. Como quando ela se desculpou por tentar me dar um tapa. Ela sabe quando se segurar e quando rolar. Isso me faz querer flexionar meu domínio de todas as maneiras imundas - colocá-la de joelhos e sufocá-la com meu pau. Amarre-a na minha

cama e deixe-a gritando a noite toda. Ganhe sua obediência com um chicote e uma cenoura.

Ela não acredita em mim, o que novamente mostra que ela é esperta. O jogo pode não ser ilegal, mas há todos os tipos de coisas sórdidas e clandestinas que acontecem nos arredores. Como a coleção às vezes forçada de apostas incomuns feitas por homens desesperados.

Este é o jogo que meu irmão Nico aprendeu com *La Famiglia*. Ele foi um gênio ao trazê-lo para Las Vegas, onde grande parte é legal. Sim, significa que ele paga impostos, mas acredite, não tanto quanto deveria.

— Não será o tempo todo. Três ou quatro noites por semana. Vamos dobrar seu salário base e as gorjetas também devem aumentar.

— Você não está me dando escolha. — É uma afirmação, não uma pergunta.

Eu pisco. — Você notou isso, não é? Preciso de você nos jogos lá em cima, Corey. Fim da história.

A raiva pisca em sua expressão, mas ela rapidamente a esconde. — Por que eu?

Eu levanto meus ombros em um encolher de ombros casual. — Você é profissional. Legal e reservada. Confiável. Linda. Resumindo, você é exatamente o que estou procurando.

A cautela em seu olhar se torna mais aparente. Sua antipatia pela minha oferta aparece em seu rosto, mas ela diz: — Bem. Acho que não tenho nada a dizer sobre o assunto.

Estou um pouco surpreso. Eu sabia que ela não era uma boba que cairia sobre si mesma, lisonjeada, mas não acho que estou fazendo um mau negócio para ela. E se a prima dela já está na cama com Nico, literalmente, não acho que ela tenha grandes problemas com nossa família.

Mas talvez ela o faça.

— Oh, sempre há uma escolha, Sra. Simonson. Você pode sair por aquela porta.

Eh, eu posso ser o jovem encantador, mas posso ser tão *stronzo* quanto qualquer um dos meus irmãos. Talvez mais.

Seus lábios pintados de escuro se comprimem. — Eu não vou fazer isso, Sr. Tacone. — Seus olhos azuis brilham quando ela encontra o desafio em meu olhar.

— Bom. — Eu me levanto e estendo minha mão. — Bem-vinda ao grande momento.

Ela se levanta e noto sua breve hesitação antes de pegar minha mão, mas dou a ela um sorriso caloroso enquanto nos cumprimentamos.

— Amanhã à noite. Esteja aqui às oito.

— Sim senhor. Aqui... seu escritório?

Concordo com a cabeça, embora seja uma péssima ideia. Eu deveria impingi-la a Sal ou Leo, dizer a ela em outro lugar para me encontrar, mas não posso recusar a ideia de tê-la aqui, no meu espaço. Minha crupiê pessoal. — Use um vestido - algo sexy.

Ela faz uma pausa na porta e se vira, a cautela totalmente no lugar novamente.

— Não vou deixar ninguém tocar em você. — Eu levanto três dedos. — Honra de escoteiro.

Seus olhos se estreitam, os lábios torcem em um sorriso. — Você nunca foi um Escoteiro. — Há uma nota zombeteira de conhecimento em sua voz que faz algo deslizar em minha barriga. A vontade de foder aquele desprezo de seu rosto combina com a necessidade de socar alguma coisa.

Ela está certa. Não sou nenhum escoteiro. Nunca fui. Meus irmãos mais velhos estavam espancando Nico e eu antes de perdermos nossos primeiros dentes de leite. Aprendemos a arte da violência ao mesmo tempo que aprendemos nosso alfabeto. Nico aperfeiçoou a fina arte da estratégia - como manipular e vencer contra as probabilidades - quando atingiu a puberdade. Ele me mostrou as cordas, me protegeu. Minha vida tem sido mais fácil do que a dele e não estou amargurada, mas também não vou me desculpar, especialmente não com esse boca-a-boca. Estas são as cartas que

recebi, a família em que nasci.

Mas não permito que nada disso apareça. Em vez disso, lanço outra piscadela e meu sorriso conquistador. — Você me descobriu.

Passo por ela para abrir a porta novamente. — Faça como eu disse — use o vestido. Vou providenciar para que você seja recompensada. — Para esclarecer melhor, tiro uma ficha de quinhentos dólares do bolso e a jogo no ar. Ela o pega, então segura meu olhar enquanto o enfia lentamente em seu decote.

É tudo o que posso fazer para não bater a porta e empurrá-la contra ela, dar-lhe uma revista minuciosa para ver o que mais ela está escondendo entre ou ao redor daqueles seios empinados.

— Vejo você amanhã, então. — Sua voz sai um pouco ofegante, me dizendo que ela não é imune ao calor do meu olhar.

Eu limpo minha garganta. — Amanhã. — Eu quero dar um tapa na bunda dela enquanto ela sai pela porta, mas consigo encontrar algum autocontrole a tempo.

Amanhã, porém, ela pode não ter tanta sorte.

Mal posso esperar para vê-la em um vestido. Eu já sei que a visão dela vai fazer a minha noite.



COREY

Ligo para minha prima Sondra ao sair, mas ela não atende. Ela está com Nico em Chicago depois de uma briga que todos pensávamos ter acabado com as coisas para sempre. Mas Tacone tem dificuldade em aceitar um não como resposta. Eu tenho que dizer - Nico Tacone pode ser um filho da puta assustador, mas ele está totalmente envolvido com Sondra.

Quando ela o deixou há quatro dias, ele surtou. Ele me encurralou, tentou me fazer contar aonde ela tinha ido, colocou um cara do lado de fora

da minha casa, presumivelmente para vigiá-la. Sondra pensou que ele a estava traindo. Mas conversei com todos próximos a ele depois que Sondra saiu, todos tiveram a mesma história. Ele tinha um contrato de casamento arranjado pela família do qual estava tentando sair e Sondra é a única mulher que Nico já levou a sério.

Então, quando recebi a mensagem dela ontem com a foto de um anel de diamante em sua mão esquerda, eu sabia que eles tinham resolvido.

Eu realmente não sei o que pensar sobre Sondra se casar com um conhecido mafioso. Ela sempre teve um péssimo gosto para homens – não que minha última escolha fosse melhor.

Mas Nico Taccone é o verdadeiro negócio. Ele é perigoso e poderoso. Ele fez meu ex desaparecer. Não que eu não esteja chorando por isso. Dean tentou estuprar minha prima.

Mas ainda. Caras comuns não têm esse tipo de poder.

Eu não estou julgando sobre a coisa do crime. Como filha de um policial desonesto, tenho um senso de crime e lei muito cansado.

Mas é por isso que não queria me envolver em nada que me colocasse perto do submundo da organização. E os jogos privados de apostas altas definitivamente farão isso.

Não vejo meu pai há mais de dez anos. Quando ele trocou minha mãe por uma garota safada em Detroit, todos nós suspiramos aliviados. Stefano sabe que meu pai é do FBI? De alguma forma eu duvido, se ele descobrir, as coisas podem ficar complicadas rapidamente.

Realmente não sei quanta atividade ilegal acontece por aqui, mas acho que é mais periférico. Por que eles precisariam infringir as leis quando seu cassino arrecada milhões por ano? Ainda assim, não quero ver nada disso. Nunca quero estar em uma posição em que eles tenham que confiar ou questionar minha lealdade.

Droga.

Eu deveria ter contado a Stefano?

E por que diabos estou pensando nele como *Stefano* e não como Sr.

Tacone? Ele me repreendeu por chamar seu irmão pelo primeiro nome.

Oh, talvez seja toda a merda que ele fez. Ou a maneira como ele beijou meus dedos depois de pegar meu pulso. Um arrepio percorre meu corpo ao lembrar a rapidez com que ele pegou e segurou meu pulso sem nenhum traço de esforço ou raiva. Em vez disso, ele parecia confuso. Como se ele gostasse da oportunidade de me mostrar sua força superior e me manter cativa.

Não é porque eu quero estar no primeiro nome com ele.

Eu definitivamente não.

Por que eu pensaria isso? Especialmente depois de todas as minhas preocupações com Sondra?

Mas algo sobre esse homem me faz apertar os joelhos toda vez que ele pisca. O que é muito frequente.

Eu dirijo para casa, para meu pequeno apartamento. Pela primeira vez desde que Sondra se mudou para o cassino e Tacone fez Dean desaparecer, parece muito pequeno. Mesmo solitário.

Mas não estou procurando companhia. Não preciso entrar em outro relacionamento.

Claro que ninguém está me perseguindo por um também. Stefano parece ser o oposto do amante possessivo e obstinado de meu primo, Nico. Ele é definitivamente um jogador.

O que significa sexo - apenas uma vez para tirá-lo do meu sistema - pode estar na mesa.

CAPÍTULO DOIS

STEFANO

Ando pelo Bellissimo como se eu fosse o rei do castelo, orgulhoso do lugar e do que Nico construiu aqui.

Eu estava com Nico quando ele convenceu nosso pai a investir 1,2 milhão de dólares para abrir um cassino em Las Vegas. Não foi o suficiente. Inferno, a licença de jogo sozinha custou mais de trinta mil. Mas Nico era esperto. Ele sabia que não devia envolver nenhum investidor que não fosse da família. Apenas os Tacones foram autorizados a participar e manter as ações do Bellissimo. E eles fizeram. Ele juntou o suficiente para abri-lo e construiu a partir daí.

Nico pediu aos arquitetos que projetassem a estrutura maciça para que pudesse ser adicionada em seções e ele foi elegante desde o início: azulejos italianos, estátuas de mármore, belos quartos.

A primeira versão do Bellissimo era pequena, um cassino boutique. Nada extravagante sobre isso - nunca. E assim atraiu clientes sofisticados desde o início. Especialmente quando se espalhou a notícia sobre os jogos privados.

Nico tinha um plano de negócios e uma visão, e convenceu nossa família a investir. Ainda assim, acho que ninguém esperava que fosse assim. Agora, é um prédio gigante - cinco alas diferentes, vinte e oito andares de altura. Oito restaurantes servem todos os tipos de comida e ainda é a lanchonete mais elegante de Las Vegas. E o dinheiro? Transborda pra caralho.

Falando no meu irmão *stronzo*, estou no Bellissimo há trinta e seis horas e não vi o bastardo. Primeiro ele estava fora de controle procurando por sua mulher. Agora ele foi para casa para consertar as coisas. Conversamos ao telefone e já trocamos mensagens de texto uma dúzia de vezes, mas ele está irritado demais para me dar uma boa orientação.

Ligo para o telefone dele e ele atende com a mesma impaciência. — O

que é?

— É bom ouvir de você também. Você conseguiu esclarecer as coisas?

— Eu estou trabalhando nisso.

Claro que ele não vai me dizer nada. Ele não é exatamente o tipo de cara que fala sobre nossos sentimentos.

— Você falou com o papai?

— Do meu jeito agora. Sondra está comigo.

Sondra. A mulher que eu quero conhecer. — Ah sim. Eu tive que descobrir o nome dela com uma adorável crupiê ruiva ontem à noite.

— Você conheceu Corey.

— Sim. Eu a induzi a trapacear e ela tentou me dar um tapa na cara.

Nico bufa. — Parece correto.

— É a Corey? — Ouço o timbre agradável de uma voz feminina.

— Você está no carro? Coloque-me no viva-voz.

— Não, foda-se.

— Sondra. — eu levanto minha voz para que ela possa me ouvir. — Conheci sua prima ontem à noite. — digo a ela. — Eu estou apaixonado.

Sua risada é leve e doce. Nico deve tê-la colocado no viva-voz porque ouço sua voz claramente. — Estou definitivamente ouvindo o italiano em você.

— Não, é verdade. — eu insisto, mas ela está certa - mesmo antes da minha temporada de seis meses na Sicília com meu tio-avô, eu adotei o estilo de namoro agressivo exagerado do país de origem de meus pais.

— Ele já levou um tapa. — completa Nico.

— Uh, oh.

— *Quase* levei um tapa. — eu corrijo. — Ela tentou. Eu não permiti. Chegamos a um entendimento.

— Ela está sob minha proteção. — Nico resmunga, mas ele sabe que eu não machuco mulheres.

— Nada para se preocupar. Já disse... já estou apaixonado. — *Tipo, mal posso esperar para colocar aquelas pernas longas em volta da minha cintura para que eu possa bater nela com força e sacana.*

Ela gostaria que fosse assim?

De alguma forma eu acho que ela faria. Mas ela não é do tipo que cai sem lutar, eu não tenho tempo ou atenção de sobra. Já estou até as orelhas de trabalho. Posso ver por que Nico precisava de ajuda para administrar as coisas.

— Ouça, Stefano. — Nico tira o telefone do viva-voz. Ele tem um tom sério em sua voz.

— Sim?

— Se as coisas derem errado, preciso que você cuide de...

Eu entendo o que ele está dizendo - muito bem. Acho que as chances são pequenas de que ele morra, mas nunca se sabe. Nosso pai está preso e Junior, nosso irmão mais velho, é um babaca.

— Eu protegerei o que você ama. — eu digo baixinho, fazendo o juramento soar em minha voz. Eu sei que é isso que ele está perguntando; ele quer saber que Sondra estará segura.

— Obrigado. — A voz de Nico é rouca.

— Boa sorte, Nico. Deixe-me saber como foi.

— Sim. — Ele desliga e eu balanço a cabeça.

Meu irmão tinha um estúpido contrato de casamento pairando sobre sua cabeça desde que éramos crianças. Era uma maneira de nosso pai unir nossa família a outra. Estupidez total, mas assinada com sangue. Nico está apenas fingindo que isso nunca vai acontecer todos esses anos, mas agora ele está apaixonado. E ela o deixou quando descobriu que ele tinha uma noiva.

Pobre coitado. Mas se alguém pode descobrir a merda quando ele

precisa, é Nico.

Veja o que ele fez com este lugar.

É bizarro pensar em meu irmão em um relacionamento sério. Eu com certeza espero que ele encontre a felicidade.

Eu? Eu não me comprometo. Nunca.

Sou um mulherengo. Eu amo sexo, mas o resto? Um relacionamento?

Não, obrigado.



COREY

Estou preocupada em trabalhar no jogo privado esta noite. Não sei se é meu senso de aranha me alertando sobre possíveis problemas ou se estou sendo paranoica. É a mesma sensação desconfortável que tive sobre Sondra namorar Nico.

Há perigo no Bellissimo e até aqui sempre consegui me manter fora dele.

Ainda assim, vou ser bem paga. E embora isso possa não me ajudar quando a situação chegar, meu primo tem o ouvido do dono. Claro, ele não pensou duas vezes antes de fazer Dean desaparecer.

Eu uso um vestido vermelho justo - aquele que Sondra pegou emprestado na semana passada quando se meteu em problemas flertando com outro homem para deixar Nico com ciúmes.

Ele se molda ao meu corpo, mostrando meu seios com um decote profundo e minhas pernas longas com uma fenda provocante na lateral.

Não estou me vestindo para Stefano. Eu não *estou*.

Ok, sim, ele poderia estar em minha mente enquanto eu tomava banho e me vestia. Eu poderia ter prestado um pouco mais de atenção à minha maquiagem e cabelo esta noite do que o normal.

Mas isso não é porque eu espero que algo aconteça. Envolver-me com Stefano Tacone é a última coisa que me interessa - a última! Mas isso não significa que eu não goste de um pouco de atenção masculina, especialmente de um homem que faz meu corpo se iluminar quando está por perto.

Eu estaciono na área de estacionamento dos funcionários e entro no cassino, minha bolsa debaixo do braço. Guardei-a no armário de um funcionário.

— O que você está vestindo? — Pergunta um dos outros croupiers, Tad. Ele está bem. Bonito em si mesmo, mas bom o suficiente. Ele me olha de cima a baixo sem muito interesse. Não tenho certeza se o cara está interessado em alguém além da pessoa que vê no espelho.

— Não pergunte. — eu digo enquanto coloco meu crachá no vestido e fecho meu armário.

— Ei, ei, ei. — Ele segura meu braço. — O que está acontecendo? Você foi transferida para outro departamento?

— Você poderia dizer isso. Estou lidando com um jogo particular esta noite.

As sobrancelhas de Tad sobem até a linha do cabelo. — Uau. Tome cuidado.

Eu concordo. Ok, eu não estava sendo paranoica. Mesmo os funcionários regulares acham que isso é uma má ideia. — Obrigada, eu vou.

Eu vou para o escritório de Stefano, mantendo minha cabeça erguida, afundando em minha persona crupiê. É interessante - mais dominatrix do que aeromoça, mas ainda tenho que ser acessível e amigável, especialmente quando os jogadores estão se aquecendo.

A porta de Stefano está entreaberta e eu o ouço brigando com um dos gerentes de andar. Seu estilo é diferente do de Nico. Sua linguagem corporal é casual, não tão mortal, mas o resultado é o mesmo. O gerente treme das pontas a cabeça. O que não me incomoda nem um pouco, porque o cara é um babaca.

Stefano lança um olhar para mim e levanta um dedo, então dou um passo para trás para dar privacidade a eles.

Alguns momentos depois, o gerente sai, suor escorrendo de suas têmporas.

Eu entro e Stefano mostra seu sorriso de derreter calcinhas, desdobrando-se de onde estava empoleirado na beirada de sua mesa, presumivelmente para se erguer sobre o gerente em um jogo de poder.

— Entre, *bambina*. Você parece bem. — Ele faz o gesto de beijar com a ponta do dedo como se eu fosse algo delicioso que ele vai comer. — *Perfezionare*¹. — Ele caminha até mim e pega meu crachá, soltando-o do meu vestido. As pontas de seus dedos acariciam a pele nua do meu decote, enviando uma onda de calor entre minhas pernas.

É um gesto íntimo demais entre patrão e empregada. Estou ciente de sua proximidade - a boa aparência de Henry Cavill, o cheiro de sabonete e colônia leve, os movimentos hábeis de seus dedos tão perto de meus seios. O homem é sempre tão autoconfiante, o que não deveria me enervar. Eu sou do mesmo jeito - geralmente.

— Não, crachá, hmm? — Dou um passo para trás, lutando para recuperar o equilíbrio.

— Não. Isso prejudica a, ah, vista. — Ele deixa seus olhos vagarem descaradamente sobre meu decote antes de jogar meu crachá em sua mesa com a mesma graça casual com que faz tudo.

Enquadro meus seios com as mãos. — São as garotas que me deram esse novo emprego? — Eu pergunto secamente.

Ele me dá um sorriso torto. — Elas não deram. — Outro olhar persistente que me faz revirar os olhos. Ele sorri. — O jogo não vai começar por algumas horas. Caminhe pelo salão e seja meus olhos. Encontre-me às 21h30 e eu a levarei lá para cima.

— Ser seus olhos?

Ele balança a cabeça como se eu devesse saber exatamente o que ele quer dizer. — Verifique a segurança, procure por qualquer coisa suspeita ou

estranha, denuncie qualquer coisa que encontrar.

Tento esconder minha surpresa com esse novo dever. Sou crupiê, não segurança, mas não discuto. Pelo menos é uma tarefa para a qual meus seios não precisam se qualificar. Inferno, poderia realmente ser divertido. Eu tenho um bom senso para as pessoas. Posso sentir o cheiro de um rato a um quilômetro de distância. Você pode dizer que herdei isso do meu pai, mas tento não reivindicar nenhuma característica dele, boa ou ruim. Além disso, ele era o maior rato de todos – talvez seja assim que eu saiba.

Ando pelo cassino, parando para observar as apostas e as mesas. Gosto de olhar pelas lentes dos olhos de Stefano. O que ele gostaria que eu relatasse?

Ele aparece ao meu lado uma hora depois. — Diga-me.

Eu pulo com a voz tão perto do meu ouvido, então amaldiçoo interiormente por assustar. — Contar o que eu vi? — Eu me viro para encará-lo, enervada por quão perto ele está de mim.

— Hum hum. Seu relatório completo. — Ele tem esse jeito de olhar para mim - com apreciação e carinho, mas também com a promessa de algo que sei que devo evitar.

Eu lambo meus lábios. — Bem, não tenho certeza do que você quer ouvir. Não vi nada grande.

— O que você viu?

— Eu vi uma garçonete guardar uma ficha quando um cliente a deixou cair. Eu vi um crupiê colocar uma ficha de cinco dólares no bolso que não era uma gorjeta, eu vi alguns universitários tentando contar cartas e falhando.

— Qual crupiê? — Toda a simpatia abandonou o rosto de Stefano, como se roubar do cassino - mesmo que fosse apenas cinco dólares - fosse um crime punível com a morte.

Um arrepio percorre minha espinha quando percebo o quão precisa essa avaliação pode ser. E devo jogar o cara embaixo do ônibus.

Eu pisco, hesitando por um momento.

Os olhos de Stefano não deixam meu rosto, a intensidade de seu olhar aumenta.

— Andrew. — murmuro, porque não tenho certeza de como sair dessa sem dar um nome. Eu provavelmente não deveria ter dito nada em primeiro lugar.

— Vou te contar o que vi. — A tranquilidade voltou ao seu rosto.

— O quê? — consigo dizer.

— Eu vi você rejeitar seis homens diferentes e atrair a atenção de quase três dezenas de outros. Vi uma mulher que sabe se portar com confiança e que presta atenção. — Ele estende a mão e coloca um dedo sob meu queixo. Eu me afasto. Ele sorri novamente. — Eu gosto de fazer você corar.

— Você não me faz corar. — eu retruco. É uma resposta idiota, já que meus rubores são impossíveis de esconder. Sinto uma se espalhando pelo meu peito e subindo pelo meu pescoço agora.

Ele pelo menos teve a decência de desistir. Ele pega meu cotovelo. — Hora de levar você lá para cima, bella. Vamos.

Se alguém pegasse meu cotovelo de uma maneira tão mandona e controladora, eu daria um soco nele. Mas é Stefano - um deus do sexo em um terno de mil dólares - e sua direção hábil realmente parece certa. Ele é como um daqueles dançarinos de salão que podem conduzir uma parceira em qualquer lugar e em qualquer lugar simplesmente com mudanças sutis na pressão de sua mão nas costas dela. Não me afasto porque gosto da sensação de ser guiada por ele.

E isso são apenas dez tipos de erros, bem aí.

Ele me leva no elevador para um andar privado, apenas com acesso por cartão-chave, me deixa entrar em uma suíte de hóspedes. Foi configurado para jogos de azar. A porta do quarto está fechada e uma mesa em forma de ferradura fica no meio da sala com cadeiras altas e finas de couro acolchoadas ao redor. Nenhuma cadeira para mim. Ocupo meu lugar atrás da mesa e verifico o carrinho com minhas fichas e cinco baralhos ainda em suas embalagens.

— Mesmas regras do andar de baixo. A única diferença serão os lances mínimo e máximo, *capiche*?

Eu aceno para as instruções curtas de Stefano.

Ele pega uma garrafa de água, que coloca ao meu lado. — Isto é para você. Leo estará aqui o tempo todo. Se algum deles lhe der problemas, basta avisá-lo.

— Onde você estará? — Não sei por que pergunto. É estúpido. Não é como se eu tivesse medo sem ele.

Talvez eu seja, só um pouco.

— Eu tenho que resolver umas merdas. Sem Nico, há incêndios para apagar. Não se preocupe, ninguém vai tocar em você. Se o fizerem, farei com que Leo quebre seus dedos.



COREY

Sr. Donahue. É assim que o cara é apresentado, eu recebo uma vibração dele imediatamente. Por um lado, ele está atrasado. Estou negociando pôquer há duas horas com três outros caras que apareceram hoje à noite e eles não estão satisfeitos em deixar alguém novo entrar no jogo.

Dois deles sacam. O terceiro - Sr. Smith - fica, mas é porque ele perdeu trezentos mil. Ele provavelmente espera ganhar algo de Donahue.

— Onde está Nico Tacone? — Donahue exige uma vez que ele está sentado e suas fichas estão à sua frente.

— Sr. Tacone não está aqui esta noite. — eu digo suavemente, distribuindo as cartas.

Donahue parece chateado. — Por que não? Ele me convidou pessoalmente. Disseram-me que jogaria pôquer com ele.

Meus olhos se estreitam ligeiramente. Duvido que seja verdade. Lanço um olhar para Leo, na porta. Ele não é um segurança ou gerente normal de um cassino. Ele é importado de Chicago. Parte da Família, se é que você me entende. Trabalho no Bellissimo há tempo suficiente para conhecer quem está por dentro.

O lábio superior de Leo se curva como se ele quisesse enfiar o punho na boca do cara, mas ele apenas me dá de ombros.

— Não sei quem lhe disse isso, Sr. Donahue, mas não vai acontecer. A aposta é sua.

O cara fica puto, mas joga.

— Stefano Taccone está aqui. — resmunga o Sr. Smith depois de fazer sua aposta.

Donahue se volta contra ele. — Oh sim? Quem é ele? Outro filho de Taccone?

Essa deveria ter sido a minha pista - ele se referiu a Nico e Stefano como *filhos*, não irmãos, mas isso não parece mais estranho do que o resto do comportamento do homem.

— O irmão de Nico. Eu o conheci quando cheguei. Ele estará de volta. — Smith diz sabiamente.

Donahue fareja e se prepara para brincar. Ele é um péssimo jogador - distraído e impaciente. Como Stefano ontem à noite, ele não se encaixa nas categorias normais de grande apostador, mas aposta milhares de uma vez. Ele está aqui apenas para ver Nico? É por isso que ele estava tão chateado por não estar aqui? Talvez ele tenha algum tipo de negócio da *Família* para resolver e tem que ser pessoalmente.

Ele perdeu três rodadas para Smith quando Stefano entra.

— Ah. Aqui está o Sr. Taccone agora. — Smith diz, empurrando suas fichas pela mesa em minha direção. — Eu acredito que deve ser minha deixa para pegar meus ganhos e ir embora.

Eu o conto e devolvo uma pilha de oito fichas de dez mil dólares enquanto Stefano entra com uma caixa de charutos na mão.

— Desculpe, não pude estar aqui durante todo o jogo, senhores. Espero que tenham gostado. — Ele oferece um charuto para Smith, que aceita, mas não fica para acendê-lo.

E é aí que todo o inferno começa.

Donahue derruba seu copo de uísque e ele rola no chão. Ele se inclina para pegá-lo, colocando o vidro quebrado na mesa enquanto se levanta. — Então você é um dos meninos Tacone? — Há malícia em seu rosto, percebo que sua mão está no bolso desde que ele se levantou. Tento sinalizar para Stefano, mas ele já está caminhando em direção ao homem, respondendo-lhe.

O charme característico de Stefano está presente, mas ele é cauteloso. — Sim, sou Stefano. Você conhece minha família?

Donahue tira a mão do bolso, segurando uma pequena pistola. — Isto é para o meu irmão. — diz ele, a arma balançando em sua mão trêmula.

Dois tiros são disparados ao mesmo tempo.

Jogo a mesa que estou atrás para frente. Um grito sai da minha boca.

Donahue cai, com uma bala entre os olhos. Tanto Stefano quanto Leo têm armas em punho, braços esticados à sua frente.

Meus ouvidos zumbiam com o som dos tiros.

Por um momento, ninguém se mexe. Estou enraizada no chão, choque mergulhando através de mim como um raio, enraizando meus pés no chão.

Stefano pragueja em italiano e guarda a pistola no coldre debaixo do braço. — Como ele conseguiu uma arma aqui? Ele não foi revistado em busca de armas?

Meu corpo treme - os dentes batem. Não consigo tirar os olhos do homem morto. — E-eu acho que ele puxou da bota, ou da perna da calça. — eu forneço, lembrando que ele se abaixou debaixo da mesa.

— Quem é ele? — Leo pergunta.

— Nenhuma ideia. — Stefano se abaixa e tira a carteira e a identidade de Donahue. — Traga Sal e Tony aqui para ajudá-lo a se livrar do corpo.

Leo ergue o queixo em minha direção. Ele ainda não guardou a arma.
— E quanto a ela?

O frio gelado corre em minhas veias como adagas. *Quanto a mim?* Oh Deus, eu sou uma testemunha. Ele está perguntando se deveria me matar também?

Stefano me examina com um olhar inescrutável que parece durar milênios. Eu não respiro. — Eu cuidarei dela.

— Sim? Tem certeza disso?

Stefano não tira o olhar de mim. Ele dá um único aceno.

Leo murmura algo e enfia o que parecem ser braçadeiras de plástico no bolso da jaqueta de Stefano.

A sala desce e gira.

Eu estou tão fodida.



STEFANO

Vaffanculo². Por que diabos deixei um estranho fazer um jogo particular? Trazer Corey Simonson para cá foi o pior erro. Agora tenho uma testemunha de assassinato em minhas mãos.

Corey é inteligente o suficiente para entender a posição em que ela está. Ela dá um passo para trás, seus olhos azuis normalmente astutos arregalados com o choque. — E-espere. Por que você simplesmente não chama a polícia? — Sua voz range, um tom mais alto do que o normal. — Foi legítima defesa. Sou sua testemunha.

— Não é assim que estamos fazendo isso. — Eu mantenho minha voz suave, meu rosto inexpressivo. Ainda não descobri o que diabos vou fazer com ela. — Venha aqui. — Eu aceno para ela com o que considero meu comando de assumir o comando.

Ela dá mais um passo para trás, procurando por saídas. Não há nenhum, exceto aquele que estou bloqueando.

Leo rosna ordens codificadas em sua unidade de comunicação.

Não quero que Corey veja mais nenhum dos nossos homens envolvidos nesta cena.

— Corey, *agora*. — Eu faço minha voz afiada e urgente.

Funciona. Ela desliza para frente, ao redor da mesa que tão sabiamente virou. Reflexos incríveis.

Pego seu cotovelo e a levo para fora da suíte, movendo-me rapidamente em direção aos elevadores. Eu realmente não tenho um plano ainda, além de tirar Corey da cena do crime.

Quando entramos, nós dois ficamos de frente para as portas, como se fôssemos estranhos. — Não entendo por que você não chama a polícia. — Ela se recompôs o suficiente para que sua voz soe quase normal.

— E eu não vou explicar os negócios da Família para você. — eu digo a ela secamente. Qual é a única resposta que tenho. Sim, foi legítima defesa. Mas aquele *stronzo* que apontou uma arma para mim não era um maluco da rua. Ele tinha uma rixa com a Família, provavelmente meu pai. Eu não vou abrir aquela lata de minhocas com os policiais locais e confiar neles para resolver isso comigo saindo por cima. De jeito nenhum.

Acontece que Corey não está tão controlada quanto eu pensava, porque de repente ela se lança para o painel de controle do elevador, apertando botões.

Pego seu pulso e envolvo sua cintura, puxando-a contra mim. — Pare. Você está em pânico.

Seu corpo treme contra o meu. — Eu não vou contar a ninguém. Sei que foi legítima defesa. — Sua voz oscila no final e eu xingo, percebendo que ela está chorando.

E claro, o elevador tem que parar naquele momento e deixar as pessoas entrarem.

Solto seu pulso e seguro sua nuca, virando-a para mim, de modo que seu rosto fique em um ângulo distante das pessoas que entram.

Ela olha fixamente para o meu peito, os olhos ainda cheios de lágrimas. Puxo um lenço de seda do bolso do terno e coloco na mão dela. É quando percebo o sangue - pequenos respingos mancham a coluna lisa de seu pescoço.

Quando ela termina de enxugar as lágrimas, pego o lenço de volta e enxugo as manchas, usando a umidade de suas lágrimas para removê-lo. Se possível, ela fica ainda mais pálida, provavelmente percebendo o que estou esfregando.

O elevador para no primeiro andar e todos descem, mas mantenho minha mão no pescoço de Corey, não permitindo que ela se mova. Eu apertei o botão para o nível de estacionamento.

Não sei qual é o meu plano, na verdade. Levá-la para casa, conversar. Certificar-se de que ela saiba que coisas ruins vão acontecer se ela abrir a boca sobre o que viu. Ainda não está muito bem formulado. Estou apenas respondendo ao senso de urgência de afastá-la do cara morto.

Quando o elevador abre no nível da garagem, Corey entra em pânico novamente. Ela agarra o corrimão dentro do elevador e se segura, fincando os calcanhares quando tento acompanhá-la para fora. Eu puxo sua cintura, mas ela se dobra. Se eu vou tirá-la de lá, vou precisar de muita manipulação.

Que em diferentes circunstâncias pode ser atraente.

— Eu não vou entrar em um carro com você! Sei o que vai acontecer.

— Acalme-se. O que você acha que vai acontecer? Eu não vou te matar, é isso que você pensa?

— Apenas me deixe ir! — ela gagueja, lançando-se para longe de mim, em seguida, girando e me dando uma joelhada forte nas bolas.

Eu gostaria de dizer que mantive a calma. Eu não bato em mulheres - nunca. Minha mãe me criou melhor do que isso.

Mas eu não estou acima de bater na bunda de uma garota. Especialmente quando pertence a uma mulher bonita. Eu puxo uma das

braçadas que Leo colocou no meu bolso - que eu não tinha intenção de usar. Apertando seus pulsos, fecho a tira de plástico ao redor deles e a aperto.

— Você precisa se acalmar, porra. — eu cerro os dentes cerrados. Eu prendo suas mãos contra a parede do elevador e trago minha mão para baixo para bater em sua bunda.

Eu não me contenho. Minhas bolas estão latejando e cada palmada satisfaz a parte de mim que ela descontrolou com aquele golpe baixo. Claro, agora meu pau começa a inchar, renovando a dor.

As portas do elevador se fecham e ele entra em movimento. Coloco meu cartão-chave no elevador e bato no botão da minha suíte sem soltar os pulsos da parede.

Então eu retomo sua punição. Ela engasga e se contorce enquanto eu deito tapa após tapa.

— OK! — ela chora.

— *Me desculpe por ter dado uma joelhada nas suas bolas, Stefano.* — eu incito com outro tapa.

— Sinto muito por ter te dado uma joelhada nas bolas, Stefano. — ela murmura.

Eu a viro e coloco meus lábios nos dela.

Ela congela por um momento, provavelmente surpresa com minha mudança de tática, mas então ela responde. Seus lábios se movem contra os meus, o corpo suaviza. Eu seguro sua nuca com uma mão, sua bunda com a outra.

As portas do elevador se abrem.

— Tudo bem, vamos tentar de novo. Você vai sair deste elevador bem desta vez. — Eu a empurro pela porta.

Ela permite. — Para onde você está me levando?

— Para o meu quarto.

Seus passos param e eu tenho que puxá-la em direção à minha porta.

— Por quê? O que você vai fazer comigo?

A verdade? Eu não faço ideia.

Eu abro minha porta e a empurro, seguindo e fechando a porta. Ela imediatamente se vira e tenta abrir a maçaneta da porta, apesar do movimento limitado permitido por seus pulsos amarrados.

Estendo a mão para pegar a maçaneta e ela empurra a bunda para trás. Meu pau fica duro com o contato.

— Se você continuar esfregando essa bunda sexy em mim, você vai se meter em um tipo diferente de problema.

Ela congela, prendendo a respiração. Mas quando ela fala, o desprezo ataca suas palavras. — Você está dizendo que vai me estuprar?

É para me desligar, mas sua bravata me excita ainda mais. Eu seguro sua garganta com uma mão, não apertando o suficiente para assustá-la, mas o suficiente para segurar sua cabeça no meu ombro enquanto minha outra mão desliza para baixo na frente de seu vestido curto. Não hesito - não está nos meus genes. Eu encontro a pele de sua coxa e traço sob seu vestido para segurar seu peito.

— Molhada. — eu respiro contra sua orelha, socando triunfalmente meu pau contra minhas calças. — É estupro se você quiser?

— Eu não quero isso. — ela mente.

Eu deslizo meus dedos sob o reforço de sua calcinha minúscula e acaricio ao longo de sua boceta cor de mel. — Então eu não vou tocar em você. — eu minto de volta para ela.

Ela morde o lábio contra um gemido quando mergulho um dedo em sua entrada pronta. — Não. — ela diz, mas soa mais como um sim do que qualquer coisa.

— Não? — Meu dedo desliza para fora, arrasta para cima e circula seu clitóris. Seus quadris empurram contra mim, minha mão se fecha mais forte em torno de seu pescoço. — Você quer que eu pare, baby?

— Sim. — ela ofega.

Eu paro de mover meu dedo, mas o mantenho lá, seu clitóris pulsando contra meu dedo, delatando-a. Mas eu não vou.

Eu não forço mulheres, ela me disse para parar.

Lamentavelmente. Adoraria ter o privilégio de foder Corey.

Eu afasto meu dedo. — Você me diz quando você quer, baby, eu vou te dar bem. — Eu não libero sua garganta.



COREY

Meus quadris se contorcem em um círculo como se eu estivesse procurando sua mão novamente.

Corpo traidor.

Estou tão confusa agora que não consigo pensar direito. Um minuto atrás, eu tinha certeza que Stefano planejava me jogar na Represa Hoover. Agora estou em um tipo diferente de problema, como ele disse de forma tão eloquente.

É um problema muito preferido, apesar dos meus protestos.

— Venha aqui. — Stefano engancha o dedo indicador na braçadeira que segura meus pulsos e me puxa para dentro de sua suíte como um fazendeiro conduzindo sua vaca. É o mesmo estilo de suíte que Sondra está hospedada aqui, com uma cozinha compacta e sala de estar.

Ele não me leva para o quarto, mas para a cozinha, deixando-me à mesa enquanto pega uma garrafa de água na geladeira. Eu inclino minha bunda na mesa porque minhas pernas estão muito bambas para ficar de pé. Stefano volta e abre a garrafa, levando-a aos meus lábios.

Eu levanto minhas mãos amarradas para pegar e beber. — Você tem algo mais forte? — Eu pergunto depois de ter bebido metade da garrafa.

Stefano me dá aquele sorriso preguiçoso e volta para a cozinha,

voltando com uma garrafa de Glenlivet e dois copos. Ele serve dois dedos de uísque para cada um de nós e estende um para mim. — *Saluti*³ — Ele bate seu copo no meu.

Eu jogo o uísque de volta, esperando que a queimadura apague a memória do que aconteceu no andar de cima da minha mente.

— Então, basicamente, sou um acessório agora. — Isso me atinge como um bloco de concreto nos dedos dos pés.

Stefano encolhe os ombros como cúmplice de assassinato não significa nada para ele. — Isso nunca se sustentaria. — Ele se aglomera em mim, afastando meus joelhos para ficar entre eles. Ainda não consigo descobrir se isso é sedução ou uma tática de intimidação.

— Então você não está planejando me matar. — Ele já disse isso, mas acho que não acredito nele.

Ele estende a mão para segurar meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha levemente. — *Cara*, se eu fosse te matar, você já estaria morta.

Tento ignorar o calor que seu toque produz, a vontade de me aconchegar em sua mão. É só porque estou em choque e perdi a cabeça. — Por que me deixar viver? Por causa de Sondra?

Stefano balança a cabeça. — Eu não quero você morta. — Ele deixa cair o polegar nos meus lábios e os traça. Fico imóvel porque, apesar de sua segurança, ainda sou sua prisioneira. A braçadeira em meus pulsos prova isso. — Eu não mato inocentes. — Algo pisca por trás de seus olhos escuros. — Apesar do que você pode pensar sobre mim.

Sinto minhas bochechas esquentando, o que me irrita. — Eu não penso em você.

Ele sorri porque nós dois sabemos que é mentira.

Molho meus lábios com a língua e ele rastreia o movimento, a fome queimando em seus olhos castanhos chocolate. — Então, o que você vai fazer comigo?

Ele inclina a cabeça para o lado. — Estou descobrindo isso, *bambina*.

— H-há algo que é melhor eu te contar. — Não quero trazer isso à tona - realmente não quero. Mas se ele descobrir outra maneira, ele pode atirar primeiro e fazer perguntas depois.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Eu lambo meus lábios novamente. — Eu não falo com meu pai. Tipo, estamos totalmente separados, e isso é uma coisa boa.

Os olhos de Stefano se estreitam. Tenho certeza que ele está se perguntando onde diabos eu quero chegar com isso.

— Mas ele é um federal. Um agente do FBI. — eu deixo escapar.

Stefano xinga em italiano, uma longa sequência de palavras que não entendo, mas entendo o significado. Ele puxa minha bunda para fora da mesa e começa a me revistar em movimentos rápidos e irritados, passando os dedos ao longo do decote do meu vestido, ao redor do interior do meu sutiã.

Se eu não tivesse mais do que um pouco de medo de Stefano Taccone no modo guerreiro, eu poderia observar a semelhança da minha situação com a de Sondra. Afinal, foi assim que ela conheceu Nico. Ele a revistou em busca de um fio quando a encontrou limpando o banheiro.

Stefano arrasta suas grandes palmas pelas minhas coxas, em volta das costas, deslizando um dedo sobre o fio dental através da minha boceta. Ele verifica o reforço da minha calcinha, poupando-me de qualquer comentário sobre como estou molhada desta vez.

E sim, minha calcinha está úmida de novo. Eu não deveria estar excitada com a busca áspera e minuciosa de Stefano, mas estou. Ele levanta meu vestido até a cintura, sobe até minhas axilas antes de perceber que não está saindo. Não, a menos que ele remova a braçadeira.

Ele me puxa pela cozinha, onde pega uma tesoura na gaveta.

Acho que ele vai cortar a braçadeira, mas em vez disso o filho da puta corta o tecido do meu vestido.

Eu o empurro, embora seja tarde demais. — Jesus! Não precisa cortar, idiota. Este é o meu vestido favorito. — O vestido cai em pedaços aos meus

pés. Estou parada lá com um sutiã de renda preta e fio dental combinando, um par de meias pretas e meus saltos altos. É uma roupa e tanto, mas ele aparentemente não foi afetado.

Ele puxa os bojos do meu sutiã para baixo, procurando visualmente enquanto passa os polegares dentro deles pela segunda vez. — Cuidado com o que fala, ainda sou seu chefe. Vou comprar outra porra de vestido se você estiver limpa.

— Estou limpa, caramba. Onde mais eu esconderia um fio? Por que você simplesmente não cortou a braçadeira?

Ele pega minha mandíbula com determinação sombria. A princípio, acho que ele vai me punir por falar demais, mas ele insiste. — Talvez eu goste de ter você à minha mercê. — Ele levanta as sobrancelhas e registro o retorno de sua arrogância alegre, uma fração de humor e diversão. Talvez seja isso que me irrita. Quando ele desliza um dedo para dentro para verificar meus dentes, eu mordo com força.

— *Merda!* — Ele puxa o dedo para trás e meus dentes raspam sobre a carne. Eu os abro ao sentir o gosto de sangue, percebendo instantaneamente que fui longe demais.

Fico tensa, congelada como um coelho, mas Stefano não se mexe, a não ser para apertar a mão. Seus olhos se fixam nos meus, ardentes, mas não com raiva. Não, com promessa sombria. Excitação. Como se ele estivesse *feliz* por eu ter mordido ele.

Um arrepio percorre minha espinha.

— Eu acho que você deve querer outra surra. — Sua voz mantém uma calma mortal.

Eu não consigo me mexer. Não consigo respirar.

Temo que ele esteja certo.

Num piscar de olhos, ele me gira e empurra meu tronco sobre a mesa. Ele não começa a bater forte como fez no elevador, no entanto. Ele apenas passa a mão sobre minhas nádegas nuas e assobia.

— *Bambina*, se eu soubesse que você estava escondendo isso debaixo

do vestido, eu teria levantado sua saia para seu último castigo. — Ele circula minha bunda novamente.

A antecipação corre sobre minha pele, vibra em minha barriga.

— Você ainda está usando minhas impressões digitais. — Há um estrondo de apreciação em sua voz, quase um ronronar. — Você está dolorida?

— Sim — eu digo, infundindo petulância em minhas palavras. Eu ainda *estou* dolorida. Na verdade, agora que ele mencionou isso, minha bunda está quente e formigando. Claro, os ruivos registram mais dor do que a maioria das pessoas.

Ele esfrega minha bunda. — Abra as pernas, baby. — Sua voz não passa de um murmúrio.

Tento ignorar a direção, como se não tivesse ouvido, mas ele chuta meus pés. Para minha total humilhação, ele começa a espancar minha boceta. Toques curtos e deliberados diretamente sobre meu clitóris. Os músculos da parte interna da minha coxa saltam e estremecem quando ele coloca um pouco mais de pulso nela.

— Stefano. — eu suspiro.

— Isso mesmo, *amore*. Diga meu nome.

Minha boceta apertada, mais arrepios correm pelas minhas pernas. Ele dá um tapa na nádega, com força.

— Ai!

— Mmm hum. — Ele dá um tapa na outra nádega, depois acelera o passo, alternando uma depois da outra. O homem não sabe a definição de tapa leve. Cada vez que sua palma se conecta com a minha carne, ele envia ondas de choque de sensação através de mim. Dor misturada com prazer. É demais, mas não quero que ele pare. Estou tragicamente apaixonada pela minha situação. Ele aumenta a intensidade e a velocidade mais um ponto e eu grito. — Ai! Ei!

Sim, agora eu quero que ele pare.

Definitivamente.

— Você pode se lembrar das palavras que eu preciso ouvir, *bella*.

— Desculpe! Me desculpe por ter mordido seu dedo, Stefano.

Ele para e me gira. — Boa menina. Aprende rápido. — Como antes, ele termina o castigo com um beijo. Seus lábios batem nos meus e ele me inclina para trás na mesa, me seguindo. Não tenho escolha a não ser envolver minhas pernas em sua cintura e embalar seus quadris contra os meus. Seu pau pressiona forte e insistente contra minha calcinha, mas ele não se apressa. Ele beija meu pescoço, puxa meu sutiã para baixo para raspar seus dentes em meu mamilo.

Eu arqueio para ele, esfrego meu peito contra a protuberância dura em suas calças. Ele puxa meu mamilo em sua boca, suga-o até que eu sinta o puxão em resposta entre minhas pernas.

Seus movimentos são seguros e confiantes, como se ele conhecesse o corpo de uma mulher, mas também há uma urgência louca, uma paixão por trás de cada movimento que me leva para longe. Não posso deixar de responder ao seu toque, como se ele fosse o músico e meu corpo fosse o instrumento. A música que ele faz comigo nos embriaga.

Ele se move para o mamilo negligenciado, sugando, mordendo, soprando ar através dele. Mãos quentes deslizam pelas minhas coxas. Acho que ele vai me foder agora. Desta vez não vou recusar.

Mas depois que ele puxa minha tanga para baixo, ele traz o rosto para baixo na minha boceta e lambe dentro de mim. Eu grito, meus quadris se levantando da mesa. Ele os segura e lambe novamente, uma longa lambida, do ânus ao clitóris.

Jesus. Eu não sabia que seria tão bom. Nunca prestei atenção no meu ânus - nunca quis atenção ali, mas Stefano não tem medo.

Ele mergulha sua língua em minha boceta, me penetrando, então muda para chupar meu clitóris. Ele mergulha dois dedos em mim e os enrola para dentro, esfregando minha parede interna.

Eu agarro seu cabelo, meus sucos fluindo tão livremente que tenho

medo que vazem para fora de mim. Isso tudo é demais e ainda assim meu corpo canta, glórias em seu toque. Seu polegar desliza na minha entrada e outro dedo, molhado da minha boceta, empurra meu ânus.

Mais uma vez, meus quadris voam para fora da mesa. Ele me segura, fixando novamente seus lábios em meu clitóris, chupando o mamilo com força. Ele penetra meu cu com um dedo.

Estou mortificada.

Animada.

As sensações fluem através de mim rápido demais para processar. Meu corpo pertence a ele. Não tenho escolha a não ser me render, deixar ir e deixá-lo tocar para mim, seu instrumento. E ele faz.

Em instantes, estou tendo um orgasmo - *forte*. Quando eu grito, ele cobre minha boca com a mão, ainda bombeando os dedos dentro e fora de mim. É milagroso e horrível. Estou desfeita.

E quando acaba, a vulnerabilidade e uma pitada de vergonha correm como uma maré do oceano. Eu sufoco um soluço contra a palma da mão.



STEFANO

Oh foda.

Eu libero minha mão da boca de Corey para ver seu rosto. Ela se afasta de mim, enfiando os nós dos dedos entre os dentes. Ela está chorando. Ou tentando não.

Foda-se, foda-se, foda-se. Eu tinha tanta certeza que ela queria. Seu corpo respondeu como se eu fosse seu mestre. Ela nunca disse não, nunca me afastou.

Meu limite cai para nada. Eu não gosto de estupro. De forma alguma.

Eu rapidamente a puxo para sentar, puxando sua calcinha de volta no

lugar. — *Cazzo*, Corey. — Eu procuro seu rosto, tentando decifrar as lágrimas. Foi demais? Às vezes, as garotas choram após o orgasmo, especialmente um grande. Ou ela se sentiu forçada?

Eu espero que não.

— Você está... — Eu nem sei o que vou dizer, mas ela me bate no peito com as mãos amarradas.

— Pare de olhar para mim, Stefano.

Alívio toma conta de mim. Ela está bem. Eu posso dizer pela familiaridade que ela usa - me chamando pelo nome, batendo na minha lapela. Ela não faria isso se estivesse realmente assustada, realmente se sentisse forçada. Ela está crua do orgasmo e da situação fodida, isso é tudo.

Seguro sua nuca com a mão limpa e a puxo contra mim. Ela bate no meu peito com a testa e fica ali, engolindo em seco e fungando. Eu acaricio meu polegar ao longo das mechas de cabelo em sua nuca até que sua respiração desacelere. Então eu a libero. — Sente-se firme. — eu advirto, apontando um dedo mandão para ela. — Não se mova ou eu vou bater na sua bunda de novo.

Ela franze a testa para mim, o que considero um bom sinal. Ela ainda tem espírito. Não tenho interesse em quebrá-la.

Quando eu volto, ela se recompôs. — Stefano. — diz ela, estendendo os pulsos amarrados para mim. — Me deixe ir. Não vou falar, prometo. Minha prima, que é como uma irmã para mim, vai se casar com seu irmão. Eu sou praticamente parte da família agora.

Minhas sobranceiras se erguem, porque Nico "*o stronzo*" ainda não me disse que vai se casar com a garota. Espero que isso signifique que a merda com a Família acabou. — Isso é verdade? Eles vão se casar?

Ela balança a cabeça. — Ela me mandou uma mensagem com uma foto do anel.

Não sei por que, mas isso me deixa incrivelmente feliz pelo cara. Nico é um filho da puta seriamente intenso. Ele nunca tentou ser feliz, talvez porque o contrato de casamento com a filha de Guiseppe Pachino está

pairando sobre sua cabeça todos esses anos.

Eu me amontoou em seu espaço novamente. É difícil levá-la a sério quando ela parece ter saído das páginas de uma revista masculina elegante. As meias-calças e os saltos estão me surpreendendo. — O que isso faz de nós, então? — Abro seu sutiã na parte de trás e deslizo as alças para baixo, mesmo sabendo que vão prender em seus pulsos amarrados com a braçadeira.

— Não existe *nós*. — ela estala, mas não resiste ao meu toque. — Stefano, deixe-me ir. Por favor.

Eu coloco um dedo sob seu queixo. — Eu não posso. — eu digo a ela. *Não vai*. — Ainda não.

Sua respiração acelera, o que faz seus seios rosados balançarem a cada inspiração. — Por que não? O que você vai fazer comigo?

— Ainda não decidi.

— Por favor. — Sua voz se eleva. — Você pode ligar para Nico... Sr. Tacone... — ela para, porém, a incerteza piscando em seu rosto. O que não me surpreende. Posso contar em uma das mãos o número de pessoas que têm certeza do que Nico fará ou dirá.

— Eu certamente vou falar com Nico. — eu digo suavemente. — Enquanto isso, você vai ficar aqui. — Puxo o sutiã enrolado em seus pulsos.

— Você vai cortar isso também? — ela estala.

— Sim, acho que vou. — Pego a tesoura. Não é para ser um idiota, mas porque a ideia de comprar seus novos sutiãs me deixa mais duro do que uma pedra. Vou gostar de ter Corey Simonson à minha mercê.

Muito.

Ela bufa enquanto eu corto as alças do sutiã e libero o tecido de seus pulsos.

— Venha, *bella*. — Pego seus dedos emaranhados e a levo para o quarto.

Ela hesita, cravando os calcanhares e puxando contra mim.

— Relaxe. Estou colocando você na cama para dormir. É tarde e preciso colocar minha bunda de volta no salão.

Ela balança a cabeça. — Stefano, por favor. Isso é foda. Apenas me deixe ir. Não entendo por que sou sua prisioneira.

— Eu preciso ter certeza de você, *bella*. Então, por enquanto, você fica. — Eu a empurro em direção ao banheiro. — Ali está o banheiro. Use-o se precisar, porque você não terá chance enquanto eu estiver fora.

O pânico queima em seus olhos, mas ela joga seus longos cabelos ruivos a caminho do banheiro. Enquanto ela está fora, arranco o telefone do cassino da parede e o guardo no armário. Usando mais braçadeiras do meu bolso, faço uma corrente com elas, prendendo a de cima no metal sólido da estrutura da cama. Quando ela volta, dou um tapinha na cama, escondendo as braçadeiras. Ela me olha com cautela, mas se aproxima e se enfia sob as cobertas, presumivelmente para esconder seu estado de nudez.

Pego seus pulsos e prendo a corrente de braçadeiras na dela.

— Ei! Que porra é essa? — ela as puxa.

— *Pare*. — Eu faço minha voz afiada. — Calma, *bella* ou esta braçadeira vai cortar seus pulsos.

Ela olha para mim. — Ah, e você se importa porque, por quê?

Porque não quero me sentir mal pela maneira como a estou tratando. E eu definitivamente deveria. Ela não merece ser amarrada na minha cama. Ela não fez nada de errado. Mas estou pensando com meu pau agora, de jeito nenhum vou deixá-la ir. Não quando a tenho em uma posição tão deliciosa.

Eu levanto seus dedos amarrados aos meus lábios e os beijo suavemente. — Não quero ver marcas vermelhas aqui. — Passo meu dedo por baixo da braçadeira, testando se está apertada. — Se eu voltar e você deixar sua pele em carne viva, vou puni-la novamente. *Capiche?*

Seus olhos se arregalam, medo genuíno os inundando.

— Não. — eu digo, adivinhando seus pensamentos de pânico. — Eu não sou um psicopata. Embora eu adoraria jogar jogos sexuais com você

acorrentada à minha cama durante toda a porra da semana. Seja boazinha... — toco seu nariz — ...ou pode ser arranjado. — Eu me dirijo para a porta.

— Stefano! — ela grita meu nome com os dentes cerrados. É um bom sinal. Eu gosto dela louca. Eu não a quero apavorada.

Eu me viro e arqueio uma sobrancelha. — Precisa de alguma coisa? Não? — Eu não dou a ela uma chance de responder. — Vou pegar uma escova de dentes para você enquanto estou lá embaixo. Estarei de volta ao amanhecer. Tente dormir um pouco.



COREY

Estou pronta para matar Stefano Taccone eu mesma. Não consigo entender o jogo dele. Ele está realmente preocupado comigo falando? Ou ele é um predador sexual louco que viu uma oportunidade de me capturar e o fez?

Mas não. Se ele gostasse de crimes sexuais, teria me estuprado na mesa da cozinha. E ele não o fez. Ele nem tentou fazer sexo comigo. Tudo o que ele fez foi me oferecer prazer.

Ele está definitivamente atraído por mim; ele deixou isso claro. Mas eu realmente não acho que ele vai me forçar esta noite.

Com esse pensamento, minha confiança em superar essa situação aumenta. Testemunhei um assassinato da máfia, mas ainda estou viva. O homem que me capturou não foi cruel. Na verdade, além de me manter cativa, ele foi bastante atencioso, oferecendo-me água, sugerindo que eu usasse o banheiro. Explodindo minha mente com o orgasmo do século.

Oh merda, o que estou dizendo? Eu realmente já tenho Síndrome de Estocolmo? Estou me relacionando com meu captor?

Então ele me atinge com um flash de frio. Essa é a intenção dele? Como ele vai ter certeza de mim? Fazer com que eu me ligue a ele para que eu não fale?

Não, isso é ridículo. Um homem como Stefano Tacone não confia em *atrair* mulheres para o silêncio. Isso é escárnio. Ele usa os punhos. Sua arma.

E como ele não usou nenhum dos dois comigo, provavelmente posso presumir que estou bastante segura.

Eu me inclino para o lado da cama para investigar onde ele prendeu a braçadeira. Se for para a perna da cama, talvez eu possa levantá-la.

Nada feito.

Está bem na armação de metal embaixo do colchão. Stefano é bom. Estremeço só de pensar que ele já fez isso antes.

Minha manobra torce a braçadeira em volta dos meus pulsos e eu verifico se há marcas na minha pele. Sim, totalmente deixou algumas.

E esse pensamento *não* deveria me excitar.

Mas eu poderia realmente me divertir com as punições de Stefano Tacone. O que estou dizendo? Eu já tenho.

Então, sim, tentá-lo para outro parece um perigo delicioso com o qual adoraria brincar.

Mas, apesar da certeza de que nunca dormiria, adormeço.

Sonho com reuniões da máfia: homens perigosos com armas e temperamentos. Meu pai está lá. Ele é o líder e me pega espionando eles. Ele me segura pelos cabelos e me dá um tapa na cara como fazia quando bebia.

Acordo assustada, suando.

— Shh, *bambina*. Você está segura aqui. — Stefano Tacone aparece em meu sonho, afastando meu cabelo do rosto.

Não.

Stefano Tacone está na cama.

Eu pisco meus olhos abertos. A luz do amanhecer se derrama pelas cortinas.

— Volte a dormir, *bella*. É muito cedo para estar acordada.

Tento me virar na direção de sua voz, mas o plástico morde meus pulsos e eu gemo.

— Está bem, está bem. Vou libertá-la. — O colchão balança e ele desce. Quando ele aparece na minha linha de visão, ele está segurando uma faca mortal de caçador. Ele se agacha na minha frente e corta a braçadeira que prende meus pulsos. Sua barba por fazer cresceu durante a noite e o cansaço puxa os cantos de seus olhos. — Você fica nesta cama, no entanto. — ele avisa.

Eu esfrego a pele esfolada, rolando para ficar de frente para o meio da cama onde ele se deita. Ele pega um dos meus pulsos e acaricia as marcas com o polegar.

— Impertinente, querida. — ele murmura, fechando sua grande mão em volta do meu pulso enquanto suas pálpebras se fecham.

Encaro seu rosto bonito no escuro, ouço enquanto sua respiração diminui. Ele tem cheiro de cassino - uísque, dinheiro e couro velho. Eu considero tentar escapar de seu alcance, mas não consigo encontrar a motivação. Talvez eu tenha que admitir para mim mesma que gosto de ser sua prisioneira. Sair agora seria uma decepção. Eventualmente, minhas inalações combinam com as dele e eu volto para um sonho. Só que desta vez, estou amarrada na cama de Stefano.

CAPÍTULO TRÊS

STEFANO

Oh, não, você não.

Minha mão se fecha ao redor do pulso de Corey. Ela está tentando se esgueirar para longe de mim.

Seus olhos azuis elétricos encontram os meus. Eles não têm nenhum traço de medo ou remorso, o que me faz querer beijá-la sem sentido. Eu amo a confiança dela. Sua energia. Eu a tenho seminua na minha cama e ela não está nem um pouco nervosa.

— Eu tenho que fazer xixi. — diz ela. — Você me trouxe aquela escova de dentes? — Adorável. Ela trata isso como uma maldita festa do pijama.

— No balcão. — murmuro, ainda acordando. Eu solto seu pulso. Ela puxa o lençol da cama para se cobrir enquanto se dirige ao banheiro.

— Deixe a porta entreaberta, *amore*. Preciso ouvir o que você está fazendo.

— Foda-se, Tacone. — ela grita de volta.

— Ainda sou seu chefe. — eu a lembro.

Mesmo sendo tagarela, ela faz o que mandam.

Mulher inteligente.

Quando ela volta, ela vai direto para a cômoda e puxa uma gaveta.

Estão todos vazios. Não pretendo ficar nesta suíte de hóspedes, mas ainda não me preocupei em expulsar Sal da minha suíte no último andar. Ele se mudou para lá quando parti para a Sicília há seis meses.

— Você está procurando algo para vestir?

— Sim. — diz ela, virando-se para mim. — Onde estão suas roupas?

— Volte para a cama. Você receberá roupas quando as ganhar. Agora você tem uma punição chegando.

Ela tem a coragem de revirar os olhos e eu tenho que reprimir um sorriso.

— Agora, *bambina*.

Ela examina um pulso. — Como você sabe que não fez isso ao colocá-los?

Eu dou de ombros. — Eu sei. Além disso, você está sendo punida, não importa o quê. — Eu seguro minhas bolas doloridas através da minha cueca boxer. — Se minhas bolas ainda estiverem machucadas, *bambina*, sua bunda vai ficar em carne viva. Essas são apenas as regras do cassino. *Capiche?*

Ela estremece, olhando para o meu pau, que surge em atenção. — Desculpe?

Eu desço da cama. — Você será. Venha aqui, *bella*. — Ela corre para a porta e meu pau fica duro porque eu consigo pular para ela, pegá-la e carregá-la para a cama. Eu a jogo no centro e arranco o lençol.

Ela não parece particularmente assustada ou chateada, o que é um bom presságio para eu finalmente colocar meu pau dentro dela. Subir na cama ontem à noite e não reivindicá-la foi uma deliciosa tortura. Eu não dormi o suficiente para sonhar, mas se eu tivesse, tenho certeza que teria sido tudo sobre aqueles lábios carnudos esticados ao redor do meu comprimento, aqueles olhos azuis brilhantes olhando para mim.

— Vamos ver... o que fazer com minha bela prisioneira. — Eu a encaro, bebendo a visão de seus seios adoráveis, a maneira como seu cabelo ruivo se espalha no colchão como chamas. De alguma forma, suas deliciosas meias permaneceram a noite toda. Suas bochechas estão coradas, os olhos dilatados. Eu sei que ela quer isso, mesmo que ela não admita.

Eu alcanço suas coxas e pego uma meia em cada mão para puxá-las para baixo.

Ela chuta. — Jesus! Você tem que estragar isso também?

Eu a rolo e dou um tapa em sua bunda, então torço seus pulsos atrás das costas e uso uma das meias para amarrá-los juntos. — Muito tagarela, *bella*. Gosto da sua coragem, mas exijo um pouco mais de respeito.

— Sinto muito, Stefano.

Uma risada sai de mim antes que eu possa impedir. — Você aprende rápido, não é, *amore*? — Eu puxo seus quadris para cima para trazer os joelhos sob ela, então ela está em um ângulo com o rosto na cama e sua bunda no ar. — Mmm, agora isso é bonito.

O fato de ela ainda segurar me diz que ela está toda dentro. Eu bato em sua bunda algumas vezes com a minha mão, então recupero meu cinto do armário. Uso os últimos quinze centímetros dele para dar um tapa leve nela, aquecendo suas nádegas e a parte de trás de suas coxas com lambidas suaves. Então eu soltei um pouco mais de comprimento e bati com força no centro de sua bunda.

Ela grita e tomba para o lado. — Ai!

— Mais dois assim e podemos chegar à sua recompensa. Agora mantenha sua posição. Você não quer que este cinto bata em você em algum lugar que não seja bom.

— Quem disse que é bom?

Eu dou uma risada sombria. — É bom para mim. — Eu a chicoteio novamente, colocando uma faixa bem abaixo da primeira. Ela engasga, mas fica parada. — Boa menina. — Eu balanço uma terceira vez, então jogo o cinto na cama ao lado dela. — Agora, para sua recompensa.

Eu desamarro seus pulsos e a rolo. Seus olhos estão vidrados, os lábios entreabertos. — Você quer uma recompensa, Corey?

Ela acena com a cabeça, os olhos fixos nos meus enquanto eu subo de joelhos na cama e deslizo minhas mãos sob seus quadris para segurar sua bunda. Ela dobra os joelhos para me acomodar.

Eu abaixo meu rosto para sua boceta e a mordo através do pedaço de calcinha. — Você tem que dizer isso em voz alta. Não quero mal-entendidos.

— Eu quero minha recompensa. — ela diz rapidamente.

Eu rio e a mordo de novo. — Diga-me o que você quer que eu faça, *amore*. Seja bem clara.

Ela engole.

Eu sei que ela é cheia de arrogância, mas na verdade não tenho certeza se Corey Simonson sabe como pedir o que ela quer.

Acontece que ela faz.

— Eu quero sua boca em mim – como na noite passada. E...

Eu puxo sua calcinha para o lado e arrasto minha língua até sua boceta. — E? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— E-eu quero que você me foda.

Dança da vitória.

Eu sabia que chegaríamos aqui mais cedo ou mais tarde, mas estou muito feliz por ela ter feito isso tão fácil.

Tiro sua calcinha. São a única peça de roupa que não estraguei. Talvez eu precise remediar isso. Mas não tenho tempo para pensar em roupas quando sua boceta está molhada e esperando.

Eu seguro sua bunda quente em minhas mãos e a lambo. Ela tenta arquear para fora da cama, mas eu mudo minhas mãos para prender sua pélvis para baixo, mantê-la imóvel para o ataque de minha língua. Traço seus lábios internos, a penetro com meu polegar. Eu bato e provoco seu clitóris até que esteja inchado e o capuz puxado para trás.

— Brinque com seus seios. — eu ordeno.

— O que... — Ela levanta a cabeça, parecendo lindamente confusa. Uma onda de orgulho masculino dispara através de mim. *Eu fiz isso com ela.*

— Aperte esses mamilos. Deixe-os duros. — Eu espero até que ela cumpra antes de voltar a dar prazer a ela. Ela arqueia a parte inferior das costas da cama, balançando a pélvis em direção ao meu rosto. Eu vou devagar, mergulhando dois dedos nela e arqueando-os para acariciar sua parede interna.

Ela suspira e aperta meus dedos, a parte interna das coxas apertando meus ombros.

— Stefano.

— É isso, baby. Diga meu nome.

— Eu preciso disso. — diz ela.

Oh, foda-me. *Eu preciso dar a você com tanta força, baby.* Mas também não quero que isso acabe. Eu gosto de ter Corey tremendo e ofegando meu nome como se eu fosse o único homem no universo que pode dar a ela o que ela precisa.

Eu tiro meus dedos dela e pego uma de suas meias. Ela me observa passar por cima dela com olhos de pálpebras pesadas, mas eles se arregalam quando eu pego seus pulsos e rapidamente os amarro.

— Você tem uma coisa de escravidão, Stefano? — Sua voz é suave e sussurrante, sem vestígios do julgamento severo que ela costuma infundir.

— Só com você, *bambina*. — É principalmente verdade. Claro, já amarrei garotas antes, bati em suas bundas, dei ordens nelas. Mas com Corey é muito mais interessante. Ela não é submissa por natureza, então tirar seu poder lhe dá uma liberação muito maior. E francamente, eu quero conquistá-la desta forma.

Eu seguro seus pulsos e trabalho um de seus mamilos com meus dentes e língua. Ela se contorce embaixo de mim. — *Stefano*. — Ela levanta a pélvis para bater no meu pau dolorido. Ela precisa muito disso.

Eu também.

— Implore por isso. — É um desafio. Eu sei que isso vai irritá-la e vai. Ela revira os olhos.

— Você quer ouvir que você é bom?

Eu seguro seu clitóris e acaricio meu dedo médio lentamente ao longo de sua boceta suculenta.

— Você é bom pra caralho. Muito bom. — Ela rola a cabeça na cama com um gemido devasso.

— Implore.

— Você também é um arrogante...

Eu libero seu mamilo com um estalo e arqueio uma sobrancelha em advertência.

— ...bastardo arrogante e controlador que está me mantendo prisioneira.

Eu removo todo o toque, recuando e puxando seus pulsos em direção à cabeceira da cama, onde enrolo uma ponta da meia ao redor do poste. — Mal jogado, *amore*.

Ela arfa, me observando com aqueles olhos azuis brilhantes. Suas pernas balançam inquietas na cama.

Vou até o armário e procuro o vibrador na mala. Sim, eu viajo com ele. Você nunca sabe quando pode precisar dar prazer a uma mulher. Eu torço para ligá-lo e volto para minha adorável cativa.

— Abra suas coxas, *bella*.

Ela puxa seus pulsos amarrados, olhos no vibrador, pernas ainda dançando.

Eu escalo sobre ela. — Não me faça pedir duas vezes. — murmuro.

Seus joelhos se abrem no momento em que a vibração atinge seu clitóris. Eu acaricio lentamente para cima e para baixo em sua boceta, enfio nela, então removo e provooco seu clitóris. Continuo com esse padrão até que suas calças começam a gemer, sua cabeça gira de impaciência.

Por fim, insiro o vibrador nela e saio, depois vou embora.

— Ei! — ela chora indignada enquanto eu vou para o banheiro.

Eu a ignoro e lavo as mãos e o rosto, escovo os dentes.

— Stefano Taccone, seu bastardo. Volte aqui. *Por favor*.

— Baby, eu não vou avisá-la novamente - não me chame de nomes. — Saio do banheiro secando as mãos.

Não é realmente que eu dou a mínima. Mas eu tenho uma reputação. Não posso permitir que ela me desrespeite na frente de mais ninguém.

— Desculpe. — Ela busca meu olhar com um olhar suplicante. — Por favor, não faça isso. Por favor.

— O que você precisa? Pergunte-me docemente.

Ela faz uma careta, mas levanta o queixo. — Eu quero seu grande pau italiano, ok? Você vai me dar?

Eu não posso deixar de rir. Eu puxo o vibrador dela e o jogo na cama. — Eu gosto de você, Corey Simonson. — Eu deslizo minha mão em minha cueca boxer e puxo meu pau para fora. — Muito. — Abro uma camisinha e a coloco.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo, mas você sabe... — Ela olha para seus pulsos amarrados.



COREY

— Oh, você vai gostar, *bella*. Vou me certificar disso. — Stefano esfrega a cabeça de seu pau embainhado sobre minha abertura inchada.

Eu gemo, meus globos oculares reviram na minha cabeça. Então me ajude Deus, eu sei que ele vai. Estou morrendo de vontade de Stefano me tirar do sério. Todo o meu corpo está febril e necessitado dele. E não tenho dúvidas de que ele vai entregar tudo que eu preciso.

Eu dobro meus joelhos em oferenda.

A verdade é que estou gostando demais da minha prisão com Stefano Tacone. O homem é sexy demais para o seu próprio bem. Para o meu próprio bem.

Ele se acomoda, esse membro grosso me estendendo amplamente. Uma vez dentro, ele se retira, agarra a parte superior das minhas coxas e volta para dentro, batendo na minha bunda com suas bolas.

É exatamente o que meu corpo deseja.

Stefano solta um grunhido de prazer, me segurando mais forte enquanto aumenta sua velocidade. — Sim — sussurro, fechando os olhos.

— Olha pra mim, *bambina*.

Eu não sei por que ele quer que eu olhe, mas estalo minhas pálpebras e olho para ele enquanto ele me fode completamente. É mais intenso com nossos olhares fixos - muito mais intenso. As pálpebras de Stefano fecham, mas um músculo em sua mandíbula se contrai enquanto ele empurra com golpes poderosos. Seus olhos brilham com calor escuro, desejo animalesco.

Eu me pego desejando que ele tivesse tirado a camiseta para que eu pudesse ver aqueles músculos protuberantes em seus braços e peito flexionados em glória nua. Foda-se, ele me fez pedir sexo. Eu também posso pedir isso.

— Tire a camisa, Stefano. — Eu nem pergunto.

Seus olhos brilham e um sorriso lento se espalha em seu rosto enquanto ele continua a bombear dentro e fora de mim. Ele tira a camiseta e a joga no chão. — Melhor?

Minha boca saliva, de repente estou morrendo de vontade de passar minha língua por toda aquela carne dura. Seu peito esculpido é coberto por cachos escuros com uma trilha feliz que leva até seu pau. Abdômen de tábua de lavar. Ombros rasgados. Sem tatuagens. Isso me surpreende.

Ele cai para descansar em suas mãos ao lado das minhas costelas, trazendo seu rosto para perto do meu. — Gostou do que está vendo?

Eu estalo meus quadris para encontrar seus impulsos, levá-lo mais fundo. — Sim.

Ele torce seus lábios sobre os meus em um beijo exigente, então empurra de volta para os joelhos e rola os meus até meus ombros.

Eu suspiro com o novo ângulo, a intensidade da sensação. E é aí que ele pega o vibrador. Ele liga e empurra a ponta contra o meu clitóris.

— Não! — Eu me contorço, alarme pré-orgástico piscando através de mim.

— Porra, dê para mim. — ele rosna.

Eu nem tenho certeza do que ele quer dizer, mas ele é implacável com o vibrador e seus golpes de ranger os dentes. Eu explodo. Despedaçar. Desintegrar. Eu não sou nada além de quadris e gritos enquanto ele arranca o orgasmo de mim da mesma forma enérgica que ele exige tudo.

Meus músculos internos apertam em torno de seu pau, apertando.

Percebo que ele está fazendo um rosnado longo e contínuo. Suas narinas se abrem e ele mostra os dentes. O som atinge um pico em um rugido e ele empurra fundo, bumbum resistindo e empurrando quando ele vem.

Eu gozo um pouco mais, outra vibração de músculos apertando em torno de seu pau, ordenhando-o.

Ele cai sobre mim e morde meu ombro, ainda balançando em mim, mas docemente agora. Meu corpo se deleita em cada área de contato, o prazer pós-coito se espalhando por mim como uma mancha de tinta, fazendo toda a noite fodida parecer nada mais do que um prelúdio para isso.

E isso é apenas o sexo falando. Não preste atenção a essa felicidade inspirada no sexo. Eu ainda sou uma prisioneira aqui. E ele ainda é meu guardião.

Mesmo que ele saiba como fazer meu corpo cantar.

Ele finalmente puxa e joga a camisinha na lata de lixo ao lado da cama, então se deita ao meu lado, acariciando minha barriga com a mão.

Eu tenho uma enorme marca de nascença, uma mancha feia de vermelho que se estende ao longo do meu lado, de repente fico constrangida quando ele começa a traçá-la com o dedo.

— Não.

— O que? É linda. Você é linda. Como você não tem namorado?

Eu torço meu nariz. — O que te faz pensar que não?

Seus lábios sensuais se contraem. — Eu imaginei que você teria dito

algo na primeira vez que eu te beijei.

— É justo. — eu admito.

— Eu não entendo, mulher como você. Como você não tem toda uma legião de homens ao seu redor que se ajoelham para te adorar para sempre? Eu pensaria que um gosto e eles estariam perdidos.

Algo se contorce em mim, a sensação doentia de traição e fracasso. — Sim, bem, meu último namorado acabou sendo uma cobra. E seu irmão o fez desaparecer.

Stefano arqueia uma sobrancelha. — Permanentemente?

Um arrepio percorre minha espinha com a confirmação do que poderia ter sido.

— Não, eu não penso assim.

— O que aconteceu?

A raiva sobe em meu peito, quente e abrasadora. — Aparentemente, *um gosto de mim*, como você sugeriu, não foi suficiente, ele pensou que seria legal foder minha prima também. Ele não conseguiu porque Nico apareceu.

Stefano murmura algo e passa a mão na boca. — Como ele não está morto?

Certo. Essa foi a minha avaliação do que Nico é capaz também. — Sondra estava lá, gritando para ele parar. Então ele fez. Disse a ele para deixar o estado ou ele o mataria.

Stefano olha para mim. Acho que ele vai me dizer que Dean era um idiota, ou como estou melhor, mas ele me surpreende. — Você ainda está chateada. — ele observa.

Eu franzo a testa porque, sim, claro que estou chateada. Mas também percebo o que isso significa. Eu não superei Dean. E eu realmente quero ser.

— Você não conseguiu dar uma joelhada nas bolas dele antes de ele sair.

Estou surpresa com a risada que sai dos meus lábios. — Sim, isso pode ter ajudado.

— Eu poderia encontrá-lo para você e trazê-lo de volta. — Stefano oferece. — Deixar você deixar as bolas dele azuis como você deixou as minhas.

Eu rio de novo.

— Estou falando sério. Eu faria isso por você em um piscar de olhos.

Seus olhos castanhos estão calorosos agora, lampejos de ouro e verde brilhando à luz do sol que se filtra pelas cortinas.

— Essa é a sua versão de um cavaleiro de armadura brilhante?

— Sim. Eu acho. — Ele rola para fora da cama e vai para o banheiro. Eu ouço o chuveiro ligar.

Eu o ofendi? Isso foi um desrespeito ao tipo de homem que ele é? Um mafioso?

Não. Isso é impossível. Stefano Taccone é todo confiança e arrogância. Por que ele se importaria com o que eu penso?

Exceto que não consigo afastar a ideia incômoda de que de alguma forma o machuquei. O que, por algum motivo, mata o burburinho pós-orgasmo em que eu estava flutuando.

CAPÍTULO QUATRO

STEFANO

Peço serviço de quarto para o café da manhã e ligo para a recepção para que as roupas de ginástica sejam entregues no tamanho dela. É uma das vantagens oferecidas no Bellissimo. Ligo também para a loja de roupas do cassino e peço para uma consultora de moda escolher uma variedade de vestidos vermelhos para substituir o que cortei e outras roupas e entregá-las no quarto.

Então eu falo com Al Sampson, o detetive que verifica os antecedentes das pessoas para o cassino e pede tudo sobre Corey Simonson.

— Já tenho um arquivo parcial sobre ela. — ele me diz — De quando dirigi sua prima, Sondra Simonson. Vou enviar o que tenho e continuar cavando.

— Você está enviando eletronicamente?

— Sim, você terá em dois minutos.

— Obrigado Al. Aprecio isso. — Eu coloco meu telefone no bolso e endireito minha gravata.

Ignorei a ruiva nua amarrada à minha cama desde o meu banho, o que a está irritando. Vou desamarrá-la quando a comida chegar, mas por enquanto ela pode cozinhar.

Não sei por que estou chateado com ela falando coisas que fazem de mim um homem de família. É como se eu fosse aquele garoto da escola católica de novo. Aquele de quem os outros têm medo. Aquele sobre o qual eles sussurram quando não estou lá e ficam em silêncio quando pergunto o que está acontecendo.

Eu nunca quis ser aquele garoto. Eu não entrava em brigas – a menos que fosse realmente provocado. Como o caçula de cinco garotos Tacone, provar a mim mesmo nunca foi necessário. E realmente, não é meu estilo. Era mais o palhaço da turma. O espertinho que foi enviado para a casa do diretor com um sorriso no rosto. Eu geralmente *gosto* de pessoas.

E Corey é como Tosha Davis. Aquela que eu queria entreter, mas para o qual nunca era bom o suficiente.

Porque o pai dela era político e o meu, um mafioso.

Então agora tenho a filha de um federal amarrada na minha cama. Essa que me viu matar um homem ontem à noite. Não é algo de que me orgulhe, mas não tive escolha. E eu quero que ela me veja como algo além de um mafioso adequado.

O que é estúpido.

Eu não deveria dar a mínima para o que ela pensa de qualquer maneira, não estou entrando em um relacionamento com ela.

Quero dizer, por que eu pensaria assim?

Exceto que também não estou disposto a desamarrá-la e deixá-la sair do meu quarto. E se eu fosse totalmente honesto, teria que admitir que apenas uma pequena parte do meu raciocínio tem a ver com ela me observando puxar o gatilho ontem à noite.

Normalmente termino com uma mulher no momento em que gozo. Quero dizer, não me importo de dar um carinho nela depois, mas definitivamente não quero ficar por aí tomando café da manhã com ela.

Então, por que ainda estou nesta suíte? Não é como se eu não tivesse uma tonelada de merda para fazer no Bellissimo.

Jesus, é como se o súbito apego de Nico a uma mulher me fizesse começar um também.

Talvez esteja pegando. Hehe. Talvez seja alguma atração biológica. Como os genes Simonson combinam bem com os Tacones.

Ok, estou fora da porra da minha zona de conforto agora.

— Serviço de quarto. — Uma batida soa na porta da frente. Eu aponto em advertência para Corey. — Nem uma palavra, *amore*. — Fechei a porta do quarto para bloquear qualquer visão dela.

Assim que o garçom sai, eu a libero e dou a ela uma das minhas camisetas para vestir. — Estou mandando roupas de ginástica e vamos

trabalhar para substituir esse vestido esta tarde. Vamos, pedi comida para nós.

Na verdade, eu não tinha planejado ficar para comer com ela, mas é como se houvesse uma atração magnética, me mantendo aqui na suíte com ela.

Ela está estranhamente quieta enquanto come.

— Você está bem? — Eu me pego perguntando enquanto tomo meu café e a observo.

Ela levanta as sobrancelhas. — Hum, estou bem? O sangue de um cara espirrou em mim ontem à noite, testemunhei um assassinato e agora sou uma espécie de prisioneira do meu chefe, que por acaso é o cara que puxou o gatilho e também gosta de jogos pervertidos. Eu nem sei o que está bem nesta situação.

É minha culpa por perguntar. O que eu pensei que ela diria? Mas sua avaliação - por mais precisa que seja - me irrita. E em vez de ser um idiota, decido que é hora de ir embora.

— Eu tenho que trabalhar. Você vai ficar aqui. Estou mantendo você por perto até descobrir o que fazer com você.

Ela se levanta. — O que há para descobrir? — Ela abre as mãos. — Eu prometo que não direi uma palavra.

— Obrigado. Eu aprecio sua palavra por isso. — Eu digo enquanto caminho para o quarto e pego o telefone da gaveta onde o guardei. — Assim que eu tiver certeza disso, eu vou deixar você ir.

Ela olha para o telefone na minha mão, cautela nublando suas feições. — Você vai me amarrar de novo?

Eu arqueio uma sobrancelha. — Eu preciso?

— Oh não. Não. Huh uh.

Tenho certeza que ela pensa que vai sair daqui assim que eu sair. O que ela não sabe é que coloquei um segurança na porta. Ela não vai a lugar nenhum. Não, a menos que eu queira que ela o faça.

— Bom. Assista um pouco de TV. Relaxe. Voltarei para verificar você.

Ela suga o lábio inferior enquanto me observa sair. Dou uma piscadela da porta, mas não estou me sentindo tão alegre quanto provavelmente parece.

Na verdade, estou preocupado com a coisa toda. Sobre deixar Corey prisioneira. E também sobre deixá-la ir. E eu não sei o que diabos há de errado comigo, mas acho que estou realmente preocupado com o estado de espírito dela - sua felicidade.

Não, é mais do que isso.

Estou preocupado pra caralho que ela nunca vá me perdoar por isso.

E isso é absolutamente diferente de mim.



COREY

A primeira coisa que faço depois que Stefano sai é entrar no chuveiro e ligar a água quente. Preciso de tempo para pensar.

Eu simplesmente vou embora? Ele está me testando aqui? Parece coisa da máfia testar as pessoas. Ele está decidindo se sou confiável com base em seguir suas instruções e ficar parado?

Por outro lado, sou a porra da prisioneira dele! E se eu tiver a chance de fugir, devo, certo?

Só o que então? Não vou à polícia. Eu quis dizer o que eu disse a ele. Eu nunca, em um milhão de anos, seria testemunha contra um Tacone. Isso é suicídio. Eu não me importo se há um programa de realocação de testemunhas. Além disso, Sondra vai se casar com o irmão dele. Esses caras realmente estão prestes a se tornar uma família pelo casamento. Não vou delatar minha família.

E sim, o namorado de Sondra seria mais uma família para mim do que meu próprio pai. Facilmente.

Então, sim, digamos que eu fuja. Então o quê? Quero manter meu emprego aqui. Não tenho vontade de ir à polícia. Também não desejo que Stefano Taccone me coloque em sua lista de procurados.

Meio que parece que eu fico parada. Apesar da minha falta de liberdade, não estou sofrendo aqui. Eu fui alimentada. Ele disse que está enviando roupas. Tive minhas necessidades sexuais atendidas de uma maneira meio alucinante.

Eu lavo e condiciono meu cabelo. Infelizmente, não há navalha. Tenho certeza de que se eu pedisse uma, ele a traria.

O que é meio divertido.

Quando eu supero o susto com o que está acontecendo, é realmente muito divertido. Emocionante, até.

Desligo a água e pego uma toalha.

Uma batida soa na porta.

Merda. Deve ser a roupa. Enrolo a toalha debaixo das axilas e abro um pouco a porta da frente.

— Oh, desculpe, senhora. — Um guarda de segurança fica com o rosto vermelho enquanto empurra uma bolsa Bellissimo para mim. — Eles trouxeram isso para você. — Ele desvia o olhar, olhando por cima do meu ombro em vez de olhar para mim.

— Você está guardando esta porta? — Eu exijo, de repente indignada. Passei todo esse tempo decidindo não ir embora e descobri que não tive escolha, de qualquer maneira.

Maldito Taccone.

O guarda fica ainda mais vermelho. — Ordens do Sr. Taccone, senhora. Desculpe. — Ele joga a bolsa dentro da suíte e fecha a porta na minha cara.

Tcharan.

Pego a bolsa e vasculho. É um top e calças de ioga. Sem calcinha. Terá que servir. Visto-me e arrumo a cama, por falta de coisa melhor para fazer. E porque sou uma daquelas maníacas por limpeza que prefere que as coisas

estejam em seus devidos lugares.

Então me recosto e faço o que Stefano sugeriu - assisto TV. Que diabos, não há nada melhor para fazer.

Às 13h, o serviço de quarto chega com diversas opções de almoço. Às 15h, Stefano finalmente retorna.

Engulo o “demorou o suficiente” em favor de algo mais amigável. — Como estão as coisas por aí?

— Muito bem. — Ele olha ao redor da sala como se procurasse pistas sobre o que eu tenho feito. — O que você precisa aqui? Qualquer coisa?

Ah Merda. Ele está saindo. Pronto para voltar a qualquer momento. Não quero ficar enfiado aqui o dia todo sozinha.

Eu limpo minha garganta. — Eu, uh, poderia fazer algum exercício. Você sabe - eu estou na roupa, mas não tenho onde malhar.

Stefano franze a testa e olha para a porta. Então ele balança a cabeça.

— O quê?

— Tudo bem. — Uma nota de aborrecimento corta a palavra. — Vou te levar para a academia. — Ele vai até o quarto. Quando ele retorna, ele mudou de seu terno listrado cinza metalizado de mil dólares para uma camiseta verde caçadora macia e shorts pretos de treino. A camiseta gasta se estende ao redor dos músculos de seu peito.

Eu resisto ao impulso de dar uma patada no ar.

— Vamos, princesa. Não tenho o dia todo.

Eu ando até a porta. — Agora é princesa? Engraçado, não estou me sentindo muito como uma princesa.

Ele aparece na minha bunda. — Pare de ficar de mau humor. Ande.

Jogo o dedo do meio para ele por cima do ombro, abusando da minha sorte.

Abro a porta e o guarda sai do caminho, acenando para Stefano.

— Dê um tempo. Enviarei uma mensagem para você quando precisar de você novamente.

— Sim, senhor. Obrigado, Sr. Taccone.

Stefano atende o telefone, respondendo a alguns negócios do cassino com respostas curtas e decisivas, depois muda para um dispositivo de comunicação, dando mais ordens enquanto caminhamos em direção ao elevador. Ele passa por mim e aperta o botão do elevador para cima em vez de para baixo.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto. A academia fica no décimo andar, abaixo de nós.

— Academia particular. — Stefano me dá um sorriso digno de modelo e estende o braço para me conduzir até o elevador.

— Oh. Eu não sabia que havia uma academia particular aqui.

— Existem muitas coisas que você não sabe sobre o Bellissimo. — ele diz, passando o braço nas minhas costas como se estivéssemos em um encontro.

Descemos no 18º andar e Stefano me leva a uma academia pequena, mas lindamente decorada, com ar-condicionado. Espelhos cobrem todas as paredes e o chão é feito de material de esteira de ginástica. O cheiro de eucalipto e pinho faz cócegas no meu nariz. Eu olho em volta e me concentro na esteira. A verdade é que não sou do tipo que gosta de malhar na academia. Só estava tentando convencer Stefano a me deixar sair do quarto. Eu nem sei usar nada aqui além da bicicleta ergométrica e da esteira.

Subo e aperto os botões até ligar.

Stefano sobe na máquina de remo e rema como se estivesse falando sério.

Oh droga - aqueles músculos, flexionando. Beleza Pura. Algo vibra no fundo da minha barriga. Ver o poder naquele corpo, a facilidade com que ele o usa me faz lembrar todas as vezes que ele me tocou. Quão gentil ele está considerando do que aquele corpo é capaz. Revivo cada momento de luta

com ele no elevador do estacionamento. A primeira surra. A segunda.

Os orgasmos que ele entregou.

Meus mamilos se irritam contra o interior do top da regata, duros como diamantes.

Não sei o que há com Stefano Taccone, mas a atração animal crua não pode ser negada.

Então sim, acho que ele pode me manter amarrada em seu quarto. Por pelo menos mais um dia.

Ele termina com a máquina de remo e trabalha em cada estação de treinamento de peso até que eu esteja úmida entre as coxas e babando por ele. A última estação está atrás de mim, mas eu o observo pelo espelho, fechando meus lábios em torno dos suspiros que tentam escapar.

Ele termina e caminha logo atrás de mim, pisando nas bordas da esteira e passando por mim para desligá-la. Seu corpo está encostado no meu, a protuberância de seu pau batendo na parte inferior das minhas costas, seus braços musculosos me prendendo.

— Acha que pode me foder com os olhos por uma hora sem repercussões, *bella*? — Ele estende a mão e segura meu seio, pressionando a palma da mão contra meu clitóris da mesma forma que faço quando estou me masturbando. Aparentemente não satisfeito com o punhado cheio que acabou de pegar, ele se mexe para deslizar a mão dentro da minha calça de ioga. — *Foda-se*, baby. Você está tão molhada para mim.

Vejo meu rosto no espelho, boca aberta, abandono já rastejando sobre minha expressão. Quando percebo que ele também está olhando, fecho minha mandíbula, mas ele enfia um dedo dentro de mim.

— Stefano. — eu ofego.

Ele mergulha mais dois dedos, eu já estou no limite, prestes a gozar. — O que, baby?

— Alguém pode entrar.

— Nah, eu tranquei as portas, linda. Eu nunca deixaria você ser vista

assim. — Ele puxa os dedos para fora e arranca minha regata. — Isto é, a menos que você goste de ser vista. Mas eu não acho que você é. Tire essas calças.

Eu obedeco. Aparentemente, estou me acostumando a ficar nua para ele. — O que te dá tanta certeza?

Ele tira uma camisinha do bolso da bermuda - o que significa que planejou isso desde o início - e a abre. Sem deixar cair o short, ele puxa o pau para fora e rola, então gira o dedo para me dizer para virar de volta. — Você é orgulhosa, mas não busca atenção. Você gosta de controlar como é vista e quando. Você não é uma submissa. — Ele dobra meus dois braços atrás das costas e empurra meu peito para baixo nos controles da esteira. Ele se inclina, os lábios em minha orelha. — Mas você gosta de ser amarrada e levada forte.

— Não, eu não. — eu insisto, mas ele está avançando em mim. Minha boca se abre novamente, como uma estrela pornô. Ele recua, avançando novamente - levando seu doce tempo. — Jesus, Stefano, você vai começar?

Ele ri enquanto empurra para dentro, mas então ele não se move, apenas se aproxima e brinca com meu clitóris. Sua outra mão ainda segura frouxamente meus antebraços nas minhas costas.

Eu arqueio contra ele, desesperada para levá-lo mais fundo, para obter satisfação.

— Você sabe por que uma mulher como você quer ser amarrada?

— Foda-se, Stefano.

— Você quer dizer foda-me, não é? Você precisa de outra lição sobre como implorar?

— Não. — eu ofego, a necessidade queimando em raiva, a febre lambendo entre minhas coxas, meu pescoço, meus seios.

Ele não se mexe.

— Oh Deus. — eu gemo, já admitindo a derrota. — Por favor, foda-me. Duro.

— Claro, *bella*. Quem iria recusar isso a você? — Ele apalpa meu seio e belisca meu mamilo. — Especialmente quando você fica tão linda pegando meu pau. — Ele recua e perfura em mim, duro.

Eu suspiro de alívio.

Usando meus cotovelos como alavanca, ele recua e bate, de novo e de novo.

— Você não me respondeu. — Outro golpe brutal. Minhas coxas tremem. Eu subo na ponta dos pés, empurro minha bunda de volta para ele. — Você sabe por que você gosta de ser contida? E não diga que não, porque estou dentro da sua boceta ensopada agora, baby. Eu sei que você está a três golpes de um orgasmo.

— Ugn. — Eu faço um som ininteligível e então choramingo, fechando minhas pálpebras.

— Abra os olhos, Corey. Eu quero ver esses olhos azuis no espelho quando eu fizer você gozar. Quando eu a possuo tão completamente, você esquece seu nome.

Deus, é verdade. Eu já estou lá.

— Por que, Stefano? — Eu ofego porque preciso saber a resposta agora. Seja o que for, ele pensa que sabe sobre mim.

— Porque abrir mão do controle seria errado. E você gosta de acertar as coisas, não é, *amore*?

Aperto meus olhos fechados enquanto a dor atravessa meu peito. Ele acertou tanto que queima. Durante toda a minha infância, fui feita para me sentir errada, nunca boa o suficiente. Sempre uma merda.

Meu pai era um bastardo exigente que gostava de sermão, gostava de me dizer o que fazer. Gostava de nos esbofetear se estivesse bebendo.

A dor dessa realidade me atinge ao mesmo tempo que o prazer de ser montada por Stefano. De repente eu quero lutar com ele, mas é tarde demais, meu corpo já está capitulado, boceta apertando seu membro grosso, pulsando em dobro com meu batimento cardíaco.

— Foda-se. — Stefano resmunga.

Ele me arrasta de joelhos na esteira inclinada e empurra meu tronco para baixo. Ele me leva desse ângulo até meus dentes baterem e meu ponto G ficar dormente, então ele me vira de costas e termina, prendendo meus antebraços na estrutura da esteira.

Eu chego ao clímax com ele, levantando os quadris e empurrando contra os dele, meu grito alto o suficiente para ecoar nos espelhos.

Não posso me mover depois. Estou mole e desossada com os dois orgasmos. Ele teria que me arrancar da esteira se quisesse que eu levantasse.

Ele se levanta e joga a camisinha no lixo perto da porta, o que me faz estremecer ao pensar em quem pode vê-la ali.

Então ele volta e se apoia no trilho da esteira, olhando para mim. — Eu quero manter você nua assim para sempre. Colocar essas roupas de volta em você - tão quente quanto você parecia nelas - seria uma maldita farsa.

— Você tem uma queda por pele branca pastosa e marcas de nascença? — Eu tiro sarro de mim mesma porque estou me sentindo muito crua, como se ele tivesse me despojado emocionalmente quando disse por que gosto de sua forma de sexo. E estou começando a gostar demais de seus elogios. Acredite, até, o que é um grande erro.

Ele franze a testa e balança a cabeça. — Eu amo essa marca de nascença pra caralho. Eu te disse isso antes. Vou comprar para você um guarda-roupa inteiro de camisetas umbigo á mostra para que você possa exibi-la.

Eu viro meu rosto para longe dele, o que não me leva a lugar nenhum, já que estamos cercados por espelhos.

— Stefano? — Pergunto ao homem no espelho.

— Sim?

— O que você vai fazer comigo? Sério?

Ele caminha para o outro lado da esteira, o lado para o qual virei e se

agacha na minha frente. Seus lábios franzidos são macios e beijáveis, dedos emaranhados fortes e calejados. — Eu estou mantendo você perto. Você vai ser minha sombra até que eu tenha certeza de você.

Alívio cascadeia através de mim. Deve aparecer no meu rosto, porque Stefano franze a testa. — Você estava preocupada que eu fosse te matar?

— Não. — eu retruco, sentando-me, deixando meu cabelo cobrir meu rosto. Por alguma razão, as lágrimas ficam presas em minha garganta.

É claro que ele deve ouvir, porque ele sai da esteira e me levanta, me puxando contra seu peito. Sua mão livre roça levemente minha bochecha.

— Então, o que é?

Uma lágrima errante sai do meu olho e eu luto contra ele para me afastar. Nem eu mesmo sei por que engasguei.

Ele se inclina e o lambe com a língua. — É tão horrível? — Sua voz mal passa de um sussurro.

Eu encontro seu olhar, surpreso. É horrível? Ser a sombra de Stefano? Sua prisioneira cativa? Não. De jeito nenhum. Ele estava certo; é maravilhoso no sentido de que *não sou responsável por nada disso, então posso me soltar e aproveitar de alguma forma.*

— E-eu acho que estou apenas aliviada. — admito.

Os ombros de Stefano relaxam e ele puxa minha cabeça contra seu peito, ainda segurando meus pulsos cativos. — Você ainda acreditava que eu ia te matar.

As palavras soam chocantes em voz alta. Estou surpresa que ele possa dizê-las tão facilmente, mas sim. Ele tem razão. Mesmo que ele não se sinta nada além de segurança agora, uma parte de mim ainda temia pela minha vida.

Eu aceno contra seu peito, lágrimas quentes inundando meus olhos agora.

— Esse nunca foi meu plano. — ele resmunga acima de mim, seus lábios no meu cabelo. — Eu te disse isso desde o começo.

E eu não acreditei em você.

Ele acaricia minha nuca, brincando com os cachos de bebê ali. — Sinto muito por você estar com medo, *mi amore*. — Ele beija minha cabeça. — Eu não quero que você tenha medo de mim.

Apenas à sua mercê.

Eu afasto. Isso ainda não bate. — E se você não pode ter certeza de mim? E então?

— Vou ficar com você até que eu possa. — Ele pisca. Ele está tentando me provocar, mas eu não estou tendo isso.

Eu balanço minha cabeça. — E se eu for um problema? E então? — Estou pressionando pela resposta que não quero ouvir, mas sinto que precisamos ser claros. Ele pode ter me oferecido o sexo mais incrível da minha vida, mas nada muda o que isso é. Eu sou sua cativa. Se eu não cooperar, estou morta.

Ele franze os lábios. — *Bambina*, o que você está tentando me fazer dizer? Eu não quero fazer isso.

Coloco minhas mãos em meus quadris, desafio claro.

Eu vejo a sombra do perigo aparecer em seu rosto. — Você vai ser um problema?

Ignoro a pontada de medo em minhas entranhas. — E se eu for? — Eu sussurro, minha boca seca como o Saara, não me refiro ao cassino.

Ele enfia as mãos nos bolsos da bermuda e me olha com frieza.

— Então você me mata? — Não sei por que essa é uma discussão que estou tentando vencer. Preciso provar que tenho o direito de ter medo? Que eu sei com o que estou mexendo, aqui?

— Não. — Ele balança a cabeça imediatamente e dá um passo à frente, mas eu recuo. Ele para. — Eu já te disse não.

— Então o quê?

Ele esfrega a mão na boca. — Então eu usaria seus pontos de pressão.

— ele finalmente admite.

É bizarro o alívio que é ouvi-lo admitir isso. Para saber a pontuação.

— Eu vejo. Então é isso. Você me amarra em sua cama até ter certeza de mim ou saber o suficiente sobre mim para me manter com medo pelo resto da minha vida.

Ele franze a testa e avança para mim tão rapidamente que não consigo me afastar. Ele agarra meu braço e me puxa para ele, meu corpo caindo contra os planos duros de seu grande corpo. — Isso não é o que é. Não defina assim, porra. — Ele está bravo e não sei por quê. Estranhamente, sua ira me excita.

Isso significa que ele se importa?

Pare com isso.

Não pense assim. Stefano Taccone não *liga* para as mulheres. Ele é um jogador. Ele ama as mulheres, ele sente prazer em observar as mulheres, aprecia seus corpos, sacia sua luxúria com frequência e com gosto. Isso não significa que ele desenvolva sentimentos por elas.

Por mim.

Seus lábios se chocam contra os meus. Eu respondo antes mesmo de começar a me perguntar se devo me conter. É como se meu corpo tivesse sido feito para ganhar vida sempre que ele o toca. Não importa se ele estava apenas me ameaçando, se ele está me mantendo cativa ou me atormentando. Eu sou sua.

Meu orgulho me diz para me afastar, mas estou arrebatada pelo momento. Eu quero que ele continue, para me mostrar o que vem a seguir.

Ele me leva para trás, lábios fechados até que minha bunda bate na parede, então ele continua empurrando, pressionando seu comprimento duro contra minha barriga enquanto sua língua acaricia contra a minha. Ele sobe para respirar e insinua uma coxa sólida entre as minhas pernas. — Antes de tudo, eu queria transar com você no primeiro momento em que a vi parada atrás daquela roleta.

Perdoe-me? Eu dou a ele um olhar de *que porra você está falando e*

ele bufa com impaciência.

— Você estava insinuando que eu estou te fodendo para mantê-lo quieto? Como se eu fosse uma prostituta que resolve problemas com sexo?

— Ele franze a testa e xinga alguma coisa em italiano.

— Se o sapato servir?

— Bem, talvez eu esteja, mas apenas com você. — Seu olhar escuro me perfura. — *Amore*, você está emaranhada em algo feio. Algo em que nunca quis que você se envolvesse. A culpa é minha e estou fazendo o possível para consertar.

— Maneira interessante de consertá-lo. — Não consigo evitar que a secura estrague minhas palavras.

Stefano pega minha roupa descartada e a coloca sobre minha cabeça.

Sessão encerrada. Discussão encerrada.

Tenho certeza de que estou no mesmo lugar de quando comecei, exceto que tenho todos os tipos de hormônios sexuais felizes fluindo em minhas veias, tirando toda a força de ser prisioneira de Stefano.

CAPÍTULO CINCO

STEFANO

Eu levo Corey de volta para a suíte, checando meu telefone em busca de uma mensagem de Nico. Não tenho notícias dele desde que ligou no caminho para ver nosso pai na prisão, estou um pouco preocupado. Antes de chegarmos, recebo uma comunicação urgente de Tony no fone de ouvido que enfiei no bolso do meu short de ginástica.

— Temos uma situação.

— O que é? — Eu rosno, ajustando o dispositivo no meu ouvido.

— Ferimento de faca em um dos guardas. Um cara roubou a bolsa de uma senhora e ele o pegou.

— *Foda-se*. Você ligou para o 911?

Corey me lança um olhar preocupado quando as portas do elevador se abrem. Eu agarro seu cotovelo e a conduzo para minha suíte.

— Veículo de emergência está a caminho.

— Quem é o guarda? — Eu abro a porta. Uma arara inteira de roupas para Corey foi entregue enquanto estávamos fora, mas ela não se mexe para olhar, ela está me observando, ouvindo.

— Joey Spitazzi.

— *Merda*. Você ligou para a esposa dele?

— Eu estou prestes a fazer. Vou pegar o número dela no RH. O que você quer que eu faça com o bastardo que fez isso?

— Você o tem em mãos?

— Oh sim. — Há ameaça na voz de Tony. Ele não é um cara mau - não gosta de infligir dor - mas é leal como o inferno. E Joey faz parte da Família, embora distante. Ele é um grunhido, um jovem soldado. O primo de alguém ou outro parente que queria um emprego nosso. Ainda assim, ele é um dos nossos. E nós protegemos os nossos com nossas vidas.

— Não, você tem que entregá-lo à polícia. Se uma ambulância estiver chegando, as autoridades serão envolvidas. Sempre podemos lidar com as coisas do nosso jeito se não estivermos felizes com o resultado.

— Verdade isso. Ok, chefe. Você me quer no hospital depois que eu falar com a polícia?

— Você mantém sua posição aqui. Eu vou para o hospital. Obrigado, Tony. — Eu termino a ligação e vou para o quarto para tomar um banho rápido e voltar a vestir um terno.

Corey me segue, parada na porta do banheiro enquanto tiro minhas roupas, como se fôssemos um casal. — Alguém está ferido?

— Sim. — Entro no chuveiro e esfrego rapidamente uma barra de sabonete no corpo. — Um dos guardas foi esfaqueado por um ladrão de bolsas. Vou para o hospital.

Para minha surpresa, Corey intervém. Por mais que eu adoraria perfurá-la contra o azulejo, não tenho tempo para essa merda. Mas ela não parece estar tentando me seduzir. — Quer que eu vá junto?

Eu pisco para ela, a água escorrendo pelo meu rosto. Huh. — Sim. OK. — Por que diabos não? Ela pode realmente facilitar as coisas ao lidar com a esposa do cara. Especialmente se Joey morrer.

Então, novamente, isso pode ser sua manobra para escapar, eu definitivamente não tenho largura de banda para mantê-la sob controle enquanto estou tentando lidar com a merda.

Ela estende a mão para o sabonete e eu dou a ela e saio, minha mente já no hospital, torcendo para que não percamos um soldado.

Quinze minutos depois, descemos para o estacionamento. Corey está vestindo uma blusa marfim e um par de calças jeans pretas com seus saltos altos. Ela parece uma modelo mostrando a linha de roupas de verão. Eu a levo até a Mercedes preta de Nico e ligo para Tony para saber para qual hospital Joey foi levado. Vinte minutos depois, entramos na área de espera.

Uma jovem com dois filhos em idade pré-escolar se levanta quando chegamos lá. Seu rosto está manchado de lágrimas e pálido, cabelo escuro

preso em um coque bagunçado na cabeça. — Nico? — ela pergunta timidamente.

— Stefano Tacone. — eu digo. — Irmão de Nico.

— Eu sou Trisha. A esposa de Joey.

Eu a puxo para um abraço porque, bem, é assim que se faz na minha família. Um cara pega uma facada por você, você vai abraçar a esposa dele, mesmo que você nunca a tenha conhecido. — Qual é a palavra sobre Joey? — Eu pergunto quando nos separamos.

Lágrimas surgem em seus olhos. — Ele está em cirurgia. Não sei. Disseram que mesmo quando ele sair, não posso trazer as crianças de volta para lá. — Suas duas filhas se escondem atrás de suas pernas e nos espiam.

— Bem, eles podem ficar aqui comigo. — Corey oferece. — Ou você tem alguém que possa vigiá-los? Eu poderia deixá-los em algum lugar.

Alívio pisca no rosto de Trisha. — Sim, minha amiga pode vir quando ela sair do trabalho, mas se eu puder ir vê-lo antes disso, eu preciso.

— Claro. Vou ficar com os pequenos. — Corey sorri para as meninas, que a encaram como se ela fosse uma princesa. E quem poderia culpá-las? Com os saltos, Corey tem quase um metro e oitenta e cinco, seu cabelo cor de fogo cai em ondas pelas costas como se ela fosse da realeza. Eu tenho que afastar a fantasia de envolvê-lo em volta do meu pau e me masturbar.

— Mamãe, estou com fome. — diz uma das garotas, olhando para Corey, como se estivesse testando para ver o quão sincera ela é.

— Vamos encontrar um lanche para você. — Corey estende a mão.

A garotinha pega timidamente.

— Só que vou precisar da carteira do tio Stefano porque não tenho minha bolsa. — Ela me lança um olhar quase provocador.

Eu passo para o lado dela e toco suas costas. Não é que eu não confie que ela vai voltar. Não consigo imaginá-la sequestrando ou abandonando uma criança. É que estou fascinado demais por ela para querer deixá-la fora de vista. — Eu irei junto. Onde você está indo; o Starbucks no final do

corredor?

— Sim. — Ela se inclina para olhar a garotinha. — Acha que podemos encontrar algo para você lá?

A garota assente gravemente. É uma sensação bizarra andar com Corey e uma criança pequena pelos corredores de um hospital. Ambos novos e únicos e ainda estranhamente familiares ao mesmo tempo. Seria verdade para qualquer experiência sob o sol - com Corey.

Ela é tão diferente. Este direito. Eu nunca em um milhão de anos teria imaginado que ela seria boa com crianças. Ela não é o tipo calorosa e fofa de professora da primeira série, mas aqui está ela com uma criança pequena enrolada em seu dedo.

Ficamos na fila do Starbucks do hospital e Corey pede um café com leite para ela e Trisha e Ninja convencem a garotinha a trocar um donut por um iogurte com frutas. Peço um expresso duplo e bebo antes de sairmos do balcão.

— Qualquer coisa em que você não seja boa, Corey Simonson? — Jogo o copo vazio na cesta de lixo.

A surpresa ilumina seu rosto. — O que você está falando?

Eu levanto meu queixo para a garotinha, que está tagarelando enquanto caminha ao nosso lado, carregando o iogurte e duas colheres para que ela possa compartilhar com sua irmã.

Rosa mancha suas bochechas. — Não sou boa com crianças. — Ela dá de ombros. — Eu só acho que alguém precisa intensificar agora.

— Eu li seu arquivo. Bacharel em psicologia, graduada com honra. Por que você está trabalhando como crupiê em Las Vegas?

Ela diminui seus passos, uma carranca aparecendo entre suas sobrancelhas. — Primeiro de tudo, que arquivo você leu?

— Aquele que meu irmão montou quando começou a namorar Sondra. Acho que ele já sabia que seu pai é federal.

Sua expressão nubla ainda mais. — Ok. Estou um pouco assustada

agora. Mas talvez não mais do que eu estava adormecendo ontem à noite com meus pulsos amarrados na cama.

Droga. Minha preocupação de que ela nunca me perdoe parece válida.

Ela balança seu lindo cabelo. — Não responda a isso. — Chegamos à sala de espera e ela entrega o café a Trisha enquanto as garotas se agacham para brigar sobre quem fica com o iogurte enquanto elas compartilham.

Corey se senta e eu me sento ao lado dela, ainda esperando por uma resposta. Depois de um momento, ela diz: — Sei que parece que desisti da minha carreira – da minha vida. Meus pais definitivamente pensam assim. Vim para cá para fazer pós-graduação e acabei conseguindo um emprego no Bellissimo por diversão. Desisti três meses depois.

Eu sabia disso pelo arquivo dela, mas adoro ouvir isso dela. Fico quieto, esperando que ela continue.

— O Bellissimo satisfaz uma coceira em mim. Eu sempre odiei o mundano. Eu fico entediada rapidamente, sabe?

Concordo com a cabeça, porque faz sentido. Ela é uma mulher esperta - uma mulher comum não funcionaria.

— Quero dizer, eu cresci em Marshall, Michigan, pelo amor de Deus. É o tipo de lugar para entrar no time de futebol e cortar a grama aos sábados. Só que sempre soube que não me encaixava. Tive um pai que trabalhava para o FBI para começar. E por outro, ele era um alcoólatra funcional e um idiota. Tragicamente, provavelmente adquiero dele minha impaciência com o resto da população. Ele estava sempre derrubando todo mundo. Ele viu através de cada mentira, destruiu cada sonho.

Ela ri, mas é amarga e eu já quero matar o pai dela. Não seria difícil de fazer.

— Sondra e sua família moravam do outro lado da rua, o modelo de como uma família deveria ser. Pais cafonas e solidários, boletins fixados na geladeira. — Ela olha para as unhas, a manicure francesa discreta fazendo seus dedos parecerem ainda mais longos. — Os pais de Sondra costumavam ir aos jogos de futebol dela com os rostos pintados com as cores do time. Eles carregavam faixas e cartazes torcendo por ela.

— Sempre rezei para que meu pai não viesse, porque ele ficava do lado de fora e me repreendia a cada movimento errado. Ele mastigou o técnico, o técnico do outro time. As outras crianças. Foi um maldito pesadelo.

— Pai do ano. — murmuro.

— Sim. — Ela sacode a cabeça de repente para olhar nos meus olhos.
— Por que estou contando tudo isso?

— Você estava explicando como se tornou um crupiê.

— Certo. — Ela suspira e olha para a área de espera na saída. — Por que eu odeio o normal. Então, sim, sou formada em psicologia porque me interessa pelas pessoas. O que os faz funcionar. Mas a faculdade era muito comum, muito chata. Muito estruturada, delineada e confinante. Então, pensei, por que aprender com um livro didático quando posso estudar a clientela Bellissimo para o deleite do meu coração? E o dinheiro é bom.

Algo dentro do meu peito se reorganiza. Eu não consigo nomear a necessidade de arranhar subindo. Um desejo de consertar sua dor? Protegê-la de mais disso? Livrá-la de todas as besteiras da vida? Como se isso pudesse ser feito. Não, a vida é uma merda para quase todo mundo. Algumas pessoas se elevam porque têm aquela potência bruta que o resto da população renuncia. Acho que pode ser disso que Corey está falando com sua rejeição ao normal. Ela não vai se deitar e aceitar. Ela está lutando para trás, mesmo que sendo um crupiê parece que ela se deitou para levar isso para o resto do mundo.

— Você já pensou em voltar?

— Para a faculdade? — Ela ergue as sobrancelhas. — Não. Muitas vezes penso que *deveria*. Não terei nenhuma carreira à qual recorrer quando meu chefe me demitir por chamá-lo de idiota muitas vezes. — Ela lança um olhar sob seus cílios para mim que faz meu pau se contorcer em minhas calças. Eu poderia estar errado sobre ela não ser submissa sob toda a arrogância. — Ou se eu quebrar meu tornozelo e não puder ficar atrás da mesa por horas a fio. Ou quando fico entediada em categorizar os jogadores. Mas eu realmente não consigo me empolgar com isso. Até

abandonar a pós-graduação, ainda estava tentando provar meu valor para meu pai, que nunca o viu. E agora que finalmente percebi minha idiotice, simplesmente não consigo me obrigar a fazer coisas que a sabedoria convencional diz que *devo* fazer. — Ela dá de ombros. — Eu não quero ser comum.



COREY

Oh Merda. O que diabos me fez compartilhar tanto assim?

Stefano olha para mim, seus cílios escuros e ondulados, grossos e bonitos contra o pano de fundo de um rosto tão masculino. Não consigo lê-lo, mas sua atenção me faz mexer na cadeira, mudar o cruzamento das pernas.

Uma enfermeira sai e chama por Trisha. Todos nós nos levantamos e assistimos enquanto Trisha corre. Quando ela volta, ela diz: — Eles disseram que ele saiu da cirurgia e está estável. Ele provavelmente não vai acordar esta noite, então ela disse que eu deveria ir para casa descansar e voltar amanhã. — Seu lábio treme.

Stefano enfia a mão no bolso e tira um cartão de visita. — O número do meu celular está aí. Mantenha-me informado, certo?

Ela balança a cabeça, os olhos cheios de lágrimas. — Sim, ok. Eu vou. Muito obrigada.

Ele toca o ombro dela. — O Bellissimo cuidará de todas as despesas médicas e falta de pagamento. Tudo o que Joey precisa se preocupar é se recuperar.

Trisha avança e lhe dá um abraço apertado em volta da cintura.

Stefano a abraça de volta com um braço. Enquanto nos afastamos, ele entrelaça seus dedos nos meus. Minha respiração para por um momento. Depois de todas as coisas que ele fez comigo - fizemos juntos - é estranho que segurar minha mão seja o gesto mais íntimo, mas é.

É terno. Doce.

Coisas que não associo a Stefano Tacone, realza do submundo de Las Vegas.

Não consigo nem imaginar por que ele faria isso, mas também parece perfeito. Emocionante, até.

Na volta, ele liga para o cassino para fazer um relatório e informa a situação de Joey.

Chego ao Bellissimo uma mulher mudada. É como se eu estivesse vendo as coisas pela primeira vez enquanto deslizo com a mão de Stefano na parte inferior das minhas costas. Vendo-os de sua perspectiva, percebendo o quanto ele tem que se preocupar com a partida de Nico.

E, no entanto, ele não me abandona imediatamente, como eu esperava. Eu nem ia reclamar. Não, ele me pergunta qual restaurante do cassino é o meu favorito.

— Caffè Milano. — eu digo a ele, indicando o restaurante inspirado em um café italiano na calçada. Tem mesinhas fofas aninhadas e espalhadas do lado de fora do restaurante em um pátio exuberante. — Eles têm a melhor salada Caprese.

Seus lábios se contorcem e ele me leva até lá, pedindo uma mesa na “calçada” o que na verdade significa apenas fora do pseudo-recinto, com vista para a agitação do cassino.

— Isso é para que você possa ficar de olho nas coisas? — Eu pergunto enquanto ele segura minha cadeira para mim.

— Sim. Fique de olho também.

Eu amo que ele me recrute assim, do jeito que ele fez ontem à noite no salão antes do jogo malfadado. Ele acha que posso contribuir com seus esforços. Isso me faz querer agradá-lo, o que provavelmente é um território perigoso. Não preciso trabalhar duro para impressionar um cara. Eu fiz isso por muito tempo com meu pai. Mas talvez eu tenha escolhido um perdedor como Dean de propósito porque não queria impressionar um cara.

— Conte-me sobre as categorias em que você coloca os jogadores. —

Stefano desvia o olhar dos transeuntes para mim.

Eu amaldiçoo o rubor que atinge minhas bochechas. Por que eu contei tanto a ele?

— Vamos, não seja tímida. — Ele coloca mais vinho no meu copo. — Eu quero ouvir o que você aprendeu. Pode ser útil para mim, trabalhando com segurança.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — Sim, provavelmente poderia. Foi como eu soube que algo estava errado com você naquela primeira noite.

Seus lábios sensuais se abriram em um lento sorriso. Ele se inclina para frente, os olhos brilhando com intensidade. — Diga-me.

Eu gostaria de dizer que sou imune a ter cada palavra minha pendurada por um homem sexy e poderoso, mas isso faz algo louco por dentro. Meus mamilos endurecem, mas é além do sexual. É mais como energia girando ao meu redor, sussurrando coisas perigosas em meu ouvido. Coisas que eu quero acreditar.

Tomo um gole de vinho. Sua atenção continua cravada em mim. — Existem três tipos de grandes jogadores. — digo a ele. — O cerebral, o selvagem e louco, e o enérgico, por falta de um termo melhor. — Eu explico cada um deles e ele se apegando a cada palavra minha.

— E então, se alguém está gastando muito e ele ou ela não é um desses três, você sabe que algo está errado.

Eu concordo. — Certo. E eu deveria saber ontem à noite porque Donahue também não se encaixava. Eu tinha muitos sinais de que as coisas estavam erradas com ele, mas não entendi rápido o suficiente.

Stefano cobre minha mão com a dele. — Sinto muito que você teve que ver isso. Eu realmente sinto.

Eu não quero contemplar o que significa que ele não disse que estava arrependido pelo que aconteceu, ou que um cara morreu ou algo assim. Quero dizer, eu teria feito a mesma coisa no lugar dele. O cara ia matá-lo. Mas ele levou tudo muito friamente.

Sua unidade de comunicação vibra e ele escuta e fala nela. Então ele

olha para nossos pratos vazios. — Eu preciso sair no salão. Você quer vir comigo? Ser minha sombra durante a noite?

É um sinal da Síndrome de Estocolmo que eu fique animada com sua oferta, como se ele estivesse me levando para um passeio chique na cidade, em vez de me deixar sair de seu quarto. Ainda assim, eu aceno ansiosamente, porque é o que eu quero.

— Deixe-me ver você em um daqueles vestidos que trouxeram para o meu quarto, então. — Ele se levanta e me leva até o elevador.

Ignoro o fato de que há um pouco de emoção com a ideia de me vestir para ele, proporcionando o estímulo visual que ele estava procurando quando me pediu para trabalhar nos jogos particulares.

— Então, você vai me deixar de volta no salão, ou eu ainda sou sua crupiê de jogo particular? — pergunto no elevador. O que realmente estou perguntando é: minha prisão terminará algum dia? Ainda terei um emprego? Quando podemos voltar a um terreno familiar para que eu possa me recuperar desse passeio insano?

Ele me considera. — Não tenho certeza, *amore*. Qual é a sua preferência?

— De volta ao salão. — eu digo sem hesitação.

Ele concorda. — Onde você pode observar as massas?

— Exatamente.

Ele encolhe os ombros. — Eu acho que você foi feita para mais, *bella*. Seu conjunto de habilidades vai muito além de jogar cartas e contar fichas, embora você seja muito boa nisso.

E assim ele vira meu carrinho - o golpe do meu ego quase me faz perder o fato de que ele está recusando minha escolha novamente.

Seu celular toca e algo parecido com alívio pisca em seu rosto. — Nico. — ele responde — Que porra é essa?

Eu ouço Nico dizer algo sobre seu telefone estar morto.

— Como foi? — Stefano pergunta em um tom baixo e sério.

Estamos na suíte agora, mas não me mexo, querendo ouvir. Stefano dá um tapa na minha bunda e levanta o queixo para a arara de roupas. Eu faço uma careta para ele, mas me afasto. Pelo que sei, eles estão discutindo algo ilegal. Deus sabe que não preciso estar envolvida em mais nenhum crime.

As roupas que Stefano enviou devem custar uma fortuna. Elas são de uma das lojas de luxo do cassino - um lugar para grandes apostadores gastarem seus ganhos. É tudo alta costura, nomes de marcas e eles me fazem parecer um milhão de dólares. Pena que não posso ficar com eles.

Enquanto coloco um dos vestidos vermelhos - um vestido justo com uma tira de tecido em volta do pescoço, mas um recorte no peito para mostrar meu decote - ouço Stefano xingar em italiano. — E Sondra? Ela está bem?

Eu fico na porta para ouvir e Stefano não me enxota.

— Obrigado, porra. — ele diz, o que eu entendo como significando que Sondra está bem. O alívio de Stefano indica que ela quase não foi? Ele escuta por mais um minuto, então diz: — Tudo bem, vejo você amanhã. Ansioso para conhecer minha futura cunhada. — Ele pisca para mim, mas a linha entre suas sobrancelhas faz sua expressão parecer séria. Ele termina a ligação e caminha até mim, tocando minha cintura. — Termine. Cristo, você é linda. — Ele afasta meu cabelo do meu ombro e morde meu pescoço.

— Sim, este servirá como meu vestido substituto.

— Guarde todos eles. — Ele acena com a mão com desdém. Não tenho certeza se ele percebe que a arara provavelmente abrange mais de 10 mil em roupas. — Ninguém deveria usar um vestido vermelho além de você. Você é um nocaute de merda em vermelho.

Eu bufo. — Você não sabe que ruivas não devem usar vermelho? — Já estou calculando quanto posso ganhar vendendo no Ebay⁴.

— Oh eu sei. Mas você não é uma ruiva *comum*. — Ele enfatiza a palavra *comum* como se realmente tivesse me ouvido antes, realmente entende o que eu quis dizer. E percebo que nunca vou vender um único.

— O que aconteceu com Nico e Sondra? — Eu exijo.

Stefano balança a cabeça. — Só algumas merdas que Nico teve que resolver.

— Sobre rescindir o contrato de casamento?

Stefano arqueia uma sobrancelha. — Você sabe sobre isso?

Eu coloco minhas mãos em meus quadris. — Eu disse a você que sou praticamente da família.

Ele sorri. — Então você é. — Ele esfrega a mandíbula sombreada. — Nico consertou. Nosso irmão o fez suar, no entanto. Eles assustaram sua prima, mas ela está bem. Eu pediria desculpas, mas se eu assumisse a responsabilidade pelas coisas desagradáveis que minha família faz, eu nunca pararia.

Meu coração aperta um pouco por Stefano. Como eu, ele não pode evitar quem é seu pai. Ele não escapou do legado de violência.

Sua unidade de comunicação vibra novamente. — Vamos embora, *bella*. Temos coisas para fazer.

CAPÍTULO SEIS

STEFANO

Eu ando pelo cassino com Corey ao meu lado. As pessoas que não a reconhecem assumem que ela é minha namorada. Tenho certeza de que formamos um par impressionante. Aqueles que a conhecem, lançam lhe uma série de olhares, variando de ciúmes a preocupação e curiosidade.

Na descida, ela reclamou de não ter nenhum cosmético, então paramos no salão para maquiá-la e depois tive que levá-la ao joalheiro da casa para comprar um par de brincos de diamantes.

Eu gosto de mimá-la. O fato de Corey não jorrar ou ronronar quando eu faço isso torna tudo ainda mais prazeroso. Ela se faz de difícil, me fazendo trabalhar por seus sorrisos e compensar por mantê-la como minha prisioneira. Mas não se trata apenas da perseguição com ela.

Estou fascinado pra caralho.

Mas eu teria que estar louco para me envolver seriamente com a filha de um federal. Um federal *torto*, de acordo com a pesquisa de Nico. O que significa um idiota imprevisível e perigoso. E Junior, meu irmão idiota que acabou de apontar uma arma para a cabeça de Nico por querer se casar com a mulher de sua escolha, provavelmente iria me mandar matar o cara se eu quisesse continuar saindo com Corey.

E não vou matar a porra do pai dela. Mesmo que estejam separados.

Eu me inclino para Corey. Estamos observando uma das mesas de blackjack, deixando o crupiê nervoso. — Conte-me sobre quem você vê. — murmuro.

— Gastador cerebral. Provavelmente tentando contar cartas. Quando perde a conta, passa a mão no cabelo e sacode o gelo da bebida. Do qual ele não bebeu uma gota.

— Trabalhando sozinho?

— Sim. Ele ganhou dois mil, mas está ficando cansado. O estresse

disso o esgota.

Eu acaricio minha mão para cima e para baixo no lado de Corey. Estar perto de seu corpo me eletriza, mas ouvir como seu cérebro funciona – testemunhar seu brilhantismo em primeira mão – isso deixa minha alma em chamas.

— O que mais? — Eu indico.

— Jack é o crupiê. Ele acidentalmente colocou uma ficha de \$ 20 destinada a ele no pote da casa, provavelmente porque o estamos assustando assistindo. Caso contrário, ele é um negociante decente.

— Alguém mais interessante?

— Não. Jovens que não sabem o que estão fazendo. Pessoas com dinheiro a perder. É isso.

— Próxima mesa. — Eu a guio para outra mesa e peço uma bebida para ela. A gerente do andar vem fazer o check-in e quando ele sai, ela me dá um relatório igualmente pertinente sobre as três mesas em sua visão.

Se ela fosse um homem musculoso, eu a colocaria na minha equipe de segurança em um piscar de olhos. Do jeito que está, não consigo decidir o melhor uso de seus incríveis talentos. — Estou pensando que quero você em todas as entrevistas de emprego no Bellissimo. Tem certeza de que não quer um emprego em RH?

Ela franze o nariz para mim.

Outra ideia me ocorre. — Você já jogou pôquer?

Ela muda o cruzamento de suas longas pernas e as lembranças daquelas pernas abertas na minha cama me deixam duro. É um estado perpétuo em torno desta mulher. — Croupiers não podem jogar em seu próprio cassino.

Eu sorrio. — Você está me dizendo as regras agora, espertinha? Quero dizer em outro lugar.

Ela balança a cabeça, mas vejo algo ganhar vida nela. — Sempre quis. Na verdade, adoro assistir a esses campeonatos; os que são televisionados

no canal de esportes? Juro por Deus, eu poderia vencer aqueles caras. Estou falando sério; se eu tivesse dinheiro para torrar, entraria totalmente.

Sinto-me, satisfeito. Corey Simonson acabou de confessar algo que deseja na vida.

Eu serei amaldiçoado se eu não fizer isso acontecer.

Tony liga para meu celular ao mesmo tempo em que Leo liga pela unidade de comunicação e o gerente de andar se aproxima com uma baleia que ele quer me apresentar.

— Com licença. — Corey desliza para fora da banquetta. — Vou ao banheiro.

Eu aceno distraído e cuido de todos os problemas em mãos antes de ter aquela sensação mesquinha sobre Corey escolher aquele momento para se desculpar. Olho para o banheiro mais próximo. Ela já deveria ter voltado.

Porra.

Bem, se ela estava fugindo, há uma boa chance de ela ir ao armário para pegar a bolsa com as chaves e o telefone. Eu ando rapidamente naquela direção. Ao dobrar a esquina, vejo-a saindo do vestiário dos funcionários, indo para a saída mais próxima.

Filha da puta.



COREY

Estou quase na porta quando dois robustos guardas de segurança Guido correm em minha direção vindos de direções opostas. Eu começo a correr. Um deles avança para mim e pega meu braço, seu punho de ferro machucando.

— O chefe disse para não tocar nela. — o outro retransmite com uma nota de pânico na voz.

O cara me solta como se eu fosse uma batata quente, mas os dois tentam bloquear minha saída. É quase cômico, como uma brincadeira de aniversário em que você não pode usar as mãos para passar um ovo para o seu parceiro.

Eu uso seu medo abjeto da ira de Stefano a meu favor e dou uma joelhada nas bolas do cara na minha frente. Ele se aproxima com um gemido, segurando as joias da família. Sim. Estou em Joelho-2, Bolas-0.

— *Corey*. — O rosnado de censura de Stefano vem alguns metros atrás de mim.

Tento contornar o outro guarda, mas Stefano segura meu braço e me puxa para trás. A sala gira quando caio sobre seu ombro como um saco de batatas.

— Stefano. — eu protesto enquanto ele me carrega rapidamente para o banco de elevadores. — Você está fazendo uma cena.

— Não, você fez a cena, *bella*. — Ele aperta o botão do elevador. — E você vai sofrer as consequências. — Fico feliz que ele pareça tão legal, calmo e controlado, porque estou tentando lutar contra o pânico sobre o que ele vai fazer comigo. Quais serão as *consequências*?

Ele entra no elevador e mostra sua identidade para chegar ao nível da suíte. As portas se fecham. Outro casal está no elevador, rindo da minha situação.

— *Stefano*.

Eu realmente quero que ele me coloque para baixo.

— *Corey*.

A jovem ri, sussurrando para seu parceiro. Parece que se passaram anos antes que o elevador parasse e eles saíssem. Outra pessoa tenta entrar, mas Stefano corta: — Espere pelo próximo. — e aperta o botão de fechar a porta.

Graças a Deus.

Quando chegamos ao seu andar, ele me carrega e ainda não me coloca

no chão. Seus movimentos são suaves e seguros, como se ele sempre conseguisse abrir e fechar portas com uma mão e uma mulher por cima do ombro.

Ele me carrega até a cozinha, onde abre uma gaveta e pega um rolo de fita adesiva.

Oh merda.

Agora eu fico de pé, mas ele mantém o controle do meu corpo, prendendo minhas mãos na parede e prendendo-as com uma longa tira de fita adesiva. Ele reforça com mais três tiras, então puxa meus quadris para trás e abre minhas pernas com um chute. Sua intenção é clara, minha bunda está para fora e apresentada. Eu vou apanhar de novo.

Eu *não* deveria estar animada.

Estou muito emocionada.

Ele sai e volta com uma tesoura.

— De novo? — Eu reclamo. — Você poderia simplesmente me despir antes de prender minhas mãos com fita adesiva da próxima vez. Já pensou nisso?

— Você não está em posição de ficar esperta comigo, *amore*.

Eu acredito nele. Ele é definitivamente só negócios agora. Não vejo nada da paixão ardente que às vezes o motiva. Nem qualquer traço de perplexidade.

Pelo menos ele não parece zangado, embora talvez não seja do tipo zangado.

O vestido se despedaça e ele usa a tesoura para tirar meu sutiã e minha calcinha também.

— Você poderia simplesmente ter tirado isso. — eu resmungo.

— Eu poderia. — diz ele, quase alegremente. — Mas eu queria cortá-los. Também posso não ser tão rápido para substituir suas coisas desta vez.

Minha boceta apertada com o pensamento dele me mantendo grudada

em sua parede, nua, por dias.

Balanço a cabeça para apagar o pensamento. Sou louca pra caralho.

Stefano caminha até a porta da varanda e mexe na cortina. A princípio acho que ele vai fechá-los, mas quando ele se vira, desprende a haste de plástico usada para puxá-los. Ele bate na palma da mão e eu surto.

Eu puxo minhas mãos, tentando puxá-las para fora da parede, mas elas não se mexem.

— *Tsk tsk*. Você não vai a lugar nenhum, *bella*. Sua bunda é minha agora, e não vou pegar leve com isso.

— Stefano. — Eu amaldiçoo a hesitação em minha voz. Eu também amaldiçoo a umidade entre minhas pernas. Por que diabos a ideia de ser chicoteada com uma haste de cortina me excita?

— Pernas afastadas. Fora. Segure a posição como uma boa menina e considerarei aliviar sua sentença.

Oh merda. Estou tão perdida.

Eu faço o que me mandam, porque qual é a alternativa? Não estou em posição de discutir, só pode piorar a partir daqui. Alargo minha postura e encolho minhas costas para apresentar minha bunda a ele.

Ele bate nela com a bengala improvisada. — Boa menina. Eu não vou fazer você contar. Você pode se concentrar em respirar e manter sua posição. — Ele balança o implemento no ar.

Eu ouço o deslocamento do ar um momento antes de atingir e grito como se estivesse em um filme de terror.

Stefano está atrás de mim, uma mão em volta da minha boca para abafar o som. — *Shh, bambina*. Sem gritos. É ruim para os negócios. — Ele se afasta.

Não sou tão corajosa desta vez. Eu torço minha bunda para longe dele, pendurada nas amarras com todo o meu peso.

— Isso é fofo, *bambina*, mas eu pedi para você ficar na posição.

Porra.

Ele com certeza fez.

Eu relutantemente me coloco de volta na pose humilhante. Stefano balança a bengala novamente e uma segunda linha de fogo puro floresce diretamente abaixo da primeira.

Eu engasgo com o meu choro.

— Segure firme. — O tom de Stefano é afiado, como se ele tivesse esgotado a paciência comigo. Lamentavelmente, isso tem o efeito de me congelar na posição.

Ele me chicoteia de novo, e de novo, linhas limpas e uniformes na minha bunda que me deixam gemendo e tremendo. Seis ao todo.

E então ele está de joelhos atrás de mim, separando minhas nádegas contraídas e lambendo uma linha da minha boceta ao ânus.

Mal consigo ficar em pé, minhas pernas estão tão trêmulas e fracas, mas não importa, a fita adesiva me prende contra a parede. Stefano se move na minha frente e ele vai para a cima na minha boceta. Suas mãos fortes seguram minhas coxas enquanto ele chupa e belisca meus lábios, passando a língua sobre meu clitóris. Um momento atrás, ele era meu mestre severo, me punindo por minha desobediência. Agora ele é um servo, adorando entre minhas pernas. Ele me devora como se meu gosto fosse sua ambrosia, como se estivesse morrendo de fome e só minha boceta satisfaria.

A dor latejante e ardente torna-se apenas intensidade quando minha carne incha e floresce sob seus cuidados.

— Stefano. — eu gemo, meus quadris dançando sobre ele. Não vou durar muito mais, ele nem está usando os dedos para me penetrar.

Ele aumenta seu fervor, a barba por fazer em seu queixo raspando na parte interna das minhas coxas enquanto ele me trabalha.

As estrelas dançam diante dos meus olhos e minha cabeça gira como se eu fosse desmaiar.

— Stefano! — Eu grito de novo, então chego ao pico, caindo do outro lado para o prazer, alívio, prazer.

Minha boceta aperta no ar, espasmos em torno do nada. É satisfatório e não é suficiente. Eu quero seu pau em mim.

E então estou muito fraca para ficar de pé, caindo contra a parede, contra seu corpo enquanto ele beija minha boceta com reverência.



STEFANO

Eu amo o som de Corey chamando meu nome pouco antes de ela gozar.

Desta vez sou eu que sinto vontade de chorar depois.

Não que eu saiba o que é chorar. Eu tive esse desejo fora de mim antes de atingir a idade madura de seis anos. Mas minha garganta e rosto estão apertados com o que só pode ser descrito como tristeza.

Estou exausto. Talvez seja culpa da surra que dei a ela. Talvez eu não aguento que ela tenha tentado me deixar.

Eu me levanto lentamente, mal cabendo entre a parede e o corpo de Corey. Eu seguro seu rosto. — O que eu vou fazer com você? — Eu pergunto com tristeza.

Ela acaricia o rosto contra a minha mão. Sua cabeça está pendendo como se seu pescoço não pudesse trabalhar para segurá-la.

Eu olho para as mãos dela e alcanço atrás de mim para arrancar a fita. Então eu a puxo para uma cadeira e a puxo para o meu colo. Ela vem de bom grado, inclinando a cabeça para trás no meu ombro enquanto eu acaricio seus seios nus, sua parte interna das coxas.

— Por que você foi embora, Corey? — Eu tenho que perguntar. Isso está me matando. Ela ainda tem medo de mim? Ela realmente ainda acha que vou matá-la?

— Eu não sei. — ela suspira. — É só... muito intenso. Não posso ficar aqui trancada com você assim. Eu estou me perdendo.

Meu coração para de bater. Em seguida, reinicia em um ritmo mais alegre. Ela não tem medo de mim. Ela tem medo de *nós*.

Porra, eu também, baby. Eu também tenho.

— Eu também estou me perdendo. — eu admito, beijando sua mandíbula, seu pescoço esguio. — Mas só os covardes fogem.

Corey engasga com uma risada e eu sorrio também.

— Vamos lá, *bambina*. É melhor colocarmos algo em sua bunda antes que você se machuque. Eu sei como as ruivas são delicadas.

Eu a pego em meus braços e a carrego para o quarto, onde a arrumo de barriga para baixo. Ela é dócil como uma criança agora, mas uma boa surra e um orgasmo farão isso com uma mulher.

Procuro no meu banheiro uma pomada que minha prima na Sicília me fez e volto.

Corey não se moveu. Ela está deitada com o rosto escondido na colcha. Meu coração dispara na minha garganta. Ela está chorando?

Eu acaricio seu cabelo para trás de seu rosto, meus ombros relaxam. Sua expressão é suave, relaxada. Quase feliz.

Obrigado porra.

Eu pego uma grande quantidade de pomada e esfrego sobre as marcas da surra, trabalhando em sua pele.

— O que é isso?

— É uma pomada que trouxe da Sicília. Ajuda com hematomas.

— Existe uma pomada para contusões?

— Ganhei da minha prima. Ela faz uma pomada para quase tudo. Ela é um daqueles tipos de curandeira natural - você sabe, em óleos essenciais e ervas.

— E ela deu a você porque você tem propensão a ficar com hematomas ou *dando* hematomas? — Sua pergunta seca me irrita.

Aperto a tampa da pomada e a jogo na cama. — Por que você tem que continuar cutucando essa ferida, baby? Você precisa me lembrar que não sirvo para você? Que você é melhor do que eu?

— *O quê?* Não. — Ela rola e se apoia em um cotovelo, uma linha dobrada entre as sobrancelhas.

— Eu sei eu sei. Sou o cara mau. Estou do lado errado da lei e seu pai está do lado certo.

Corey fica pálida. — Meu pai definitivamente não é o cara legal. De forma alguma. — Suas palavras saem ásperas.

Sinto muito instantaneamente. Ela me disse que eles não se falavam. Agora sou eu quem cutuca as feridas. Eu afundo ao lado dela. — Sim, nem o meu é. — eu admito.

Para minha surpresa, seus dedos procuram minha mão e ela os enrola sobre ela e aperta. Eu encaro nossos dedos entrelaçados. Quando foi a última vez que uma mulher me ofereceu conforto? Quando foi a última vez que eu *deixei*?

Oh sim, nunca.

Mas esta mulher é diferente. Tudo é tão cru entre nós. É a intensidade que ela mencionou - por que ela teve que desistir.

Mas eu não estou deixando ela.

Meu telefone vibra novamente e eu quase perco a paciência com ele. — O quê? — Eu rosno.

— Temos uma situação aqui embaixo. — diz Tony em voz baixa.

Porra. Agora?

Eu me inclino e beijo o ombro de Corey. — Diga-me que você ainda estará na minha cama quando eu voltar?

Eu vejo o brilho de compreensão em seus olhos. Eu estou deixando ela

ir. Talvez seja culpa por puni-la, talvez seja porque eu quero recompensar sua honestidade. Ou é apenas hora. Não sei.

Ela acena com a cabeça e eu puxo as cobertas para ajudá-la a entrar. Eu beijo seus lábios desta vez, suavemente. — Bom. Vejo você de manhã, então.

— Sim. Vê você.

Eu começo a sair, então volto. — Você precisa de alguma coisa? Serviço de quarto? Uma bebida? Ibuprofeno?

— Não, eu vou dormir. — diz ela. — Volte logo.

E é aí que eu sei que estou fodido. Porque a pequena cambalhota que meu coração dá com essas palavras não é nada que eu já tenha experimentado antes.

CAPÍTULO SETE

COREY

Ouçó Stefano chegar por volta das 4h, mas volto a dormir. Eu acordo mais tarde com ele acariciando meu peito, provocando o mamilo enquanto seu pau balança contra minha bunda. Ainda estou nua de nossas escapadas na noite anterior. E, claro, ele nunca saiu. Estou surpresa por ele ter me deixado dormir tanto.

Eu me viro e o empurro de costas, então passo por cima dele para montar em sua cintura. Seus olhos escurecem enquanto seu pau sobe em sua cueca boxer. Eu o liberto, umedeço a cabeça com a língua.

Ele geme. — Eu te dou trinta segundos para provocar. Então eu vou virar você de costas e bater em você até o esquecimento.

Minha boceta aperta com a ameaça. — Oh sim? — Eu deslizo meus lábios sobre seu pau, levando-o mais fundo enquanto meu punho trabalha na base. Seus quadris levantam e ele empurra em minha boca.

— Foda-se, *bambina*. Entende o que quero dizer? — Ele estende a mão para a minha cabeça, então, como se para impedir-se de me forçar para baixo sobre ele, cerra os punhos no ar. Em seguida, ele os abre, em vez disso, agarra o próprio cabelo.

Eu cantarolo baixinho em torno de seu membro, girando minha língua na parte inferior enquanto eu puxo para fora. Algumas gotas de sua essência salgada recompensam meus esforços. Eu chupo mais forte, cavando minhas bochechas enquanto me afasto.

Stefano rosna e envolve um punho no meu cabelo. — Foda-se, sim, baby. Leve-me mais fundo.

Eu faço. Levo-o mais fundo que posso, diminuindo a velocidade para não ativar meu reflexo de vômito.

— *Bella, bella donna*. — ele canta.

Sua respiração fica curta, ele começa a usar meu cabelo para me puxar

para baixo sobre ele mais rápido, mais fundo, empurrando para cima ao mesmo tempo. — Suficiente. Suficiente. — Ele me puxa, seus lábios se curvando como se o esforço de se conter o estivesse matando. — Role. Abra essas pernas.

Deito de barriga para baixo e abro bem as pernas. Ele passa os dedos sobre a minha umidade e os coloca na boca. — Você tem um gosto tão bom, Corey. — Ele vai até o armário e volta com camisinhas e um frasco de lubrificante. Achei que não precisava de lubrificante, mas tenho que adiar. Stefano é definitivamente um deus do sexo. Ele deve ter algum plano.

Ele coloca uma camisinha e puxa meus quadris até que eu fique de joelhos, então desliza para dentro de mim ao mesmo tempo em que ele se aproxima e esfrega meu clitóris.

Eu empurro para trás para tomá-lo, tremendo em uma longa inspiração por entre os dentes.

Stefano para, enterrado em mim e brinca com meus mamilos. — Você está bem?

— Estou bem. — eu gemo, arqueando minhas costas. — Prossiga.

Ele ri e belisca meu mamilo um pouco mais forte antes de agarrar meus quadris e me usar do jeito que eu esperava que ele fizesse. Ele empurra cada vez mais fundo, meus quadris no ângulo perfeito para tomar todo o seu comprimento.

Estou em um foguete indo para a lua quando ele esguicha lubrificante no meu ânus e começa a esfregá-lo.

Eu suspiro, tentando dobrar meu rabo e me afastar, mas ele não quer. Com algumas torções rápidas, ele afunda o polegar na minha bunda. Seus outros dedos se espalham pelas minhas costas, estou completamente possuída. As sensações gêmeas, as duplas penetrações me levam ao prazer hedonista – sensação total, vulgar e satisfatória.

Eu começo a fazer vocalizações guturais, ofegando na cama, meus olhos revirando para trás na minha cabeça.

Ele começa a fazer pequenas estocadas com o polegar que combinam

com as estocadas de seu pau, me prendendo à rendição.

Não consigo nem falar para gemer o nome dele. Estou perdida. Quebrando, se unindo. Ele me monta, me manipula. Seus movimentos são seguros e dominantes.

— Uhn, uhn, uhn. — eu gemo com cada estocada brutal.

— Pegue, *bella*. Aceite como uma boa menina.

— Sim. — eu suspiro.

Ele bate ainda mais forte.

Eu lamento.

— Goze agora. — ele ruge e empurra mais três vezes antes de empurrar profundamente e ficar, empurrando o polegar para dentro e para fora enquanto minha boceta agarra e libera seu pau em rajadas rápidas.

Eu soluço com a liberação, totalmente acabada. O quarto gira, não consigo ver nada. Ah sim, é porque meus olhos estão fechados e meu rosto está nos lençóis.

Depois de um momento, a consciência retorna. Stefano volta do banheiro com uma toalha, que usa para me limpar.

Então ele aplica mais pomada na minha bunda e se senta ao meu lado, beijando meu ombro.



STEFANO

— Nico e sua prima voltam hoje.

Não sei por que digo isso. Quero dizer, sei que ela quer essa informação, que recebi de Nico quando ele ligou ontem à noite, mas é um péssimo momento para compartilhá-la. Mas sinto o peso do que fiz com Corey cair muito sobre meus ombros.

Eu tenho que deixá-la ir hoje. Libertá-la para sua vida. Mantê-la prisioneira para sempre não era um plano sólido.

— Sim? — Corey se apoia em seu antebraço, seus lindos seios se movendo para os lados. Eu seguro o inferior e passo o polegar sobre o mamilo. Seios tão doces e de tamanho perfeito.

— Estou ansioso para conhecer a mulher que roubou o coração do meu irmão. — Não há leveza por trás das palavras, mesmo sendo verdade. Estou tentando controlar a parte do homem das cavernas que está pisando em um círculo em torno da minha mente, exigindo que eu a amarre de volta e nunca a liberte.

Eu vou para honestidade.

— Eu quero manter você nua acorrentada no meu quarto pelo resto da minha vida, *bella*.

— Mas? — Ela já sabe o que está por vir.

— Mas eu preferiria que fosse voluntário.

Seus lábios se contraem uma vez e depois se abrem em um sorriso completo. — É um pouco tarde para pedir consentimento, meu amigo.

— Eu sei. Mas eu quero que você fique.

Ela baixa o olhar e eu já sei a resposta que ela vai dar. — Tenho que voltar para minha casa. — Ela diz como se estivesse arrependida, mas as palavras falham. Ela nem mesmo oferece um motivo, eu não vou insistir.

Isso é o que ela quer.

Eu franzo meus lábios e aceno. — Espero você de volta aqui às 20h para o seu turno.

A cautela pisca em sua expressão. — Jogo particular?

— Não. Piso do cassino. Onde você quer estar.

Estou tentando dar algo a ela, mas ela só parece triste com isso.

— Eu estarei aqui. — ela diz, se levanta para se sentar.

Eu suspiro. — Você pode tomar banho primeiro. Vou pedir serviço de quarto. O que você quer para o café da manhã?

— Bacon e frutas. Pena que eles não servem bebidas da Starbucks para o serviço de quarto.

— Eu posso ligar para você. Qual é a sua bebida?

— Grande latte, quente?

— Pode apostar. — Levanto-me e ligo para a recepção para enviar um mensageiro ao Starbucks interno para mim, depois ligo para o serviço de quarto. Pelo menos posso fazer uma coisinha por ela.

E ela está voltando.

Em menos de doze horas ela estará de volta ao Bellissimo. Me chamando de chefe.

As coisas poderiam ser piores.

CAPÍTULO OITO

COREY

No momento em que chego em casa, não consigo entender qual era a minha pressa. Eu odeio meu lugar. Este é o estúpido apartamento que eu dividi com Dean, afinal. O perdedor idiota lascivo que escolhi. Nem me lembro do que vi nele. Acho que ele me deixou viver pequeno. Desacelerou-me. Sua falta de ambição tornava minhas escolhas de vida brilhantes em comparação.

Não é à toa que voltei para minha casa totalmente mudada. É como quando você sai de férias e quando volta, vê as coisas com novos olhos, pelo menos no primeiro dia de volta. Estou morando no Bellissimo com Stefano Tacone há 48 horas. A mobília de segunda mão do meu apartamento agora parece suja e triste. O carpete manchado geme para ser substituído e nada no local sequer me representa.

Eu tenho vivido uma vida aqui?

O que foi isso?

Eu não sei quem diabos eu sou.

Não Isso não é verdade. Estou exausta. Fui *prisoneira* nas últimas quarenta e oito horas. Só que eu sei que isso não é verdade.

Posso ter listras na bunda que dizem que é, mas não é.

Ou talvez seja, mas fui uma prisioneira *muito honrada*. Quero dizer sinceramente? Stefano Tacone - por todo o seu poder e capacidades temíveis, por todo o poderoso controle que ele flexionou - me tratou melhor do que Dean jamais fez. E Dean nunca levantou a mão para mim.

Tive os melhores orgasmos da minha vida. Comi boa comida e bebi vinho caro. Voltei para casa com roupas no valor de milhares de dólares, levadas ao meu carro por um carregador muito atencioso. Ainda estou usando brincos de diamante de mil e duzentos dólares.

Mas eu seria uma tola se desse algum significado a qualquer uma

delas.

Stefano é um jogador. Foder mulheres e cobri-las com presentes de despedida é provavelmente o caminho certo para ele.

A campainha da minha casa toca e eu franzo a testa. Eu não estou esperando ninguém. Abro um pouco a porta e olho para fora. Um homem grande de terno imediatamente a abre e meu estômago se contrai até o tamanho de uma noz.

Aperta tanto que dói, porque o homem empurrando a porta do meu apartamento é o último homem que quero ver em um dia normal. Mas eu especialmente não quero vê-lo hoje.

É o meu maldito pai.

Merda.

— Ei, Corey. — Seu sotaque lento desmente a forma agressiva como ele entrou. — Isso é maneira de cumprimentar seu querido pai?

Não posso dignificar isso com uma resposta. — Cruzo os braços sobre o peito. — O que você está fazendo aqui?

Ele anda pela minha casa, seu olhar crítico provavelmente catalogando tudo o que vê para usar contra mim de alguma forma. — Fui transferido para Las Vegas.

Porra.

— Estou trabalhando em um possível caso de assassinato. Acontece que minha própria filha pode saber algo sobre isso.

Meu coração está em taquicardia, mas eu torço meus lábios em um sorriso de escárnio. — Como você imagina?

— Ouvi dizer que você é o crupiê dos jogos privados agora.

Agora meu coração para. Como diabos ele sabe disso? Como? Ele tem caçado no Bellissimo esse tempo todo? Os Tacones?

Jesus, ele vai me matar! Eu e a Sondra.

— Um homem chamado Eric Donahue desapareceu depois de assistir

a um jogo privado no sábado à noite. Você estava lidando com aquele jogo?

Não acredito que Stefano não discutiu álibis comigo. Dizer-me o que dizer se eu fosse questionada. Eu sou uma maldita cúmplice de assassinato, e não há como meu pai não ver através de uma mentira. Ele é um agente federal experiente. E ele é meu pai.

Cruzo os braços sobre o peito. — Não estou discutindo nada com você. Você não é bem-vindo em minha casa e preciso que saia. Agora.

Meu pai não se move de onde sua bunda está empoleirada no braço do sofá. Ele me estuda com olhos cinzentos.

Sim, acabei de confirmar tudo para ele. Tudo o que ele queria saber, ele sabe agora.

Estou tão fodida.

— Tenho certeza de que você não quer não cooperar com uma investigação federal.

— Tenho certeza que sim, se for liderada por você.

— Ok, qual é o seu problema, realmente? Não liguei o suficiente depois que me mudei para Detroit? Não paguei sua faculdade?

— Eu não tenho nenhum problema. Só não quero você na minha vida. É bem simples, na verdade.

Ele se levanta e caminha em minha direção, abrindo os braços como se quisesse me abraçar. — Corey, do que se trata? Nunca entendi por que você parou de falar comigo.

— Eu cresci, pai. É por isso. Cresci e percebi que você era um péssimo pai e não queria ter um relacionamento com você. Não é tão difícil de entender. Você não deveria ser um membro da Mensa⁵ ou algo assim?

— Você também. — ele murmura. — Talvez sejamos muito parecidos.

— Ou talvez seja porque você é um valentão e traiu a mamãe e tudo que você fez foi enfiar seus julgamentos na minha garganta. — Estou ficando irritada e... *foda-se!* Odeio quando perco a paciência. Especialmente porque

isso me *faz* igual a dele.

— *Fora*. — eu rosno, apontando para a porta.

Ele balança a cabeça como se tivesse pena de mim. — Envolver-se com os Tacones é um grande erro.

Minhas narinas dilatam. Claro, cada palavra deste próximo discurso é previsível, mas ainda não suporto ouvi-lo.

— Eu ouvi sobre o noivado de Sondra. Grande. Erro.

— Sim, bem, ninguém pediu sua opinião.

— Seu pai fez. — ele me corrige.

Eca. Isso é péssimo. Sondra não precisa do estresse de ter seus pais se opondo a seu casamento depois de falar com meu pai.

— Nico Tacone nunca vai machucar Sondra. Isso era mais do que eu queria deixar escapar. Não preciso convencê-lo do que eu precisava para me convencer. Ele não merece uma palavra a dizer sobre isso. Eu com certeza espero que ele não seja convidado para o casamento.

Faço uma anotação mental para falar com Sondra sobre isso. Tenho certeza que ela vai concordar, visto que seu futuro marido pode ser assediado por meu pai.

— Sim, tenho certeza. — meu pai diz secamente.

— Eu disse para você sair. Não vou discutir mais esta ou qualquer outra parte da minha vida com você. Não volte.

Ele faz uma cara divertida, como se eu fosse uma criança boba, mas caminha para a porta.

Graças a Deus.

Prendo a respiração até que ele fecha a porta atrás de si. Mesmo assim, não sei quanto tempo levo antes de expirar. Mas assim que o faço, meu estômago se contrai sob minhas costelas novamente.

E se Stefano estiver me vigiando para garantir que eu não fale sobre o que aconteceu? E se eu apenas provar que suas suspeitas sobre mim são

verdadeiras?

Estou tão fodida.



STEFANO

— *Foda-se*. Você parece uma merda.

O rosto de Nico está coberto de hematomas, seu lábio está partido e um olho está inchado e fechado. Ele me mandou uma mensagem para dizer que está de volta e para encontrá-lo em seu escritório. Eu posso ver porque ele está escondido aqui em vez de estar no salão.

Faço uma anotação mental para trazer a ele aquela pomada de Lucia.

— Junior é uma *testa di cazzo*⁶. — murmuro enquanto nos damos um tapinha nas costas.

Nico dá de ombros como se levar uma surra do próprio irmão não fosse grande coisa. O que para nós realmente não é, considerando como fomos criados. — Está feito. Aceitou. Vamos nos casar em um mês em Chicago e todo o maldito pode aparecer para beijar minha bunda.

— Ele só tinha que mostrar a você que ainda é o chefe, hein? Mesmo sendo você o Tacone que traz a verdadeira massa? Quem torna suas merdas legítimas?

— O pedido veio de Pops. Junior nos pegou assim que cheguei a Chicago. Qualquer que seja. Eu tive que pagar por desafiar ordens. Agora está feito.

Eu me espalho em uma das confortáveis poltronas de couro e apoio meu tornozelo sobre um joelho.

— Então me diga. — diz Nico.

— Tony ainda não te contou? — Eu pergunto, mas não esperei por sua resposta antes de continuar. — Seu nome era Eric Donahue. Junior diz que

Pops tirou seu irmão de seu restaurante cinco ou seis anos atrás. O cara cometeu suicídio pouco tempo depois. Parece que foi uma tentativa de vingança. Não sei por que ele queria você, mas acho que é porque seu nome está na imprensa. Como se você fosse mais fácil de procurar e encontrar em um lugar público. Então ele aparece e descobre como conseguir uma audiência privada com você. E quando ele descobriu que você não estava aqui, mas seu irmão estava, eu fui um bom alvo.

Nico esfrega a cabeça. — *Cazzo*. Você não poderia fazer esta lavagem limpa?

— Havia uma conexão com Pops. Nada está limpo lá, quando essa merda aparece aqui no seu cassino? Foda-se, sim, vou fazê-lo desaparecer. O que você teria feito diferente?

Nico bate em sua mesa, então balança a cabeça. — Nada. Você tem razão. Só não quero nenhum tipo de investigação aqui.

— Eu sei.

— E o resto? Que diabos você está fazendo com Corey?

— Estava de olho nela. Até que eu pudesse ter certeza. O pai dela é federal, você sabe.

— Sim, eu sei, porra. — Ele me dá um olhar inquisitivo. — Você fodeu com ela?

— Sim. — Levanto o final da sílaba como se fosse uma pergunta. Tipo, por que diabos importa o que eu fiz com ela?

Ele continua me estudando. Estamos juntos, eu e Nico. Se alguém me conhece, é ele. Não sei o que diabos ele está vendo agora, porque nem sei o que penso sobre a situação de Corey. — O que eu preciso saber?

— Nada.

Ele não vai largar. Aparentemente, ele ainda vê algo. — Você confia nela agora?

Eu concordo. — Sim. Mas eu entrei nos registros telefônicos dela e coloquei um cara nela, só para ter certeza. A situação com o pai dela pode

ser um pé no saco.

Nico inclina a cabeça para o lado. — Você tem uma queda por ela?

Não tenho certeza de como ele conseguiu isso de mim colocando um cara nela. — Sim. — eu admito.

— Você está chegando a algum lugar com isso? — Há dúvida na voz de Nico e eu rio, porque ele deve saber que Corey é um osso duro de roer. Eu nunca falho com as mulheres. Talvez isso seja parte da atração.

— Estou trabalhando nisso, ainda. — Eu abro minhas mãos. — E você? Onde está Sondra? Quero conhecer minha nova cunhada.

Nico sorri e é bom ver um sorriso em seu rosto. Meu irmão está ferido desde que me lembro. Ele definitivamente parece diferente agora, por baixo dos hematomas.

— Vamos, ela está em seu escritório. — Ele me leva para fora.

— Ah, ela trabalha para você. — Por que ninguém me disse isso?

— Sim.

— Sim? É isso? O que ela faz? — Quando ele não continua, faço um movimento impaciente de *me diga mais*.

— Sondra está curando a ala de arte no Bellissimo. Podemos exibir todas as obras-primas que adquirimos das baleias ao longo dos anos.

Huh. Não é uma má ideia. Quando os grandes jogadores ficam desesperados, eles começam a colocar todos os tipos de tesouros: chaves de seus carros, propriedades de férias, muitas vezes, a arte inestimável pendurada em suas paredes. A gente pega qualquer coisa aqui e sempre cobra. O que significa que temos dezenas de pinturas de artistas famosos em nosso cofre.

Saímos do elevador e Nico me leva a uma ala que já havia sido usada como área de conferência adicional e vejo que foi transformada em uma galeria.

— Muito bom. — murmuro, olhando em volta para o início dos intrincados sistemas de segurança projetados para proteger as obras-primas

que ainda não foram colocadas. Os cartazes estão lá, no entanto. Títulos, datas, artistas, juntamente com informações do tipo docente sobre cada pintura.

— Sondra, conheça meu irmão, Stefano.

Eu não sei o que esperar. Que tipo de mulher seria a primeira a capturar o coração do meu irmão? Acho que a pinte em minha mente como a gêmea de Corey - uma ruiva alta e mal-humorada que não aceita merda de ninguém, mas secretamente ama um homem forte.

Quando uma loira bonita sai do escritório do diretor, percebo que estava errado. Ah, claro, eu vejo a semelhança. Ambas têm olhos azuis vívidos. Mas é aí que a semelhança termina.

Corey é o tipo que poderia fazer uma Mulher-Gato em couro envernizado preto. Ou empunhar um chicote na bunda trêmula de algum empresário enquanto ele lambe suas botas de couro de cano alto.

Sondra é a vizinha do lado. Pequena, macia, loira. Ela tem covinhas, pelo amor de Deus! Ela é jovem e doce - provavelmente submissa até o seu núcleo gentil.

Nico envolve a cintura dela com o braço e beija sua têmpora. Enerva-me ver meu irmão espinhoso tão afetuoso com alguém, mas no bom sentido.

Pego a mão dela e a levo aos meus lábios.

— *Não.*

Eu paro com a mão dela no meio do caminho para a minha boca. Há perigo suficiente na voz do meu irmão para eu saber que ele está falando sério.

Então. Ele é do tipo ciumento. Quem sabia?

Eu a solto e faço uma reverência para Sondra. — *Piacere di conoscerti.*

Seu olhar para Nico confirma minha suspeita – definitivamente submissa. O relacionamento deles é tão doce que aquece meu coração.

— Ele disse *prazer em conhecê-la*. Ele é um maldito exibicionista.

— O quê? — Eu dou de ombros. — Acabei de chegar do velho país.

Nico revira os olhos.

— Bem, não vou mais me intrometer. Eu só queria conhecer a mulher que roubou o coração do meu irmão.

Sondra cora, seu olhar indo para Nico.

Inacreditável. A garota não sabe o quanto meu irmão está perdido para ela. Bem, talvez ele queira assim: como se fosse uma espécie de poder ou controle. Nico é definitivamente tão alfa quanto eles vêm. Ou talvez ele esteja muito ocupado e agora que estou aqui, ele pode mostrar a ela.

— Vejo vocês dois por aí. Ou talvez eu não vá. Acho que devo estar aqui para que vocês possam passar mais tempo juntos. — Eu balanço minhas sobrancelhas e Nico balança a cabeça.

— Saia.

— Saindo. — eu digo por cima do meu ombro enquanto caminho para o elevador, um sorriso puxando meus lábios.

CAPÍTULO NOVE

COREY

Acabo indo para o trabalho uma hora mais cedo. Chame-me de louca, é como se o Bellissimo fosse meu vício. Mesmo depois de uma bebedeira de fim de semana, não consigo ficar longe.

Não tem nada a ver com não poder ficar longe de Stefano Tacone. Nada mesmo.

Meu estômago ainda está em um tornado por causa da visita do meu pai. E se Stefano descobrir? Devo confessar abertamente, como fiz com o trabalho dele?

Mas não, então realmente vai parecer que sou um rato. Quero dizer, jurei a ele que não tenho contato com meu pai, de repente, ele está me visitando assim que chego em casa? Não vai ficar bom para mim. Como nadar com os peixes ruins.

Entro pela entrada do estacionamento e guardo minha bolsa no armário.

— Você chegou cedo. — diz o gerente do andar, Mac.

— Sim, posso começar agora, se você quiser. Caso contrário, vou para o Starbucks antes do meu turno.

— Você não vai fazer nenhum dos dois. O Sr. Tacone disse que queria vê-la em seu escritório assim que você chegasse.

Meu coração começa a bater forte. — Qual Sr. Tacone?

— Stefano. O novo. — Mac estreita os olhos para mim. — Ele não tirou você do salão no sábado para negociar um jogo particular ou algo assim?

Minhas mãos estão úmidas. — Uh, sim. — Eu olho além de Mac, querendo fazer minha fuga.

— Bem, como foi? — ele exige.

Realmente? É isso que estamos fazendo agora? Discutindo sobre jogos

privados? Nós nem somos amigos.

— Foi bom. Meio abafado. Prefiro o salão, se pudesse escolher.

— Não tenho certeza. O que quer que o Sr. Tacone queira, certo? — Agora acho que ele está olhando de soslaio para mim, como se estivesse sugerindo que eu dormisse com Stefano para entrar nos jogos particulares. Se ele soubesse toda a loucura que eu fiz com Stefano, ele estaria com o queixo no chão agora.

— Sim, bem, é melhor eu ir para o escritório dele, então. — eu digo, contornando o cara e indo para os escritórios de segurança.

Meu coração acelera ainda mais enquanto ando, mas mantenho minha cabeça erguida. O que quer que esteja me esperando lá, eu vou enfrentar. Talvez eu possa até me livrar disso.

Ou talvez ele me leve como prisioneira novamente. Eu nem faria barulho.

Mas não. Eu vi a fria precisão com que Stefano Tacone sacou uma arma e atirou em um cara, acertando-o bem no meio dos olhos. Ele não vai brincar se achar que sou um problema real.

Eu bato na porta de seu escritório e abro uma fresta.

Stefano se vira de onde está encostado em sua mesa, falando baixo com um dos gerentes. Não há piscadela. Nenhum sorriso. Apenas um olhar duro e um aceno afiado com a mão. — É isso, Joe. Volte para lá.

Joe se levanta e sai. Eu entro.

Stefano tranca a porta. Quando ele se vira e caminha propositadamente em minha direção, tenho que me esforçar para não recuar.

Mesmo quando ele me agarra pela cintura, ainda não consigo distinguir entre paixão e violência.

Mas então está claro.

Seus lábios estão no meu pescoço, hálito quente contra a minha pele. Ele me deposita na beirada de sua mesa e me empurra sobre ela. — Você

tem muita sorte de ter vindo trabalhar cedo. — Suas mãos percorrem meus quadris para cima e para baixo, deslizando o tecido da minha minissaia preta até a minha cintura.

Arrepios se espalham pela minha pele. — Oh, sim, por que isso?

Ele dá um tapa na minha bunda, depois esfrega a dor enquanto sua outra mão segura meu peito. Ele bate e acalma novamente, desta vez na minha outra nádega. Imagino as marcas de mãos gêmeas que ele deixou e minha boceta apertada. — Porque se eu tivesse que te ver nessa saia a noite toda sem esvaziar minhas bolas, a foda que você faria no final da noite iria te deixar inconsciente. — Ele esfrega os dedos sobre o reforço úmido da minha calcinha.

Eu me contorço em sua mão. O sexo que fizemos esta manhã parece que foi há muito tempo. Ou pode ser toda a tensão de ver meu pai e depois pensar que eu estava na merda com os Tacones se transformando em energia sexual. Não importa o que seja, pegou fogo e está se acumulando em meu núcleo, atingindo meus mamilos.

Ele enfia os dedos sob o reforço da minha calcinha e acaricia minha boceta lisa.

— O que é isso, Tacone? — Eu consigo ofegar. Se eu fosse esperta, não deixaria isso acontecer. Acho que meio que esperava que nós dois fingíssemos que nada aconteceu.

Ele é meu chefe. Eu gosto do meu trabalho. Isso é um desastre esperando para ocorrer.

Ele belisca meu clitóris. — Este sou eu dobrando você sobre minha mesa para uma foda forte. — Ele afunda um dedo na minha umidade. — Qualquer objeção? — Um segundo dedo.

Eu resisto ao seu toque habilidoso. Sim, recusar isso não é uma opção. Não porque estou me sentindo coagida. Porque eu preciso de tudo que ele está prestes a me dar. — Não. — eu engasgo.

— Bom. — Ele me trabalha com os dedos, mergulhando-os em mim, esfregando meu clitóris, batendo na minha bunda. Ele continua até que eu fique na ponta dos pés, as coxas tremendo de desejo.

Então ele arrasta minha calcinha até minhas coxas e desabotoa o cinto.

Por um breve momento, a fantasia dele me chicoteando com isso passa pela minha mente. Eu nunca pensei que iria gostar de algo assim, mas Stefano Taccone faz isso da maneira certa. Minha bunda ainda está dolorida da surra que ele me deu ontem à noite, eu ainda quero que ele me bata mais.

Mas ele não está interessado em me punir esta noite. Ele coloca uma camisinha e pressiona a cabeça de seu pau entre minhas pernas, me separando.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior para abafar um gemido.

Ele entra lentamente, me preenchendo, centímetro por centímetro.

Ergo minha parte inferior das costas, encorajando-o a afundar mais fundo.

Ele me tortura invertendo a direção, quase saindo antes de empurrar para dentro, um pouco mais longe desta vez.

Tudo que eu quero é que ele me espanque e me use rudemente. Como uma prostituta barata de Las Vegas que não vale nada mais do que seu corpo perfeito de Las Vegas.

E nunca me deixei usar.

Nunca.

Mas Stefano estava certo. Estar amarrada me libertou. E agora ele nem precisa de fita adesiva ou braçadeiras para eu voar. Meu corpo responde ao seu toque de comando. Eu deixo ele me curvar e bater na minha bunda porque parece sujo e errado e perfeitamente certo ao mesmo tempo.

Ele bate com mais força e meus ossos do quadril rangem contra a madeira dura da mesa. Eu apoio minhas mãos na borda da mesa, tento manter meus quadris afastados. Stefano deve ver meu dilema porque ele desliza o braço em volta da frente dos meus quadris e o usa para amortecer minha pélvis.

A posição o aproxima, torna essa coisa menos humilhante. Mais íntima.

Não consigo decidir se gosto da mudança, mas então ele está empurrando para dentro de mim com estocadas curtas e fortes. Meus seios saltam com cada golpe atormentador, a respiração estrangula.

— Peça-me permissão para gozar.

— Você não pergunta. — eu respondo, apenas para ser contrária. Só porque já dei muito de mim nessa troca.

Ele belisca um dos meus mamilos e torce, me fazendo ofegar. Um dedo de sua outra mão se acomoda sobre meu clitóris e ele esfrega com força. — Se você gozar sem pedir, vai lidar hoje à noite com uma bunda quente e latejante.

E isso quase me faz gozar. — Posso? — Eu deixo escapar porque eu realmente não acho que posso segurar.

— Goze, *bella*. Goze em cima do pau que possui você.

E era por isso que eu não queria implorar. Eu realmente não deveria deixar esse homem falar comigo desse jeito. Mas eu já estou gozando, minha boceta apertando e soltando seu pau, ordenhando-o.

— Você é um idiota, Stefano Taccone. Como se diz *idiota* em italiano?

— Ainda sou seu chefe, *bella*. Ele agarra meus quadris e bate em mim, batendo na minha bunda com sua virilha, fazendo seu cinto chacoalhar em suas calças caídas. Ele me fode como um campeão até que ele também encontra seu pico e o atinge. Então ele bate fundo e fica lá.

— *Stronzo*.

— O quê?

— *Stronzo* é idota em italiano. Mas não estou lhe dando permissão para me chamar assim. — Ele sai e joga a camisinha na cesta de lixo. Estremeço, pensando que todos os funcionários que vierem aqui esta noite vão ver.

Ele enfia o pau e abotoa a calça, depois recoloca minha calcinha e saia.

Eu me viro e ele me pega pela cintura e me senta na mesa. — Você tem um problema sobre o qual precisamos conversar?

Eu ruborizo. Não, tirando isso, estou instável e vulnerável por causa do sexo degradante e quero ser abraçada. Mas isso não vai acontecer porque Stefano não é meu namorado, ele é meu chefe. E não estávamos fazendo amor, estávamos fodendo. Sobre sua mesa. Logo antes do meu turno. Então eu preciso me recompor e sair por aí com meus saltos agulha para distribuir algumas cartas.

Ele afasta meu cabelo do meu rosto e segura uma bochecha, me estudando.

Meu rosto esquenta um pouco mais.

— Eu sou um idiota. Claro que sim. Mas não quero desrespeito. Eu realmente não quero.

Eu acredito nele. Talvez eu estivesse me sentindo desrespeitada por um minuto ali, mas era minha própria merda. Minha própria fantasia de ser usada por ele tornou-se um medo também.

Ainda assim, preciso dar o fora deste escritório.

— Senti sua falta hoje, só isso. — Ele acaricia minha bochecha com o polegar.

Arrepios surgem na minha pele. Ele teve que ir e dizer *isso*?

Alguém bate na porta e eu tento pular da mesa, mas Stefano não deixa. — Agora não. — ele grita bruscamente.

Ele puxa um cartão-chave do bolso da calça e o enfia no bolso interno da minha jaqueta curta de crupiê. — Eu adoraria encontrar você na minha cama quando eu for para minha suíte hoje à noite. — Ele percebe meu olhar surpreso e o segura. Seus olhos castanhos escuros são piscinas quentes nas quais quero mergulhar.

— Você está me dando a chave da sua suíte? — Parece-me bastante confiante, embora provavelmente não haja nada para roubar, exceto seus ternos de mil dólares.

— Eu prometo belas recompensas.

— Belas, né? Isso significa você? — Ele mostra seu sorriso digno de uma estrela de cinema. — Só se você quiser.

Então eu tenho uma escolha desta vez. Sem coerção, apenas uma oferta.

E é algo que talvez eu tenha que aceitar.



STEFANO

Talvez seja hora de admitir que estou obcecado.

Corey Simonson me irritou de uma maneira grande e ruim. Eu a observo a noite toda - os movimentos hábeis de suas mãos com as cartas e fichas, sua maneira confiante de lidar com os apostadores. Ela encanta a todos: homens, mulheres, velhos, jovens. Eles escolhem a mesa dela porque ela é linda e ficam porque ela é magnética.

E eu quero esse ímã virado para mim.

Para sempre.

Eu dei cerca de quarenta por cento de chance de Corey estar na minha suíte quando fui para a cama às 3:00 da manhã. Normalmente, quando quero algo, vou atrás, com todas as armas em punho. Mas agora não é hora de pressionar Corey Simonson. Agora é a hora de dar a ela algum espaço, deixá-la escolher por conta própria. Eu sei que ela está atraída por mim. Sei que ela gosta do sexo. Mas ela não gosta de ser empurrada. E eu já a tratei com muito disso.

Ainda assim, quase me matou não fechar o acordo quando o turno dela acabou. Eu nem mesmo a segui, ou enviei alguém para segui-la. Eu apenas deixei rolar.

No minuto em que entro em minha suíte, sei que ela está lá. Não sei como... o cheiro dela? Ou apenas a energia dela? Não importa. Eu sei.

Minhas narinas dilatam com satisfação. Eu tiro meus sapatos e caminho suavemente para o quarto. Ela está enrolada de lado, o cabelo caindo para trás do rosto e se acumulando no travesseiro atrás dela.

Eu puxo o lençol para baixo, delicadamente.

Ela está nua. *Grazie Dio*. Eu amo essa mulher. Ela foi feita para mim.

Eu tiro minhas roupas e subo ao lado dela. Meu pau está duro, mas não vou acordá-la. É o suficiente saber que ela está aqui. Ela escolheu estar aqui desta vez.

Isso é tudo que importa.

Encaixo meu corpo nas costas dela e coloco um braço sobre sua cintura, resistindo ao desejo de segurar seu seio. Se eu for lá, todas as apostas serão canceladas. Vou prendê-la contra a barriga e empurrar até o sol nascer.

Ela murmura algo que termina com o meu nome.

Eu adoro ouvi-la dizer isso em seu sono.

— O que é isso, *bella*?

— Estou dormindo com o chefe. — ela murmura em uma risada. — Grande erro, não é?

Meu peito aperta. — É, boneca? — Eu mordo sua orelha. — Achei que você gostasse de sair da estrada principal.

Suas pálpebras vibram e os lábios se contraem em um sorriso. — Mmm. — Ela volta a dormir, mas estou me deliciando com o sorriso.

Porque sei que disse a coisa certa. Eu posso ser o cara errado - um Tacone. Difícil. Mas ela não queria nada comum. Ela prefere emocionante.

Eu posso ser tudo isso e muito mais para ela. Tudo isso e muito mais.

CAPÍTULO DEZ

STEFANO

Estou no salão, procurando por Corey. Ela não está atrasada, mas estou impaciente. Mandeí uma mensagem para ela e disse que ela não estaria na pista hoje à noite e para usar um vestido. Ela não respondeu. Eu provavelmente deveria ter dado a ela um pouco mais. Ela está pensando que vou fazê-la negociar outro jogo particular, tenho certeza. Mas meus grandes planos para ela esta noite não envolvem seu negócio ou ficar no Bellissimo.

E então eu a vejo. *Madonna*, toda vez que uma mulher entra em uma sala, as cabeças se voltam e o que quer que esteja tocando no sistema de som se torna sua trilha sonora pessoal. No momento, é uma música antiga de Pat Benatar e parece que alguém pegou um leque para correr na frente e soprar o cabelo de Corey para trás. Golpeie isso, seu cabelo está se movendo por conta própria, saltando e escovando seus peitos convidativos.

Foram duas semanas de sexo louco. Deixei Corey definir o ritmo, ainda deixando claro que quero um pedaço dela sempre que posso. Eu a encontro na minha cama pelo menos três noites por semana e sempre me certifico de recompensá-la por isso.

Orgasmos múltiplos e ofuscantes são apenas o começo. Eu a trato com serviço de quarto e agendo suas consultas no spa ou salão. Ela fez manicure/pedicure, tratamentos faciais, massagens, reflexologia. Comprei para ela um anel de ouro e brincos de diamante para o segundo piercing em suas orelhas.

Esta noite ela está com um vestido azul safira, justo nos quadris com um profundo decote em V.

Eu vou direto para ela e pego sua mão. Ela lança um olhar ao redor.

— Eu não dou a mínima para quem nos vê. — eu rosno. Estou no limite porque já se passaram trinta e seis horas desde que estive dentro dela. Além disso, estou nervoso com meus planos para a noite. Eles podem

fracassar. E não é comum eu me preocupar com um encontro com uma garota, mas ei, essa mulher é diferente.

— Talvez não, mas eu trabalho aqui. — ela reclama.

— Como se eles já não soubessem. — Eu a levo até a joalheria do cassino porque seu pescoço parece nu.

— O que estamos fazendo? — Ela passa os dedos pelos brincos de diamante que comprei para ela.

Eu caminho até o balcão enquanto o gerente se apressa com um sorriso afetado. — Aquele. — Aponto para um colar de opala azul engastado em ouro branco. É uma série de três peças descendentes, a maior no topo.

O gerente pega e me dá. Coloco-o no pescoço de Corey e entrego-lhe o espelho. — O que você acha?

Ela o toca duvidosamente. É difícil saber se ela não gostou ou não quer aceitar o presente. Há sempre um ar ligeiramente suspeito dela para qualquer coisa que eu faça, como se eu a estivesse enganando em alguma coisa.

Talvez eu esteja.

Seus olhos deslizam para as caixas de vidro. OK. Não é o colar certo. Eu o tiro dela, examinando a mercadoria. Corey não parece interessada em nada. Talvez joias não sejam o seu forte. Mas isso não vai me impedir de tentar mimá-la. Eu avisto uma peça incomum no canto. É uma coleira. Na verdade não, mas pensar nisso dessa maneira me faz ficar duro. Na verdade, é uma bela peça com pedras da lua amarradas em uma delicada corrente de margaridas. Mas é curto. Colar de escrava curta. E a pequena corrente de ouro branco pende atrás como uma coleira. Eu aponto para ele e o gerente se esforça para retirá-lo.

— Este é o único. — eu digo enquanto coloco em volta do pescoço de Corey. Ela nem sequer tem uma palavra a dizer. Eu quero que ela use meu colar hoje à noite, ela vai usá-lo.

Ela toca uma das pedras da lua. — É lindo.

Eu beijo o lugar onde o ombro encontra o pescoço. — Você é linda.

Vamos, temos planos.

— Você quer que eu embale isso para você, Sr. Tacone? — o gerente pergunta. Sue, de acordo com seu crachá.

Eu balanço minha cabeça. — Não, obrigado, ela vai usar isso. — Eu guio Corey para fora da loja e a direciono para os elevadores.

— É outro jogo privado? — A voz de Corey é apertada, me atinge como uma avalanche. Ela tem TEPT⁷ desde o último jogo.

Eu paro e a giro para me encarar. — Baby, o que aconteceu da última vez? Isso nunca mais vai acontecer. Essa era uma chance em mil - um problema que eu não esperava. Lamento que você teve que ver isso. Sinto muito por colocá-la em perigo.

Ela chupa a bochecha. Ela pode acreditar em mim intelectualmente, mas ainda está tensa.

— Não há nenhum jogo privado esta noite. Não aqui, de qualquer maneira. E você não está negociando.

Surpresa pisca em seu rosto. — O que estamos fazendo, então?

Eu pisco e inclino minha cabeça em direção aos elevadores. — É uma surpresa. Vamos *amore*. Não vou durar muito com você nesse vestido com meu colar.

Ela me permite levá-la até o elevador e não diz mais nada até chegarmos ao estacionamento. Então ela toca o colar. — Eu sabia que é por isso que você escolheu este.

Puxo a corrente para trás. — Claro que você fez.



COREY

Stefano me leva até uma Mercedes preta e ele dirige até o Venetian. Eu lanço um olhar interrogativo para ele quando saímos do carro no posto

de manobrista, mas ele apenas sorri e me acompanha para dentro.

Ainda estou confusa quando ele me leva para a sala de pôquer, pega mil fichas e se senta em uma mesa de no hold'em⁸.

— O que estamos fazendo? — Eu me inclino e sussurro.

— Estou testando suas habilidades no pôquer. — ele murmura de volta, acenando para o crupiê.

— Oh. — Eu me sento mais alta. De repente, fico intrigada, desafiada e animada. Isso não é um negócio assustador da máfia para o qual ele está me puxando. Ele quer me ver jogar.

Não sei por que isso é excitante, mas é. Seu interesse por mim é sempre um banho na calcinha, mas saber que vai além da minha beleza e se estende ao meu cérebro, minha habilidade, desperta mais do que apenas minha libido. Ele ilumina minha alma esfarrapada.

Stefano pede um uísque e eu pego água tônica com limão. Eu preciso ficar afiada. Stefano é um bom jogador, mas parece mais interessado em me observar. Depois de algumas mãos, ele desiste de seu assento e fica de pé sobre meu ombro.

Demoro um pouco para me acomodar. Perco cinquenta dólares (do dinheiro de Stefano, então quem se importa?) nos três primeiros jogos. Então eu paro de tentar tanto e apenas sigo meu primeiro instinto em tudo.

Acontece que eu sou o jogador de instinto. Quem sabia? Eu pensei que teria sido o cara cerebral.

Cinco jogos depois, estou ganhando trezentos.

— Vamos. — Stefano toca meu cotovelo. — Vamos colocar você em um jogo maior. — Ele me leva a uma mesa mínima de cem dólares, onde ganho prontamente as próximas duas mãos.

Agora sinto a energia ao meu redor, do jeito que costumo ver com os apostadores. Vem em ondas: das pessoas ao meu redor, das cartas, dos meus oponentes, do crupiê. Juro que até sinto isso vindo do chão, das cartas, principalmente, de Stefano. Suas ondas são constantes. As outras,

têm depressões e vales. É assim que sei quando apostar. Quando segurar. A energia fica plana para mim, eu dobro. Fica succulento, aposto alto. E funciona. Todo. Porra. Do. Tempo.

O crupiê empurra pilhas de fichas na minha direção. Ganhei três mil dólares. Recebo o empurrão para sacar. Olho para Stefano. — Devemos ir?

Ele acena com a cabeça e eu empurro as fichas para o crupiê para trocá-las por valores mais altos. Ele empurra seis fichas de \$ 500 na minha direção.

— Isso é perigoso, Tacone. — digo enquanto caminhamos em direção ao posto de câmbio. Eu deslizo as fichas no bolso do terno. Ele me financiou, afinal, eu estou trabalhando para ele. Acho que ele fica com meus ganhos. Além disso, ele acabou de deixar cair quase mil dólares no meu colar - o que eu absolutamente amo.

— Como assim, *bella*?

— Gosto demais.

— Mais ou menos como eu?

Eu não posso parar o sorriso puxando meus lábios. — *Assim* como você - uma aposta ruim.

— Mmm. — Ele entra na fila para sacar, tilintando as fichas no bolso.

Mais uma vez, tenho a leve suspeita de que o ofendi. Stefano pode ser o bad boy, mas ele não aceita isso.

Ele saca e enfia o maço de notas enroladas na minha bolsa.

— Obrigada. — Eu dou uma olhada para ele sob meus cílios enquanto ele me leva para fora. Não disse muito obrigada a ele. Eu tenho sido uma vadia, sério. Começamos com o pé esquerdo e agora empurrá-lo tornou-se um hábito.

— Não me agradeça. Você ganhou.

Eu toco seu braço enquanto estamos parados no meio-fio esperando o carro. — Quero dizer obrigada por tudo. Por me trazer aqui. Mostrando-me o que é possível.

— Não desista de mim para se juntar ao circuito mundial de pôquer.
— Ele pisca.

Eu sorrio de volta. — Não vou desistir. Mas eu quero muito entrar no circuito.

Stefano abre a porta do passageiro da Mercedes quando ele estaciona no meio-fio. — Eu posso fazer isso acontecer.

Meu coração dá cambalhotas no meu peito. Quando ele dá a volta para o lado do motorista e entra, tenho que perguntar: — Stefano?

Ele desliza seu quente olhar castanho para mim enquanto sai. — Sim, baby?

— O que estamos fazendo?

A princípio, acho que ele não vai entender a pergunta, mas então vejo um tique muscular em sua mandíbula. Ele liga o carro, disparando no trânsito congestionado da avenida, as luzes de néon lançando tons de rosa e azul nas janelas escuras do veículo de luxo.

— Não sei. — Sua voz é tensa - tão diferente de suas notas esfumaçadas habituais.

Ouvir essa admissão - porque parece muito com a verdade - realmente me relaxa. Stefano não está jogando algum jogo. Ele não tem um motivo oculto.

Ele está tão perdido para essas forças quanto eu.

Para a luxúria. A Atração. A atração magnética para ficar junto, veja como isso acaba.

Suas mãos seguram o volante com muita força. É fora do personagem para o homem suave e de fala mansa que conheci. Ele não fala o resto da viagem de volta, mas quando ele estaciona no estacionamento privado do Bellissimo e desliga o carro, ele se vira para olhar para mim.

— Eu quero você, Corey, o tempo todo. Eu preciso estar em você diariamente, mas não é só isso. Eu poderia sentar e apenas *observar* você por horas. Inferno, acabei de fazer! Quero saber tudo o que se passa dentro

dessa linda cabeça. Então o que é isso?

Minha respiração vem em suspiros rasos, não consigo fechar meus lábios. Ninguém... ninguém nunca disse nada assim para mim antes. Não é açucarado, nem romântico. É cru, simples e honesto. Meus olhos ardem por um momento até eu me recuperar. Stefano sai do carro e bate a porta. Eu não consigo me mover até que ele vem para abrir a minha e oferecer sua mão. Eu saio do carro.

— Não sei. Você tenta definir isso, não vai encaixar direito. Não sou eu quem vai te dar a cerca branca. Eu sou o cara que quer puxar seu cabelo, dar um tapa na sua bunda e mimá-la muito.

É quase demais olhar para o rosto de Stefano. A intensidade ali mexe comigo.

— Mas você não quer normal, certo? — Há algo feroz e convincente na voz de Stefano.

Eu caio nele. Odeio minha fraqueza, mas estar no círculo de seus braços me fortalece novamente. Alivia os tremores da incerteza. Ele beija meu cabelo, sua mão em volta do meu pescoço e me segurando.

— Quero levar você lá para cima e dar uma surra em sua bunda... te foder até você gritar. Então amarrar você e fazer tudo de novo.

— Bem? — Eu levanto meu rosto para o dele. Estamos nariz com nariz, tão perto que estou inalando seu hálito de uísque. — O que você está esperando? — Eu sussurro com a voz rouca.



STEFANO

Estou louco para enfiar meu pau na Corey, mas meu maldito telefone toca e é o Leo.

— E aí? — Pego a mão de Corey e a levo para o elevador. Lá dentro, eu a empurro contra a parede e pressiono meu corpo contra o dela, inclinando-

me para acariciar seu pescoço.

— Os federais estão aqui. Eles querem questionar você e Corey Simonson.

Foda-se. — Onde eles estão?

— Escritório do Nico.

— Vamos subir em um minuto. — Eu desligo. Os olhos de Corey estão do tamanho de pires. — Você ouviu?

Ela acena com a cabeça.

— Tudo do jeito que aconteceu. Donahue perdeu, ele saiu atrás de Smith, não o vimos desde então. *Capiche?*

Ela arruma o rosto rapidamente e acena com a cabeça, já parecendo composta.

— Tem certeza disso?

— Eu tenho isso. — diz ela, olhando para frente.

Eu xingo baixinho. — Lamento que você tenha que fazer isso, Corey.

Um músculo em sua bochecha salta. — Sim, eu também.

A distância entre nós aumenta, então, como uma maldita rachadura na terra. Ela está em uma margem, eu estou na outra. Estamos conversando com os federais. Pessoas que ela recebe. Ela se relaciona. Está relacionada com. E eu sou o criminoso. Ela poderia me foder com uma palavra aqui. Eu sei que ela não vai. Ainda assim, estamos em times separados. Estou pedindo a ela para trair sua equipe. Ela fará isso por mim, porque... não sei. Eu gostaria de dizer que ela me ama, mas não tenho certeza se isso é verdade. Temos um vínculo, no entanto, tenho certeza disso.

Entramos no escritório de Nico. Não estamos mais nos tocando: sem mãos dadas, sem ficar perto. O espaço físico entre nós não é nada comparado ao espaço psíquico.

Os olhos de Corey estão alertos, atentos. Ela recebe os agentes, aperta suas mãos. Acho que vejo um registro de alívio depois que ela os conhece,

mas isso não faz sentido. Ela não conhece esses caras.

Eles a levam para uma sala e a questionam. Não demora muito: dez minutos, no máximo.

Quando ela sair, é a minha vez.

Entro e me sento em frente aos dois patetas.

— Sr. Taccone, estamos investigando o desaparecimento de Eric Donahue. O último lugar que ele foi visto foi este hotel na noite do dia 23. Você se lembra de ter visto o Sr. Donahue?

Eu concordo. — Sim. Eu o conheci quando ele estava saindo. Meio idiota.

O agente Spinelli ergue as sobrancelhas. — Oh sim? Como assim?

Eu dou de ombros. — Ele pensou que meu irmão estaria aqui jogando com ele. Ele não ficou emocionado, era só eu e só entrei no final. Mas o que você pode fazer?

— Então o Sr. Donahue sacou o dinheiro e foi embora depois que você entrou. E depois? Você teve mais algum contato com ele?

— Nenhum.

— Foi seu irmão?

— Não que eu saiba. Você perguntou a ele?

Eles ignoram minha pergunta. — Você conhecia Donahue antes de conhecê-lo na noite do dia 23?

Eu balanço minha cabeça. — Nunca o conheci, nem ouvi falar dele, exceto para ver que ele estava na lista para o jogo privado.

— Mais alguma coisa que você possa nos contar sobre Donahue? Seu comportamento, qualquer coisa que ele mencionou?

— Não. Cara mediano. Não é um grande jogador. Ele perdeu, mas eu não diria que ele é do tipo suicida. Mas acho que nunca se sabe. — Eu dou de ombros.

— Tudo bem, isso é tudo, Sr. Tacone. Obrigado.

Eu saio da sala. Corey não está nos escritórios, nem no corredor. Subo para o meu quarto, mas já sei que ela não estará lá.

Esta investigação traça uma linha na areia.

Ela está de um lado e eu do outro.



COREY

Eu dirijo para casa depois das perguntas dos federais porque estou muito abalada para ficar. O sexo quente com Stefano teria sido morno, na melhor das hipóteses.

Por que eles estavam nos interrogando às onze da noite? Oh, talvez porque é quando a equipe que trabalhou na noite em que o cara desapareceu está no cassino?

Meu pai não era um dos federais fazendo perguntas, o que foi um grande alívio. Eu realmente não poderia lidar com ele no mesmo prédio que Stefano. Acho que posso entrar em combustão. Mas sua ausência é curiosa. Isso significa que ele está trabalhando disfarçado nisso?

Ou não é o caso dele e ele apenas se ofereceu para me questionar porque sabe que trabalho aqui? Ou mais provavelmente porque ouviu falar do noivado de Sondra?

Que pau.

Meu telefone vibra enquanto estou destrancando a porta da frente. É uma mensagem do Stefano.

Stefano: Haha...

Eu estou parada do lado de dentro da minha porta e olho para a tela, a culpa espirrando através de mim. Tivemos um encontro incrível. Eu o deixei totalmente com a bola azul.

Começo a enviar uma mensagem de desculpas, mas mudo de ideia e aperto o botão de chamada.

— Corey. — Ele parece aliviado por eu ter ligado.

— Sinto muito por ter saído. Eu só... estava nervosa e precisava me reagrupar. — Eu largo minha bolsa e as chaves na mesa e tiro meus saltos.

— Sim, eu entendo. Lamento que você tenha feito isso por mim.

Por mim. Nosso relacionamento mudou o suficiente para que todas as pretensões de ameaças tenham desaparecido. Ele sabe que as coisas são pessoais agora. Eu estou fazendo isso por ele. Claro que sim.

— Outra vez? — Encho um copo com água gelada na minha cozinha.

— Claro. Amanhã à noite?

Ele está me perguntando. Pela primeira vez, Stefano Taccone está perguntando, não dizendo. É legal, não que eu me importe em contar também. Combina com ele bancar o chefe e ele faz isso muito bem.

— Eu provavelmente deveria fazer alguns turnos para poder pagar meu aluguel.

— Você ainda está na folha de pagamento, baby. E você acabou de ganhar três mil esta noite.

— Ah, sim. — eu rio. Na verdade, eu tinha esquecido porque o dinheiro não parecia real para mim.

— Na próxima semana eu vou colocar você em um jogo de apostas altas. Veja se você pode ganhar muito.

A julgar pela forma como meu coração acelera e todo o meu corpo liga, eu diria que quero isso. Como Stefano sabe, não faço ideia. Ou talvez eu esteja apenas animada porque ele faz parte disso.

— Você realmente acha que eu posso fazer isso?

— Eu faço. — diz ele sem hesitar. — Mas não se trata de ganhar ou perder. Não é por isso que estou entrando em você.

— Porque então?

— Eu acho que você vai gostar. Estique-se um pouco. Use seus talentos de uma nova maneira. Acho que pode ser divertido.

Meu peito ficou pegajoso e quente. Desde quando Stefano Taccone se preocupa com a minha diversão? Sobre minha sensação de realização?

Sinto uma pontada de culpa por não pensar o mesmo sobre ele. Tudo o que tenho feito é mantê-lo à distância. Barricando meu coração do sexy playboy do Bellissimo.

Mas ele não está agindo como um jogador.

Ele está agindo como um namorado.

Agora eu gostaria de ter passado a noite no Bellissimo.

— Obrigada. Significa muito para mim o que você está fazendo.

Ouçõ a respiração de Stefano pela linha. — Amanhã à noite, *amore*. Você pode me mostrar sua apreciação.

Minha risada soa rouca. Deito na cama e coloco a mão entre as pernas. — Eu posso fazer isso.

— E espere punição. Você não me deixa com a bola azul sem pagar penitência, *bella*.

Minha boceta apertada. — Tenho certeza que você vai fazer uma boa lição. — eu ronrono.

Stefano xinga baixinho em italiano. — Você me mata, você sabe disso?

— É mútuo. — murmuro. — Vejo você amanhã. — Eu termino a ligação e caio de volta no meu travesseiro, trabalhando meus dedos entre minhas pernas enquanto imagino meu amante sexy como o inferno.

É definitivamente mútuo, Stefano.

CAPÍTULO ONZE

COREY

— Por que você simplesmente não se muda para cá? — Stefano me pergunta algumas semanas depois. Temos nos visto quase todos os dias, seja no trabalho ou quando ele me tira do horário e me leva para passear na cidade com ele. Graças ao seu contínuo interesse em me mostrar o que é possível, ganhei dez mil dólares na semana passada jogando pôquer.

Esta manhã, estou saindo de sua suíte para passar o dia em casa e ele está mal-humorado com isso. Passo a noite em sua suíte três ou quatro noites por semana, mas ele está começando a pressionar.

— O que há em seu pequeno apartamento de merda que você não tem aqui?

— Não seja um idiota. — murmuro, pulando para colocar meus saltos altos de ontem à noite.

— Não mesmo. — Ele dá um nó na gravata, completando o visual de modelo masculino e quase arrancando um suspiro de mim. — O que é? Eu quero saber.

— Bem, uma cozinha totalmente equipada para um.

Seu rosto clareia. — Você gosta de cozinhar? — Ele parece tão feliz que quase fico vermelha.

— Sim. Gosto de saber exatamente o que estou colocando na boca.

Ele sorri. — Ah. Entendo. Você precisa controlar o que come.

Eu pego uma de suas meias enroladas no chão e jogo em sua cabeça.

— Estou certo, não estou?

— Cale-se.

Ele sorri. — Então você quer uma cozinha. Vamos chutar Leo e Tony para fora do último andar e voltar para minha casa lá em cima. Então você ficaria?

Eu penso um pouco mais. Ainda não estou pronta para fazer esse tipo de movimento com Stefano. Isso é muito intenso. Muito rápido. Não sou alguém que confia rapidamente e definitivamente não dou meu coração facilmente. Na verdade, não tenho certeza se já desisti. Provavelmente devo agradecer ao meu pai por isso também.

O sorriso de Stefano desaparece. — Arrume suas coisas, você está se mudando. — Sua voz se transformou em tons de chefe imbecil exigente.

— Você ordenando não faz acontecer. — eu corto de volta.

— *Cuore mio*⁹ — Ele caminha em minha direção, sua voz suave e perigosa, seus passos como os de uma pantera. Ele me pega pela cintura e senta minha bunda na mesa. — Vai acontecer. — Ele abre minhas coxas e leva o polegar ao meu clitóris através da minha calça jeans. — Quanto menos resistência você fornecer, maior será a recompensa. — Ele belisca um mamilo através da minha camisa e sutiã. Seus dentes roçam meu ombro. — Você me dá problemas? Haverá punição. O relógio começa agora. Você tem quarenta e oito horas para arrumar suas coisas e deixá-las prontas. Cada hora que você demora depois disso? Vou fazer você pagar. — Ele mordisca minha orelha. — Pense nisso, *amore*. — Ele segura meu queixo e me beija com força. — Você precisa de ajuda para fazer as malas, vou mandar alguns caras. Basta dizer a palavra. Mas isso está acontecendo.

Eu pisco para ele. Parte de mim quer ceder. O que está me segurando, afinal? Mas se envolver com Stefano parece muito assustador. O que acontece quando as coisas vão para baixo? Não terei meu próprio lugar para morar. Estarei desempregada.

Ele esfrega meu clitóris e puxa meu mamilo ao mesmo tempo e eu abro mais os joelhos, precisando de mais agora. Eu alcanço a protuberância em suas calças e aperto.

Stefano abre o botão da minha calça jeans e me puxa para fora da mesa para enfiar minha calça jeans e calcinha abaixo da minha bunda. Ele pressiona um dedo dentro de mim, depois um segundo. Eu me contorço quando ele retoma a tortura do meu mamilo, empurrando seus dedos ao mesmo tempo. Quando ele leva o polegar ao meu clitóris, agarro sua mão,

tentando enfiar seus dedos mais fundo.

Ele os retira e os coloca na boca, me provando.

Eu espero, ofegante. Tenho certeza que ele vai me foder agora. Puxar seu pau para fora e me dê áspero e duro, como ele sempre faz, mas em vez disso ele dá um tapa na minha boceta. — Sem orgasmo para você, e não se atreva a tentar se dar um. Essa boceta me pertence.

Um pico de raiva incandescente passa por mim. Sim, ruiva. Eu olho quando eu puxo minhas calças para cima. — Foda-se, Tacone.

— Ei. — Ele segura meu braço. Registro alarme em seu rosto, lamento até, mas não me importo. Provavelmente é apenas a frustração sexual, mas estou chateada. Pronta para dar uma joelhada nas bolas dele de novo, chateada.

Embora eu não faria isso com ele novamente.

— *Ei.* — Ele corresponde à minha intensidade, me girando e prendendo meus braços atrás das costas. Ele empurra meu torso para baixo sobre a mesa e bate na minha bunda.

— Stefano. — eu cerro entre os dentes.

Ele me bate de novo. — Sim?

— É melhor você me foder agora ou eu nunca mais vou falar com você.

Ele não responde, mas começa a me espancar, forte e rápido.

É exatamente o que eu preciso, os tapas afiados combinando com meu fogo, encontrando-me, canalizando minha fúria para algo mais sensual. Mais satisfatório.

Luto, não porque quero fugir, mas porque ele está certo. Eu gosto de ser mantida em cativeiro. Gosto de saber que não posso fugir, de sentir a sua força, de me entregar à sua vontade, que sei que me deixará satisfeita.

Ele não para, não até que minha bunda queime, mesmo com a proteção do meu jeans. Uma mistura de triunfo e alívio corre através de mim quando ele finalmente solta meus braços e abre o botão da minha

calça jeans, a protuberância de seu pau pressionado insistentemente contra a minha bunda.

Vibrações florescem em minha barriga. Stefano empurra minha calça e calcinha para baixo uma segunda vez, então me dá um tapa entre as pernas.

Eu gemo. Nem registro o tapa como dor. É tudo um meio de liberação, de satisfação. — Por favor. — murmuro. Acho que toda a minha arrogância se foi. Eu sou dele agora, bastou uma surra. Ou saber que em breve conseguirei o que preciso.

Eu ouço o barulho de papel alumínio amassado quando Stefano faz questão de me proteger, então ele bate em todo o caminho. Eu engasgo com a sensação de estar quase dividida em duas. Stefano estremece, permanecendo enterrado em mim. Se é para eu me ajustar ou para ele, não tenho certeza. Uma coisa eu sei - quando ele começar, ele vai trazê-lo.

Ele agarra meus quadris, como esperado, recua e bate com força novamente. O ritmo que ele estabelece é rápido e brutal. Minhas mãos voam para a mesa para me segurar, levantar meu rosto da mesa antes que eu me machuque.

Eu afundo na experiência, me rendo completamente perdida nas ondas de sensações que cascadeiam através de mim. O telefone voa da mesa. Um bloco de notas, meu carregador de telefone. Eu preciso gozar e não quero que acabe.

Stefano muda para impulsos rápidos, mudando o ângulo para me preencher ainda mais.

Eu gemo e lamento, empurro meu tronco para cima, então estou apoiada em minhas mãos. Olho para ele por cima do ombro, já arrependida do meu temperamento. Querendo ter certeza de que ele não está bravo.

Ele está. Sua mandíbula se flexiona, os olhos são negros e implacáveis. Ele pega meu cabelo em seu punho e puxa minha boca de volta para a dele, arrastando seus lábios nos meus. Eu o beijo de volta, ansiosa para dar agora, querendo acelerar sua satisfação para que eu consiga a minha.

Preciso.

Disso.

Por favor.

— Stefano. — eu ofego quando ele interrompe o beijo.

— Diga-me que você está se mudando. — Seus tons guturais são duros, mais um rosnado do que palavras. Seus lombos batem na minha bunda dolorida com impulso após impulso forte.

— OK! — Eu me rendo. — Sim, eu vou me mudar.

— *Agora.* — ele exige. Ele está totalmente chateado.

— Agora, sim.

Lágrimas brotam em meus olhos por uma razão que não consigo compreender totalmente, mas Stefano vem e belisca meu clitóris e um mamilo ao mesmo tempo, então eu gozo também. Eu jogo minha cabeça para trás em um grito estrangulado, meu corpo resistindo contra o dele, boceta ordenhando seu pau com tudo o que vale.

Stefano gentilmente, acariciando a mão para cima e para baixo na minha garganta enquanto ainda está enterrado dentro de mim. Ele beija o lado do meu rosto e eu me viro.

— Vou ficar com meu apartamento. — digo, como se fosse uma criança que precisa ganhar um pequeno ponto.

Stefano sai e joga fora a camisinha enquanto eu puxo minhas calças e fecho o zíper. Quando ele volta, ele me gira e embala minha cabeça. Ele me beija uma vez, sensualmente, seus lábios deslizando sobre os meus.

— OK. Entendo. Você precisa saber que tem um lugar para onde ir se isso não der certo. — Ele observa meu rosto de perto e deve ver a confirmação lá, porque ele acena com a cabeça. — Muito bem. Você faz o que precisa fazer. Mas se você acha que eu não quero queimar aquela porra de lugar, você está delirando.

Meus lábios se curvam. — Por quê? — Eu exijo.

— Você morou lá com seu ex *testa di cazzo*. Não gosto que você esteja lá.

Confesso que estou surpresa. Stefano não demonstrou ciúmes antes. Acho que ele está confiante o suficiente, ele não precisa se preocupar. Talvez eu tenha lido errado.

— Era minha casa antes de ele morar lá. Eu paguei o aluguel. Eu limpei. Ele era apenas um idiota que viveu lá por um tempo.

— OK. — Stefano ainda não parece feliz, mas está concedendo. Ele acaricia minha bochecha com o polegar. — Você está bem?

Eu dou um sorriso irônico. — Você quer dizer que minha bunda está bem?

— Não, quero dizer nós. Estamos bem?

— Porque você acabou de me convencer a fazer o que você quer?

Ele estremece.

Eu me aproximo dele, embora estejamos frente a frente. — Não sei. Eu me sinto um pouco crua.

Ele imediatamente envolve seus braços em volta de mim e me puxa contra seu peito. — Sim, eu também. — ele sussurra contra o meu cabelo.

Eu me apoio em sua força, me perguntando como me tornei o maior covarde da face da Terra. Por que tenho tantas barreiras levantadas? O que tenho medo de perder - meu coração? Meu orgulho? Eles são tão importantes?

— Você quer que eu ajude você a fazer as malas?

— Gostaria de você pessoalmente? Ou você vai mandar alguém?

— Eu pessoalmente. Eu e você, arrumando suas coisas juntos.

Parece ótimo, na verdade. Um pé no saco, mas ótimo. — Sim, eu gostaria disso.

Ele me solta do abraço para acariciar meu cabelo para trás do meu rosto. — OK. Vamos.



STEFANO

Estou alegre como o inferno empacotando as coisas de Corey naquela tarde. Sim, fui um idiota sobre isso e me sinto mal, mas ganhei. Ela está dando algo mais de si mesma para mim.

E sim, eu ainda sei que nosso relacionamento é complicado pra caramba, considerando quem são nossos pais, mas não quero me preocupar com isso agora. Tudo o que me importa é ficar mais perto de Corey. Entrando na cabeça dela. Tê-la perto de mim o tempo todo.

Às quatro horas recebo uma mensagem de Junior, meu irmão mais velho.

*Che due coglioni!*¹⁰ Eu gemo quando leio.

Corey se vira de onde está. — O que é?

— Minha porra de irmão.

— O que Nico disse?

Eu rosno e enfio os dedos no meu cabelo. — Nico não. Júnior - o *stronzo* mais velho. Ele diz que está trazendo todos os caras para Las Vegas neste fim de semana para a despedida de solteiro de Nico.

Corey se endireita. — Eu não sabia que Nico estava dando uma despedida de solteiro neste fim de semana.

— Sim, ele não estava. — eu resmungo.

Porra Júnior.

— Ah. É uma emboscada surpresa.

Eu dou uma olhada para ela, surpreso por ela entender. — Exatamente. E eu devo configurar tudo.

— Este é o irmão que tentou matar Nico quando eles estavam em

Chicago?

— Não tentou. — eu corrijo. Júnior não tenta. Ele não falha. Ele faz o que diabos ele quer fazer, assim como nosso pai. — Ameaçou.

— Sinto muito. — diz ela simplesmente. — Família é uma merda.

— Eufemismo. — Minha família vive e respira por *La Famiglia*. O sangue é importante. Apenas a família pode ser confiável.

Supostamente.

E foi o dinheiro da família que financiou o Bellissimo, ajudou Nico a gerar milhões. Mas quando você teme por sua vida só porque quer se casar com a mulher de sua escolha?

Isso é simplesmente fodido.

Então Junior trazendo todos para uma despedida de solteiro não é para ajudar a comemorar com Nico. É usá-lo na melhor das hipóteses. Eles transformarão o casamento em todas as formas de tática de negócios que precisam. Relações Públicas para a família, lubrificar rodas, um prazo para as pessoas que lhes devem dinheiro.

Espera-se que Nico se comporte como um macaco treinado. Aja como um anfitrião jovial para todos, tome uma posição quando necessário. Ele vai aceitar bem. Ele fará a parte dele. E eu também, claro.

Porque realmente - que outra escolha nós temos?

CAPÍTULO DOZE

COREY

Eu estou em um dos meus vestidos vermelhos, embaralhando as cartas, esperando a festa começar. Estamos em uma das salas de conferência no terceiro andar, mas esta noite foi montada como um lounge privado, com sofás e mesas. Uma mesa de bufê com comida de festa é montada contra uma parede e um barman fica em posição de sentido atrás de um bar.

Nico me ligou ontem à noite, depois que Stefano e eu terminamos de mudar todas as minhas roupas e itens pessoais para uma das suítes da cobertura.

— Preciso que você faça uma coisa para mim. — disse ele, sem nenhum preâmbulo. Stefano estava no salão, trabalhando e eu ainda estava desempacotando e arrumando as coisas. Nico não tinha me ligado antes, exceto quando Sondra terminou com ele e foi para casa em Michigan. Então ele montou minha bunda sem parar tentando me fazer dizer a ele onde ela estava.

— OK. O que é?

— Eu preciso de você para negociar um jogo privado amanhã à noite. Uma despedida de solteiro.

— Sua despedida de solteiro?

— Sim. — Ele parecia exasperado, mas eu não pensei comigo.

— Bem, você é o chefe. Diga-me quando e onde e estarei lá.

— Vou te mandar uma mensagem com os detalhes. Ainda não contei a Stefano, mas preciso que você esteja lá.

Tento ler nas entrelinhas. Por que ele precisa de *mim*? *Oh*. Isso é muito doce.

— Para deixar a mente de Sondra à vontade? — Perguntei.

— Certo. Não vai ser bonito: strippers, prostitutas e charutos. Eu não quero que ela se preocupe. *Capiche?*

— Sem problemas. Serei seus olhos e ouvidos. Ela pode contar comigo.

— Boa garota. Agora é só não deixar o Stefano alterar seus pedidos. Eu preciso de você lá, eu não dou a mínima se ele se opuser.

Ele desligou antes que eu pudesse questionar por que Stefano se oporia. Melhor não ser porque ele queria festejar com strippers.

Uma sensação desconfortável torce minha barriga porque eu podia imaginar tudo com muita facilidade. Stefano com um braço em volta de uma vadia de cada lado. Stefano sendo chupado por uma enquanto dava um tapa na bunda da outra.

Mas não. Ele não estava nada animado com esta despedida de solteiro. E um homem com sua aparência e personalidade nunca teria que pagar por sexo.

Nico estava certo, no entanto. Stefano ficou chateado quando descobriu que estou negociando esta noite. Mesmo agora, enquanto ele caminha rapidamente, rosnando ordens e resolvendo as coisas, posso ver que ele está tenso. Ele parece zangado comigo, mas estou tentando não levar para o lado pessoal.

Eu sei como é com a família.

Nunca sou a Miss Raio de Sol perto do meu pai. Ou minha mãe, aliás, embora eu a ame. Talvez eu me ressinta por ela ser um capacho para meu pai - por se casar com ele em primeiro lugar. Não sei o que é, mas ela também me deixa maluca.

A porta se abre e Nico entra primeiro, seguido por um fluxo de homens italianos - dezenas deles. A maioria parece mais velha que Nico e Stefano, mas também há alguns caras mais jovens. Eles já beberam. Talvez eles tenham começado em um bar no andar de baixo.

— Stefano, onde estão as meninas? — um cara cerca de dez anos mais velho do que Nico exige. Ele pronuncia o nome de Stefano com sotaque italiano, então é STAY-fano em vez de STEH-fano.

— Dez minutos, Junior. — Stefano grita de volta, seu sorriso afável no lugar, embora eu possa dizer que é falso. Ele aumenta o volume da música, abaixa as luzes e lança seu olhar para mim. Ele esteve quase seco a noite toda e agora está carrancudo.

Eu dou a ele o quê? Dou de ombros e ele balança a cabeça.

Duas horas depois, a festa está totalmente fora de controle. Garotas de topless em nada mais do que tangas se espalham nos sofás e cadeiras. Uma delas foi fodida bem na frente de todo o grupo.

— Você coloca seu pau em uma garota, você está pagando extra. — Stefano gritou para gargalhadas estridentes. — Só estou pagando pelo strip-tease.

Sondra ficará aliviada em saber que Nico nem olhou para uma garota. Ela não é do tipo ciumenta, mas tem uma história com homens que traem, então Nico não mencionou que tinha um contrato de casamento com outra mulher quando começaram a namorar, então é um ponto sensível.

Os visitantes estão todos se divertindo muito. Os caras que conheço do cassino - os que moram aqui em Las Vegas - não estão impressionados com o caso todo. Todos parecem estar trabalhando esta noite, em vez de aproveitar o evento.

O grande guarda costa de Nico, Tony, está em posição de sentido na porta, intensificando-se para interferir toda vez que um cara fica muito rude ou metido com uma garota. Percebo que ninguém lhe dá nenhuma merda de volta. Claro, ele é um monstro enorme. Considerando o quão protetor ele é com as mulheres, acho que ele é realmente um grande ursinho. Eu conversei com ele algumas vezes e ele parecia um cara de pé.

Estou negociando há duas horas seguidas e estou pronta para uma pausa, mas não acho que alguém vá me substituir tão cedo.

O cara à minha direita fica mais barulhento e manhoso a cada novo drinque, a cada momento que passa.

— Me bata de novo, linda. — ele diz, e bate na minha bunda. Seu tatear não é novidade e eu recuo fora de seu alcance. Desta vez, porém, ele fica agressivo e avança para bater na minha bunda. — Não se afaste quando

eu estiver falando com você.

Estou chateada, mas não muito preocupada. Tudo o que tenho a fazer é chamar a atenção de Tony se o problema persistir.

Felizmente, Nico aparece atrás do cara e o agarra pelo ombro. — Ei, tire essa mão daqui, ela não é uma stripper.

— Ah, vamos. Ela é perfeita! — O imbecil se levanta e vem até mim, agarrando meus dois seios.

Nico puxa a gola do cara, mas Stefano chega como um tornado, empurrando o cara para trás e acertando-o com um gancho de direita perverso.

Eu me esquivo de seu corpo tombado e ele se choca contra o meu lado da mesa.

— Ei, ei. — Nico joga um braço em volta do peito de Stefano e o puxa para trás. — Vá com calma. — A expressão de Stefano é uma tempestade negra. Seu olhar negro está focado como laser em minha apalpadora. Ele não está nem perto de terminar.

— Stefano! — Eu rosno, esperando trazê-lo de volta.

Ele continua lutando por sua liberdade.

— Suficiente! — Nico aconselha. — Ele não sabia que ela pertence a você. Agora ele sabe. Respire, porra.

Pertence a você. É assim que esses caras pensam. Como uma mulher é um pedaço de propriedade.

— Esta é a sua garota? — o cara zomba, apontando de mim para Stefano. — Por que diabos você a teria como entretenimento em uma maldita despedida de solteiro? Ela é uma prostituta?

Stefano enlouquece de novo e Nico o solta. Stefano derruba o cara, derrubando-o na mesa novamente, então ele segura sua camisa e soca seu queixo novamente. Juro que Nico leva seu tempo antes que ele e Tony o tirem.

— Sério, Bobby? Isso é o que você quer dizer ao meu irmão quando

ele já quer enfiar suas bolas na sua bunda? — Nico diz. Ele está calmo e no controle, enquanto Stefano é um touro furioso.

Os caras todos riem.

— Peça desculpas a ela. — Cuspe voa da boca de Stefano.

O cara limpa o sangue com um sorriso estúpido no rosto.

Stefano ataca novamente. — Eu disse...

— Sim, sim, eu ouvi você. Sinto muito, senhorita...

— Simonson. — Nico fornece.

— Simonson. — Tony repete como se o idiota devesse reconhecer o nome. Quero dizer, ele deveria, mas claramente ele está bêbado e provavelmente estúpido para começar, então eu não acho que ele vai. — Ela é a porra da prima da noiva, agora você sabe por que ela está aqui, *coglione*¹¹. — Tony complementa. — Ela está espionando Nico. Então guarde seu pau e aja como a porra de um cavalheiro.

— Tire ela daqui. — Nico diz, finalmente soltando Stefano.

Com a fúria ainda amarrada em sua expressão, ele estende a mão.

Eu pego e permito que ele me leve para fora da sala.



STEFANO

Estou muito chateado para ver direito. Aquele *testa di cazzo* tinha a porra das patas em cima do Corey, ainda quero matá-lo.

E estou chateado comigo mesmo por perder minha merda.

Eu não queria que Corey me visse assim. Nunca.

Este é um lado meu que eu preferiria que não existisse - o temperamento Tacone. Uma herança do lado do meu pai, ou talvez

simplesmente alimentada em mim através da exposição à violência desde tenra idade.

Tenho tentado fazer Corey acreditar que sou outra coisa. Algo além de um mafioso obscuro. Algo sofisticado e confiável e honesto pra caralho.

Mas Junior teve que rolar para a cidade com todo o bando de *bandidos* e me expor pelo que eu sou.

Um deles.

Chauvinistas, paternalistas, bastardos decadentes de classe baixa que apalpam prostitutas e agem como idiotas.

— Ei. — Corey diz suavemente quando entramos no elevador.

Eu não posso nem olhar para ela. Estou envergonhado pra caralho. Envergonhado e com raiva. Ando pelo pequeno elevador, passando os dedos pelo cabelo.

— Ei. — ela repete, agarrando as lapelas da minha jaqueta e entrando no meu espaço. Ela abaixa a mão para segurar minhas bolas e de repente começa.

Lutar já me dá um suporte, então é fácil mudar de luta para foder. Meu pau cai em sua mão e eu a giro e a prendo contra a parede do elevador. As portas batem e se abrem no nosso andar, mas eu aperto o botão do telhado e elas se fecham novamente.

— Coloque essas longas pernas em volta da minha cintura. — eu rosno como se ela estivesse em apuros, quando na verdade, eu sou o cara que deveria estar de joelhos agora.

Ela obedece e eu esfrego meu pau duro entre suas pernas, o calor úmido de sua boceta fornecendo o farol para o meu pau dolorido.

As portas do elevador se abrem e eu a carrego direto para o telhado. O Bellissimo tem um restaurante na cobertura alguns andares abaixo, mas esta cobertura é utilitária, com HVAC,¹² sistemas mecânicos e outros equipamentos. Eu a empurro contra a unidade HVAC e abro meu zíper para liberar minha ereção.

Rasgo sua calcinha com um puxão que a faz gritar e então estou dentro dela, afundando em seu calor.

Estou louco de necessidade, empurrando como se minha vida dependesse disso. Como se eu fosse fundo o suficiente, pudesse apagar toda mágoa e raiva que já sofri. Como se a boceta dela fosse a base e se eu pudesse ir mais fundo, apenas reivindicá-la completamente, eu teria vencido.

Corey envolve seus braços em volta do meu pescoço, me segura e cavalga, seus quadris inclinados para me levar mais fundo, seus pequenos gemidos e gritos são a trilha sonora da minha luxúria.

— Eu preciso de você, baby. — murmuro, frenético para apenas fodê-la mais forte, apenas chegar mais fundo.

— Eu sei, eu sei. — ela ofega.

Eu me inclino e mordo seu pescoço, seguro com os dentes, fazendo-a gemer na próxima estocada.

E então eu vou embora.

O calor pisca na base da minha espinha, minhas bolas se contraem.

Eu perco minha visão – ou talvez eu feche meus olhos, não posso dizer – mas tudo fica preto, estrelas explodem na periférica enquanto eu rugo alto o suficiente para toda a porra de Las Vegas ouvir.

Corey grita também e eu gozo, esvaziando-me nela, sua boceta ordenhando...

Oh foda.

Eu arranco, chegando na parede entre suas coxas, em seu vestido, em minha mão. Seus pés caem abruptamente no chão

— Foda-se, baby. Eu não te protegi. Sinto muito. Perdi a cabeça.

— Está bem; estamos bem. Tomei a pílula na semana passada.

Eu relaxo em alívio. — Estou limpo. Eu juro para você.

— Eu também. Acabei de ser verificada.

— *Grazie Dio.* — Eu inclino minha testa contra a dela. Por um momento fico ali, apenas respirando a respiração dela, mantendo nossa conexão. — Sinto muito que você me viu assim. Estou envergonhado, Corey.

Ela envolve os braços em volta da minha cabeça, enterrando os dedos no meu cabelo. — Você está brincando? — Ela massageia meu couro cabeludo, olha para mim com seus olhos azuis elétricos. — Ninguém nunca me defendeu antes. Não sou o tipo de garota que brinca de donzela em perigo, na verdade, parte de mim quer repreendê-lo por presumir que eu não conseguiria lidar com isso sozinha. Mas, Stefano, estou quase desmaiando agora. Você é um cavaleiro na porra de uma armadura brilhante.

Eu acaricio os lados de sua cintura, tentando conter minha raiva por suas primeiras palavras — *ninguém nunca a defendeu antes.* Como pode ser? Não seu pai? Um amigo? — Eu acho que as pessoas geralmente assumem que você pode lidar com as coisas por conta própria. Inferno, eu sei que você pode. Mas isso não significa que eu não vou balançar para você toda vez.

Ela traça as unhas pelos lados do meu pescoço. — Desmaio. — ela murmura.

— Sim, baby, eu vou fazer você desmaiar. — Eu enrolo meu antebraço sob seus joelhos e a levanto no ar, estilo donzela. — Deixe-me levá-la de volta para a minha cama.

Ela ri - um som rouco - e beija meu pescoço.

Eu a carrego até o elevador e me recuso a colocá-la no chão. Mesmo quando entramos em nossa suíte, continuo a segurá-la, levando-a para a varanda, onde me sento no sofá de vime e a arrumo em meu colo.

Eu acaricio suas costas, consternado ao descobrir que está coberto de pequenos arranhões da parede do HVAC.

— Ninguém nunca defendeu você? — Eu pergunto. — Mesmo quando você era pequena?

Ela suspira. — Minha mãe é um capacho. Acho que foi por isso que ela se casou com o babaca do meu pai. Os pais de Sondra ficaram de fora. Acho

que meu pai também os intimidava. Sondra teria me defendido, mas sou um ano mais velha, então sempre fui a sabe-tudo. Não deixei que ela me cuidasse muito. Sempre foi o contrário.

Eu beijo seu ombro.

— Quem era aquele cara, afinal? Alguém com quem você precisa se preocupar em irritar?

Eu zombo. — Não. Ele é um primo. Ninguém importante. É por isso que Nico me deixou dar alguns golpes. Falando em Nico, eu sou um idiota por fazê-lo quebrar a merda em sua própria despedida de solteiro. — Pego meu telefone e mando uma mensagem de desculpas.

Corey me observa. — Você e Nico são próximos.

— Sim. Bem mais próximos do que nós dos nossos irmãos mais velhos. Nico foi meu defensor enquanto crescia. Ele me protegeu. Somos diferentes do resto deles, pelo menos gosto de pensar assim. Não nos importamos com os negócios da família, mesmo que eles nos enfiassem goela abaixo. Honestamente, acho que Nico começou a traçar o plano para o Bellissimo ainda no ensino médio. Tentando planejar seu caminho para um futuro diferente. E eu tenho sorte que ele me levou com ele.

— Você estava aqui desde o começo?

Eu concordo. Ainda me lembro de iniciar este projeto - Nico e eu aparecendo para supervisionar os empreiteiros. — Fui puxado de volta para a merda da família há dois anos e tive que ir para Chicago. Depois, a Sicília.

— E você voltou para ficar agora? — Ela se move no meu colo para pegar meus olhos.

Ela está perguntando sobre o nosso futuro?

Podemos ter um?

— Sim. Se Nico precisar de ajuda, ninguém mais na família pode me afastar. Os lucros de Nico superam todo o resto, então ele pode exigir os soldados de que precisa.

Meu telefone vibra e eu verifico a mensagem. É do Nico. *Estou indo*

embora. Eles estão com a cara de merda demais para notar. Tony vai ficar para ficar de olho nas coisas.

Estou aliviado por ele não ter exigido que eu voltasse. Eu deveria oferecer, mas não quero. Só quero segurar Corey. Compartilhar segredos com ela. Quebrar em nossa nova cama.

Corey sai do meu colo. — Você tem que voltar lá embaixo?

Eu me levanto e envolvo meu braço em volta de sua cintura por trás, puxo suas costas contra mim. — Não. Vou ficar aqui com você, *bella*.

— Bom. — ela murmura. — Vamos para a cama.

CAPÍTULO TREZE

COREY

— Diga-me que esta não é uma experiência surreal para você. — Ajeito o vestido de noiva de Sondra nas costas e sirvo duas taças de champanhe. Estamos em sua suíte nupcial, esperando a cerimônia começar.

— Fora do corpo. — ela confirma. — Por que não fugimos? Isso é uma loucura. — Ela fica linda em um vestido transparente aberto nas costas, o cabelo solto em um coque. O buquê é de rosas cor de champanhe. Estou com um vestido de festa azul meia-noite, ajustado nos quadris com uma fenda na panturrilha.

O casamento de Nico e Sondra é hoje à noite, no último andar de um dos hotéis mais sofisticados de Chicago. Nico contratou um planejador de casamentos que consultou Sondra, então estamos bem livres de estresse, além de ter que lidar com os dois grupos de famílias que não poderiam ser mais diferentes.

Pelo menos meu pai não foi convidado. Os pais de Sondra se apoiaram nela com força, mas ela não se mexeu. Claro, deixá-lo fora da lista de convidados não era apenas para mim. É para toda a família Taccone que não apreciaria a presença de um federal em qualquer reunião familiar.

Mas mesmo sem aquele estresse digno de filme, misturar a família do meio-oeste de Sondra com o clã Taccone é bem hilário. Se você tem senso de humor. No qual estamos trabalhando.

Entrego a ela uma taça de champanhe e brindo com a minha. — Beba. Isso vai ajudar. Eu prometo.

Ela dá uma risada nervosa e nós duas bebemos. Acho que estamos compensando a falta dela de uma despedida de solteira agora. Nico tentou afastar as garotas estereotipadas de Las Vegas enlouquecidas, enviando-nos para uma semana de spa no elegante resort Miraval em Tucson. Devo dizer que foi muito melhor do que qualquer coisa que eu teria planejado.

Uma batida soa na porta e eu atendo. Stefano está encostado no

batente da porta em um smoking perfeitamente ajustado, parecendo digno de GQ. — Ei, *bella*. — Ele me dá um sorriso preguiçoso. — Vocês estão prontas? O show está prestes a começar.

Pego nossos buquês e entrego o dela a Sondra. — Prontas como sempre estaremos. — Eu saio com meus saltos agulha tingidos para combinar, que parecem ser meio tamanho pequeno demais.

Nós nos dirigimos para as portas para nossa grande entrada. Há uma adorável florista e dois pequenos portadores de alianças. Sondra disse que a Sra. Taccone quase teve um colapso, querendo que todos os membros da família estivessem na festa de casamento, mas Nico interferiu. Seus outros três irmãos servem como porteiros, o que, mesmo de smoking, os faz parecer seguranças ou guarda-costas.

Eu sou a dama de honra e Stefano é o padrinho, o que significa que ele é o cara que me leva até o altar. Tento ignorar a vozinha em meu ouvido me dizendo que poderíamos ser nós. Poderíamos ser os noivos. Parece tão fácil. Tão possível.

Mas realmente não é.

A cerimônia é abençoadamente curta. Minha tia Susie, a mãe de Sondra, está enxugando as lágrimas desde o minuto em que Sondra caminha pelo corredor até que eles sejam declarados marido e mulher.

Depois, sofremos com a sessão de fotos e depois com um jantar sentado. Eu me posiciono em um assento perto da minha mãe e da mãe de Sondra, onde posso observar todos. Sou fascinada pelo clã Taccone, pelas falas e gestos barulhentos, pela beleza dos cabelos escuros. A mãe de Stefano e Nico ainda é adorável - claramente a fonte da beleza de Stefano. E eles têm uma irmã mais nova, Alessia, que é linda de morrer.

Uma banda completa de vinte instrumentos se prepara e começa a tocar, Nico conduz Sondra para a primeira dança.

Ugh, dançando. O pensamento de tentar qualquer coisa, exceto sentar nos malditos sapatos de dama de honra, me faz cerrar os dentes. Foda-se. Vou procurar outro par. Quem se importa se eles não combinam perfeitamente?

Saio para o meu quarto de hotel. Fora da sala de banquetes, algumas pessoas caminham pelo corredor, principalmente funcionários do hotel. Mas então uma figura familiar aparece e eu paro no meio do caminho.

Meu pai sorri. — Olá, Corey.

Eu gostaria de dizer que permaneci fria e calma, mas considerando o frio que me percorre, provavelmente perdi toda a cor do meu rosto.

— O que você está fazendo aqui? Você não foi convidado.

— Estou trabalhando. — De todas as coisas que ele poderia ter dito, esta é a pior. Ele ainda está trabalhando no caso de assassinato. O que significa que Stefano ainda é um suspeito. Talvez haja ainda mais coisas que eu não sei. Todos eles podem estar sob investigação: Nico, Leo, Stefano, Tony. Eu.

Eu não me importo comigo, no entanto. Acontece que me importo com os Tacones.

Bastante.

O que quer que eles tenham feito – e tenho que acreditar que não são totalmente inocentes – não quero que nenhum deles caia. Na verdade, eu faria quase qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

— Isso é a porra de um casamento. — eu rosno. — A menos que você tenha um mandado, você precisa sair agora. — Pego meu telefone e deixo meu polegar pairar sobre a tela. — Acredite em mim, posso ligar para alguns caras que ficarão felizes em expulsá-lo.

Ele agarra meu braço, com muita força. — Que tipo de idiota eu criei? — Ele tem bebido. Sinto o cheiro em seu hálito, embora ele pareça perfeitamente no controle. — Você precisa ficar longe desses criminosos, antes que eles te levem com eles - você e sua priminha.

Priminha. Pelo amor de Deus! Eu arranco meu braço, mas dá um certo trabalho. Vou ter hematomas ali amanhã.

— Você sabe que seu namorado é meu principal suspeito?

— *Saia!* Estou chamando a segurança. — É um blefe, no entanto. A

última coisa que quero é que os Tacones saibam que meu maldito pai está aqui.

Isto é minha culpa. Meu relacionamento com Stefano provavelmente motivou sua investigação. É como se meu pai precisasse arruinar minha vida só para provar que eu estava errada. Ele estava certo.

Minha cabeça dói de repente. Meu estômago parece que engoli uma âncora.

Meu pai dá uma risada sem graça. — Estou indo embora. Se você fosse inteligente, também o faria.

Eu observo suas costas enquanto ele se afasta. Odeio o homem.

Se a força do meu ódio fosse combustível, ele pegaria fogo agora.

E eu só quero sair agora. Todo o meu corpo sente os efeitos do encontro; minhas mãos tremem, a cabeça lateja.

— Aí está você. — diz Stefano, caminhando em minha direção, um sorriso afável no rosto. Ele desaparece quando ele me vê. — O que está errado?

Eu esfrego minhas têmporas. — Uh, eu tenho uma enxaqueca. — Não é uma mentira. — Vou para o meu quarto de hotel pegar alguma coisa e trocar de sapato. Estarei de volta em alguns minutos, ok?

Ele me pega em seus braços. — Esses sapatos estão te incomodando? Vou ter que carregar você, então.

Minha risada é forçada. Ele franze a testa, olhando para mim. — Aconteceu alguma coisa? — Sua voz fica repentinamente quieta. Quase mortal.

Se eu já não estivesse tensa, teria ficado rígida. — Não, nada. — Eu odeio mentir para ele. Dá-me a sensação de que vou vomitar. — Ei, você vai me colocar no chão? Dói ainda mais a minha cabeça. — Agora me sinto uma cadela em cima disso.

Ele para e me põe de pé, as sobrancelhas juntas.

— Só me dê alguns minutos. Preciso me reagrupar.

Ele balança a cabeça e enfia as mãos nos bolsos, olhando para mim pensativo. Ignoro os arrepios que sobem e descem pela minha espinha enquanto caminho rapidamente para o meu quarto de hotel.

Se recomponha, Corey. Junte sua merda.



STEFANO

Algo aconteceu com Corey, tenho certeza. Se um dos membros idiotas da minha família a ofendeu, eu vou matá-los. É possível que Junior tenha descoberto sobre o pai dela. Ele não diria algo para mim primeiro? Ou para Nico?

Ou é sua própria família que a tira do jogo. Deus sabe, eu posso simpatizar com essa situação.

Eu sabia que esse casamento seria uma merda de família. Corey disse que seu pai não foi convidado. Talvez alguém a tenha criticado por causa disso.

Eu queria que ela apenas me contasse!

Tudo o que ela faz é me afastar. O suficiente para que eu nem tenha certeza se ela sente o mesmo.

Não que eu tenha dito que a amo, ou declarado intenções de longo prazo. Eu ainda não entendi meu caminho em torno de seu pai e minha família. Ainda nem sei como é o longo prazo para mim e para ela. Se ao menos eu soubesse que estamos em um relacionamento sério.

Inferno, apenas fazê-la morar comigo foi um grande esforço.

Ela provavelmente não vai andar pelo corredor comigo como nada além de padrinho por um longo tempo.

Se alguma vez.

Ela foi ferida. O pai dela fez um número nela e ela é tímida agora. Mas

vou mostrar a ela como é estar com alguém que te protege. Porque se tem uma coisa boa que aprendi com a minha família é lealdade.

É a vontade de morrer ou cair pelas pessoas que você ama.

E eventualmente vou ensiná-la a confiar em mim.

CAPÍTULO QUATORZE

COREY

Nico levou todos nós para Chicago em um avião particular, mas estamos voltando por conta própria porque ele e Sondra vão pegar o avião particular para Fiji em lua de mel.

Stefano e eu vamos para o saguão às 7h da manhã seguinte para pegar um táxi para o aeroporto. Após o incidente com meu pai na noite passada, eu fui para o meu quarto de hotel para me recompor, e consegui passar o resto da noite.

Stefano me arrastou da tempestade de pensamentos na minha cabeça no final da noite me prendendo no colchão, literalmente com meus pulsos presos em suas grandes mãos e me forçando a manter contato visual o tempo todo que ele me fodeu cru.

Foi brutal. E bonito. No momento em que nós dois gozamos - perfeitamente sincronizados juntos, é claro - eu estava totalmente presente. Em meu corpo. Com ele.

Chegamos ao aeroporto e Stefano entrega as passagens a agente da United. — Dois para Memphis. — ela confirma.

Minha cabeça se ergue. — Não...

— Isso mesmo. — diz Stefano.

Eu escondo minha confusão porque eu não quero levar uma surra na frente da agente, mas no minuto em que vamos para a segurança, eu agarro seu braço e o puxo para uma parada. — O que diabos está acontecendo?

Ele esconde um sorriso. — O torneio mundial de pôquer começa hoje à noite. Eu inscrevi você.

Meus olhos devem preencher todo o meu rosto. — O quê?

— Você me ouviu, *bella*, você vai aparecer na TV. Uma estrela internacional do pôquer.

Meus joelhos quase se dobram. — Stefano, você está louco? Custa dez mil só para entrar. Não estou nem perto de estar pronta para jogos como esses.

A expressão de Stefano fica séria. — Besteira. — Ele tem um jeito de dizer *besteira* que é urbano. Tudo assustador, na sua cara, te desafio a mentir de novo.

Eu recuo, corando.

— Quando você vai se deixar sair da caixa? — ele exige.

Estou tremendo agora, se é de raiva ou medo, não tenho certeza. — Que caixa? — Eu levanto minha voz, porque jogar na cara dele é meu mecanismo de defesa.

— A caixa em que você se coloca para mantê-la pequena. Para evitar que você brilhe. De quem você está escondendo seu brilho? Seu pai? Você mesma?

Dou um tapa em seu peito, porque as lágrimas estão subindo em minha garganta e estou chateada por ele estar me despindo aqui mesmo no aeroporto.

Ele pega minha mão e a leva aos lábios, beijando-a com ternura. — Porque eu vejo isso em você toda vez que olho, *bella*. — ele murmura. — Cada maldita vez. E quero que você saiba o que eu sei.

Lágrimas brotam. — O que é isso? — eu murmuro.

— Não há nada que você não possa fazer.

— Maldito seja, Stefano. — Eu pisco de volta a água em meus olhos.

— Ouça, *amore*. Nós estamos indo para Memphis. Se decidir que não quer jogar, iremos a Graceland ver o Rei. Ou vamos ficar no quarto do hotel e você pode me punir por jogar isso em cima de você. Ok?

Algumas lágrimas caem e solto uma risada aquosa. — Sim. OK. Idiota.

— Ainda sou seu chefe, querida. — Ele me dá um olhar fingido severo que faz meus dedos dos pés se curvarem.

Deixei que ele me conduzisse pela linha de segurança até nossos assentos de primeira classe no avião, onde meus olhos começaram a lacrimejar novamente.

Meu namorado.

Hahaha.

Ninguém nunca foi tão doce comigo em toda a minha vida.

E saber disso me deixa ainda mais enojada ao pensar em meu pai e em sua maldita investigação.

Eu preciso detê-lo.

E, na verdade, este campeonato de pôquer pode me dar o caminho.



STEFANO

Vinte dólares vão te ajudar muito com qualquer estranho. Eu tenho um punhado deles na minha mão e estou oferecendo-os no que pode ser a coisa mais louca que já tentei.

Eu devo estar apaixonado.

Essa é a única explicação para essa cena que facilitei fora da sala da primeira partida de pôquer de Corey. Eu disse a ela que precisava fazer alguns telefonemas e que pegaria um café para nós e a encontraria aqui.

Ela não estava feliz por ser deixada sozinha. Acho que ela estava nervosa, mas ela não parecia desconfiada.

Agora, porém, estou começando a me preocupar que ela não apareça. Eu disse a ela que ela não precisava se não quisesse.

E se ela nunca descer?

— Que tal esta aparência? — Uma bela milenar com um lápis de maquiagem na mão pergunta. Ela escreveu C-O-R-E-Y em seu rosto. Um

grupo de amigos dela está trabalhando no banner TEAM COREY. Eles estão todos usando as faixas Corey que eu pré-imprimi para o evento. Recrutei dezenove estranhos aleatórios ao todo que estão comprometidos em estar aqui para torcer por Corey quando ela vier. Não faz mal que a maioria deles tenha bebido e esteja disposta a fazer quase qualquer coisa por vinte dólares cada.

Se ela vier.

Merda.

Eu verifico meu relógio. Ela deveria ter me encontrado aqui cinco minutos atrás. Vem cá, baby. Só então, um longo par de pernas abaixo de uma saia vermelha aparece na escada rolante descendo.

— Ai vem ela. — Eu bato palmas e a equipe turbulenta se junta em um grupo, segurando o banner e agitando suas bandeiras enquanto o resto do corpo de Corey aparece. Ela está usando um dos vestidos vermelhos que comprei para ela e parece valer um milhão de dólares. Não, um bilhão. Ela parece uma vencedora. Definitivamente uma campeã.

— COR-ey, COR-ey, COR-ey. — um dos tripulantes começa a cantar e o resto se junta a eles.

O rosto de Corey aparece, a mão na boca, as sobrancelhas na linha do cabelo. — Oh meu Deus. — ela murmura enquanto tropeça na escada rolante. Eu a pego em meus braços. — O que é que você fez?

— Eu montei uma equipe de torcida.

Lágrimas nadam em seus olhos. — Jesus, Stefano. — ela engasga. — Você fez isso por mim? Agora você está me fazendo chorar. — Ela balança as mãos na frente do rosto, piscando rapidamente enquanto ri. — Eu nunca choro. Só você faz isso comigo.

Eu deslizo minhas mãos ao redor de sua cintura e acaricio seu pescoço. — Você está segura comigo. — murmuro. Eu vou levar suas lágrimas. Proteger suas emoções com minha vida.

— Obrigada. — ela sussurra. — Você é incrível. — Então ela me empurra para trás e encara seus torcedores novamente. — Quem são essas

pessoas? — ela exige.

Eu rio. — Acontece que torcedores podem ser contratados, o que não significa que você já não tenha fãs delirantes. Eles simplesmente não te conhecem ainda. — Eu pisco e a conduzo em direção à porta para a competição. — É melhor você entrar aí, vai começar em dez minutos.

Ela solta um suspiro rápido. — Stefano, você é louco.

Não, apenas apaixonado. Eu não digo isso, no entanto. Ela se assusta facilmente e ainda não tenho certeza se ela sente o mesmo.

— Vá lá e chute alguns traseiros. — Eu bato em seu quadril porque não acho que ela gostaria de receber um tapa na bunda em público.

Ela endireita os ombros e joga seu lindo cabelo enquanto marcha para se sentar à mesa.

Encontro um lugar na plateia. Eu só tenho uma visão das costas de Corey, mas as telas gigantes ao redor da sala transmitem o evento, as câmeras estão amando Corey. Quem poderia culpá-los? Ela é cerca de mil vezes mais agradável aos olhos do que os homens grisalhos contra os quais ela está jogando. Eu ficaria surpreso se as câmeras saíssem do rosto dela durante todo o torneio.

Se ela soubesse o quanto todo mundo assistindo adoraria torcer por ela.



COREY

Recebo as piores cartas da história do pôquer. Dobro três mãos seguidas. Parte de mim está pronta para simplesmente se levantar e sair daqui. Já vi jogos de azar o suficiente para saber que quando a sorte não está com você, você tem que ir embora.

Mas Stefano fez muito para me trazer até aqui. Me surpreendeu com essa viagem, montou a torcida. Quão doce foi isso? Na verdade, ele ouviu a

história que contei sobre jogar futebol quando criança e tentou remediar.

Ele é um em um milhão, esse cara.

E é por isso que tenho que continuar jogando. Não porque ele se importa se eu ganho ou perco. Eu acredito nele quando ele diz que não.

Não, preciso ganhar muito, porque tenho um propósito para esse dinheiro. E pode ser uma questão de vida ou morte.

Não sou do tipo que reza, mas começo a pedir à Senhora Sorte, aos anjos, a Deus, às fadas, aos duendes e ao que quer que esteja por aí para aparecer e me ajudar. E então me lembro que o desespero nunca vence. O controle vence, mas não tão grande ou com facilidade. Não, os jogadores viscerais, eles se rendem.

Então me sento e imagino que estou amarrada na cama de Stefano. Imagine que estou me rendendo a ele. Ao prazer. Não tenho escolha a não ser receber.

Um formigamento começa entre minhas pernas e eu tenho que pressionar minhas coxas juntas para aliviar a pulsação lenta do meu clitóris. Meus mamilos endurecem e começo a suar. Todos os caras na mesa começam a olhar para mim, como se sentissem a mudança.

E recebo quatro ases. Quatro malditos ases!

E é aí que começo a sentir a energia pulsando ao meu redor. A cada mão que ganho, fico com mais e mais tesão, como se cada vitória fosse um presente sexual, cada dólar o estímulo de que preciso para gozar.

Cinco horas depois, estou quase delirando de necessidade e *ganhei cem mil dólares*.

Eu jogo pelo seguro até o final do torneio. Quando finalmente acabou, o locutor deu meus ganhos totais e ouvi aplausos atrás de mim. Eu me viro e observo a audiência. Eles estão assobiando e torcendo por mim. O som pega e logo todo o lugar está batendo palmas, incluindo os homens com quem eu estava jogando.

A vertigem toma conta e eu rio, desarmada pela inesperada afeição de estranhos. Felizmente, Stefano aparece ao meu lado, porque não tenho

certeza se me lembro de como andar, então saímos dali, até nossa suíte de hotel, onde ele me leva em todas as posições imagináveis até eu desmaiar de delírio total.

CAPÍTULO QUINZE

COREY

Ficar longe de Stefano hoje em dia não é uma tarefa tão fácil quanto deveria ser. Eu não o chamaria de controlador, mas ele definitivamente gosta de ficar de olho em mim.

Voamos de volta hoje e ele foi direto para o trabalho, mas tive que inventar uma história sobre encontrar uma amiga para jantar para tirá-lo de minhas costas.

Rapidamente arrumo a mala com o dinheiro que trouxemos em uma mochila e faço a ligação. De certa forma, ainda estou na onda de ontem. É como se eu pudesse ver todas as possibilidades e como elas vão se moldar. Eu sei exatamente como jogar cada situação. Sei exatamente o que dizer para deixar Stefano à vontade e sei exatamente o que dizer ao meu pai. Eu mantenho a ligação curta, urgente e enigmática.

Então eu entro no meu carro para encontrá-lo.

Não quero me encontrar no meu apartamento, mas também não o quero perto do Bellissimo, então vai ter que servir. O ar dentro do meu minúsculo apartamento de um quarto cheira a mofo, como se eu não morasse lá há anos. Mesmo que ainda sejam meus móveis antigos e meus livros estejam nas prateleiras, não me sinto em casa. Não sou a pessoa que era quando morava aqui. Eu nem gosto muito dela. Ela estava fechada, barricada em uma existência confinada. Medo de amar, medo de viver.

Pego um maço de dinheiro da bolsa e coloco debaixo da almofada do sofá. Não custa nada ter um dinheirinho de emergência.

Uma batida soa na porta e meu pai a abre antes de eu responder. — O que está acontecendo? Você está em perigo? — Seu olhar é afiado e ele se levanta como se fosse tentar me abraçar ou algo assim.

Oh, isso é maduro. Como se ele já se importasse comigo. Ele só espera que eu lhe dê informações sobre o caso.

— Não. — Eu jogo a mochila cheia com meus ganhos no sofá e abro o

zíper, dando a ele uma bela visão do dinheiro.

— Onde você conseguiu isso?

— Ganhei em um torneio de pôquer.

Meu pai bufa; ele não acredita em mim. Isso porque ele não acha que sou boa o suficiente para ganhar nada.

— Há um pouco mais de cem mil aqui.

Um pequeno sorriso brinca em seus lábios. Ele descobriu onde isso vai dar. Ou ele acha que tem. — Você quer comprar um pouco de segurança para o seu namorado.

Eu tinha razão.

Sempre suspeitei que meu pai fosse corrupto. Como alguém que realmente acredita na justiça pode ser tão idiota?

Eu coloco minhas mãos em meus quadris. — Isso mesmo.

Ele acena com a cabeça lentamente. — Tudo bem. Eu posso acabar com os problemas dele. Mas isso não significa que não haverá novos. E posso não ser eu a investigar da próxima vez. Esse é realmente o tipo de cara com quem você quer ter companhia?

Sim. Eu já tive essa conversa comigo mesma. Isso me corrói por dentro. Stefano é um produto de sua família e não pode fugir deles, mesmo que ele e seu irmão estejam fazendo o possível para superar tudo isso. Portanto, é absolutamente possível que haja outra morte. Mais violência. Atos ilegais que podem colocar Stefano em perigo.

Mas não consigo nem pensar nisso. Só estou tentando encontrar meu caminho nesta crise, se eu tiver uma maneira de proteger Stefano, vou fazê-lo.

— Isso é para eu descobrir. — eu digo. — Não é o seu problema.

Meu pai dá uma risada sem humor. — Certo. — Ele pega a mochila de dinheiro. — Vou limpar a bagunça desta vez. Mas sugiro que se afaste da família Tacone. Se eu me encontrar investigando você da próxima vez, não será tão fácil para mim suprimir as evidências.

Quero perguntar a ele que provas ele tem, só para saber, mas estou ansiosa para me livrar dele. Sinto-me suja e errada por ter esta conversa e quero que acabe.

— Entendi, sim. — Eu ando até a porta e a mantenho aberta para ele.

Ele tira um chapéu imaginário e sai. — Cuide-se, Corey Jean.

Foda-se.

Não digo isso porque ele não vale a respiração.

CAPÍTULO DEZESSEIS

COREY

Posso ter aproveitado a onda da sorte em meu caminho, mas uma sensação crescente de pavor me diz que minha corrida acabou.

O dinheiro acabou, o namorado salvo. Eu usei minha magia no momento.

Hora de ficar quieta e recarregar.

Nada mais parece doce ou especial. Minha vitória em Memphis, a doçura de Stefano, todos parecem contaminados por essa troca.

Eu dirijo de volta, o vazio se estendendo dentro de mim, ameaçando assumir o controle, me arrastar para baixo. Quero ir até a suíte de Stefano e rastejar para a cama, puxar as cobertas sobre minha cabeça e bloquear a vida por algumas horas. Em vez disso, paro no escritório de Stefano para avisá-lo que estou de volta, ou talvez seja porque a culpa por ter mentido para ele está me atormentando.

Leo está em seu escritório, mas Stefano acena para mim com um sorriso. Mais uma vez, tenho a sensação de que minha sorte está acabando. A flutuabilidade que me varreu durante o torneio está morta. Da próxima vez, darei atenção ao aviso, sabendo que tudo está errado. Que algo está prestes a dar terrivelmente errado.

Do jeito que está, eu afasto o enjoo, sento na cadeira que Stefano acena para mim.

— Leo está apenas me mostrando um novo equipamento que compramos para a segurança.

— Oh sim? O que é?

Leo produz um pequeno instrumento do tipo varinha e aperta um botão. Luzes verdes iluminam a ponta. — Ele procura por microdispositivos com sinais neles. — Ele se levanta e passa sobre o próprio corpo. Ele emite um bipe quando passa por cima do bolso do paletó. — Você vê? Esse é o

meu celular. — Ele pega o telefone e o coloca sobre a mesa.

Ele continua agitando a varinha, colocando-a sobre minha bolsa, onde fica vermelha e apita novamente. — Esse é o seu telefone.

Abro o zíper da minha bolsa e pego o telefone, colocando-o na mesa ao lado dele. Ele continua examinando minha bolsa e o dispositivo apita novamente.

— Isso é estranho. — eu digo, cavando em minha bolsa novamente. — O que mais o desencadeia?

Leo e Stefano ficam paralisados. — Escutas. — Os modos afáveis de Leo desapareceram, sua expressão gelada. — Posso? — As palavras são educadas, mas a maneira como ele as diz me faz estremecer.

Eu empurro minha bolsa em sua direção. Claro que sei que não há nada nisso. Eu olho para Stefano, mas ele não está olhando para mim, ele está concentrado na bolsa.

Leo balança a varinha dentro da bolsa, ativando-a novamente, vira a bolsa do avesso. Anexado ao forro está um pequeno botão que faz o dispositivo enlouquecer.

Frio corre através de mim. — O que é isso? Nunca vi isso antes. — Minha voz está mais aguda. Pareço uma mentirosa, até para os meus próprios ouvidos, mas é a maldita verdade.

Leo pega uma arma e aponta para minha cabeça, o som alto no escritório silencioso.

Espero que Stefano diga a ele para guardá-la, mas ele não diz uma palavra. Seu rosto está pálido, a expressão plana.

O pânico aumenta e eu luto para ficar de pé. O cano da arma me segue. — E-eu não sabia que estava aí.

Ainda mantendo a arma apontada para minha cabeça, Leo avança, acenando a varinha para mim. Não apita novamente. Stefano pega a escuta e a esmaga entre os dedos, então ele quebra meu telefone na lateral da mesa até que ele se abra. Ele examina o interior dele e a coloca no chão.

Lágrimas lançam meus olhos. — Meu pai. — eu engasgo. — Meu pai deve ter colocado aí. Mas eu nunca disse nada a ele. Juro.

— Você está trabalhando com seu pai? — A voz de Stefano é estranhamente calma e distante.

Eu balanço minha cabeça rapidamente. — Não. — Lágrimas rolam pelo meu rosto. — Mas ele está aqui em Las Vegas. Ele está investigando o desaparecimento de Donahue. Eu disse a ele que não sabia de nada, mas talvez tenha sido quando ele... — Eu limpo minhas lágrimas com as costas da minha mão. — Quando ele colocou aí.

Jesus, minha história parece estúpida e implausível, embora seja a pura verdade.

— Quando foi isso? — Stefano chia.

— Logo depois que aconteceu. — Minha voz falha. — Ele estava no meu apartamento quando cheguei em casa.

— E você escondeu isso de mim. — Stefano diz isso como se eu tivesse me condenado para sempre.

— Ele estava em Chicago também. — Admito, como se contar a ele agora fosse compensar minhas omissões anteriores. — No casamento. Ele disse que tem provas. Eu dei a ele o dinheiro de Memphis para suprimi-lo.

Stefano se levanta, derrubando a cadeira no chão. Não me mexo, embora esteja tremendo como um passarinho. Ele agarra meu cabelo e aproxima seu rosto do meu. Um músculo contrai em sua bochecha, mas seus olhos estão mortos. — Diga ao seu pai — ele rosna — Que ele não deve envolver a família em negócios.

É uma ameaça vazia e estou totalmente apavorada. É uma maravilha eu não me mijar.

— Você quebrou a porra do meu coração, Corey Simonson.

Eu aperto meus olhos fechados, porque sua expressão está quebrando a minha, mas ele me solta abruptamente e me empurra para longe. — Saia. Nunca mais volte aqui. Nunca mais me deixe ver seu rosto, *bella*. Não vou mostrar misericórdia uma segunda vez.

— Stefano. — eu sussurro-imploro. Quero explicar – ou melhor ainda, voltar no tempo e ser mais transparente desde o início. Talvez eu pudesse evitar essa traição de sua fé em mim.

Mas é muito tarde. Leo agarra meu cotovelo e me puxa pela porta, fechando-a atrás de mim.

Eu mal posso ver enquanto caminho para fora, as lágrimas me cegando. Minha bolsa ainda está no escritório dele, então não tenho nada: sem chaves, sem dinheiro, sem telefone, sem lugar para ir.

Encontro meu caminho para fora e começo a andar, para longe do Bellissimo, para longe de Stefano. Longe de tudo que eu amava.



STEFANO

No minuto em que ela se foi, joga a mesa. Eu quero esmagar tudo à vista. Ela nunca me amou. Ela me usou. Arruinou-me.

Leo observa, a princípio em silêncio. — Quer que eu cuide dela?

— Não.

Mesmo com raiva como estou, quebrado, traído e louco como estou, nunca poderia machucar Corey.

— Não tenho certeza se você realmente tem a perspectiva necessária para fazer esta ligação.

Eu me joga em Leo, corto seu ar enquanto o empurro contra a parede.
— Você nunca questiona meu julgamento. Não nisso. Não em nada.
Capiche?

— Sim. Entendi, chefe. — Leo diz rapidamente.

Eu saio furioso, porque se eu ficar, vou matar o cara. Subo para nossa suíte - *minha* suíte - *foda-se!* E imediatamente sei que foi um erro.

O lugar cheira a ela. Me lembra ela. Mata-me.

Eu fico furioso, arremessando móveis, enfiando o punho na parede.

Todo esse maldito tempo eu pensei que ela estava se segurando porque ela estava protegendo seu coração. Mas ela não estava. Ela estava brincando comigo.

Eu ouvi os sinos de alerta sobre a porra do pai dela. Sabia que me envolver com ela me morderia. Eu apenas escolhi ignorá-lo. Fiquei muito cativado pelo enigma que é Corey Simonson. Queria ser o cara que a libertaria. Queria saber como é entrar na concha dela. Para ser o homem dela.

Eu sou um maldito idiota.

Eu ando pelo quarto destruído, tentando me lembrar de cada coisa que eu já disse na presença dela. Ela me viu atirar em Donahue. Isso é um problema, com certeza. Mas o que mais...

Eu paro.

Ela me viu atirar em Donahue e não procurou a polícia. Se ela tivesse, por que eles precisariam de uma escuta? A menos que eles queiram derrubar Nico também. Ou apenas obter o máximo de informações possível.

Esfrego meus dedos machucados.

E se ela me contou a verdade? O pai dela plantou nela depois do tiroteio. Ela não lhe disse nada. Ele está cavando, usando sua entrada, mas não tem nada.

Porque Corey não me trairia.

Uma emoção quente me sufoca. Meus olhos queimam.

Porra! Eu bato meu punho na parede novamente.

Eu não sei em que acreditar.

Leo estava certo? Meu julgamento está muito errado para saber o que está acontecendo?

Ou eu apenas cometi o maior erro da minha vida?



COREY

Não sei quanto tempo ando - até meus pés ficarem com bolhas e minhas panturrilhas terem espasmos. De alguma forma, acabo voltando para o Bellissimo - exatamente onde não deveria estar. Pego o elevador até o andar superior do estacionamento e olho por cima da borda.

Não, não estou pensando em pular. Eu não sou estúpida ou suicida. Embora a dor no meu peito seja assustadora, tenho muito mais com que me preocupar agora do que um coração partido. Preciso me preocupar com minha sobrevivência imediata.

Estou tão fodida agora.

Acho bem possível que alguém venha atrás de mim, apesar de Stefano ter me deixado ir. O que significa que ir para minha casa seria um erro.

Eu poderia entrar em contato com Sondra. Sei que ela faria qualquer coisa no mundo por mim, mas se Nico ou qualquer um de seus soldados quiser me encontrar, ela vai ser a primeira pessoa a quem procurarão por respostas. Não quero colocá-la nessa posição.

Eu tenho o estoque de dinheiro debaixo da almofada do sofá. Preciso chegar lá e tirá-lo sem que ninguém me veja.

Volto para a rua e chamo um táxi. Não é um grande plano, mas é um começo. Assim que tiver um lugar para ficar, posso contemplar o que perdi.

Stefano.

O único homem que já viu o meu verdadeiro eu.

CAPÍTULO DEZESSETE

STEFANO

— Algum sinal dela? — Eu rosno no meu telefone para Leo. Eu o coloquei sentado na frente do apartamento de Corey, na esperança de que ela apareça. Já se passaram vinte horas desde que a expulsei e estou ficando maluco.

Levei as primeiras seis horas para tirar minha cabeça da minha bunda e perceber que Corey poderia não estar jogando comigo. Em retrospecto, parece óbvio. Ela teria deixado Leo escanear sua bolsa sem pestanejar se ela estivesse escondendo alguma coisa? Se ela soubesse que estava carregando uma escuta? Estou procurando por ela desde então.

— Ninguém. Nenhum sinal de vida aqui.

Foda-se.

O fato de o carro dela ainda estar parado no estacionamento do Bellissimo e ela não estar em seu apartamento me deixa totalmente nervoso.

Significa que ela está se escondendo. Ela está com medo.

De mim.

Porque eu sou o *stronzo* que a expulsou e disse a ela para nunca mais mostrar a cara como um idiota de merda. Tanto é que eu *sempre vou te defender*. Deixei meu medo de não ser bom o suficiente, de a filha de um federal nunca poder ficar com um cara como eu, criar uma traição monstruosa em minha cabeça, em vez de apenas reservar um tempo para ouvi-la. Ela nem tem telefone, nem carteira.

Se for verdade que ela deu o dinheiro de Memphis para o pai, ela não tem nada.

Talvez ela tenha ido até ele.

É um pensamento desconfortável. Ele cuidaria dela? O homem que colocou uma escuta na bolsa da própria filha, colocando a vida dela em

risco?

Eu preciso de respostas. Preciso de informações, porra. Vou até o escritório de Sondra e entro. Nico está com ela, sentado em sua mesa.

— Onde está sua prima? — Eu exijo.

Ela se levanta, seus olhos azuis redondos. — O que você quer dizer?

Eu caminho em direção a ela, mas Nico bloqueia meu caminho. — Dê um fodido passo para trás. — ele avisa. — O que está acontecendo?

— Corey. Você já ouviu falar dela? De forma alguma?

As sobrancelhas de Sondra se contraem. — Não. O que aconteceu? Vocês brigaram?

Eu apunhalo meus dedos pelo meu cabelo. — Você poderia dizer isso. — Eu me viro e olho pelas janelas do chão ao teto. — Conte-me sobre o pai dela.

Sondra respira fundo. — Ele é um idiota. — ela diz sem hesitar. — Não sei dizer quantas noites ela passou quando criança na minha casa porque não queria ir para casa.

Meu peito aperta.

— Corey não fala com ele há anos.

— Tem certeza disso? Ele esteve ou está aqui, em Las Vegas. — Eu a observo de perto.

Sua expressão azedou como se algo cheirasse mal no quarto. — Ele estava?

— E em Chicago.

O medo passa pelo rosto de Sondra e Nico amaldiçoa. — Do que diabos você está falando?

— Ele deixou cair uma escuta na bolsa de Corey. Ela diz que o pagou para desistir de sua investigação sobre mim.

Sondra cobre a boca com a mão. — Oh não. Então, onde ela está? O

que aconteceu?

Eu ando pela sala. — Eu fodi tudo. — Ergo uma mão furiosa no ar. — Eu a joguei fora. Não sabia no que acreditar.

— Oh, não. — Sondra diz novamente.

— Agora ela está desaparecida. Eu tenho a bolsa e as chaves dela. Ela não está na casa dela. O carro dela ainda está no estacionamento. Eu não sei onde diabos ela foi ou como entrar em contato com ela.

— Há quanto tempo ela se foi?

— Desde ontem. Alguma ideia de onde ela iria? O que ela faria?

Os olhos de Sondra se enchem de lágrimas. — Não. Ela deveria ter me ligado.

Meu telefone toca e eu o pego. É um número de Michigan. Eu respondo. — Tacone falando.

— Agente Especial Simonson, FBI.

Eu fico tenso, aceno para meu irmão.

— Eu acredito que você está ciente de que estou investigando você.

Resmungo uma afirmativa. Minha mão aperta o telefone com tanta força que temo que ele quebre.

— Estou disposto a discutir o abandono da investigação.

Eu vou matar este homem.

Não, espere, não posso. Ele ainda é a porra do pai do Corey.

— Quais são os seus termos? — Não me incomodo em argumentar que ele já pegou dinheiro de Corey para deixá-lo cair se a história dela for verdadeira, o que estou começando a acreditar que é.

— Quinhentos mil em dinheiro e eu destruo as provas. Entregue hoje às 20h no estacionamento do Hard Rock Café.

Ele encerra a ligação sem esperar minha resposta.

— Que evidências? — Nico rosna.

Eu balanço minha cabeça. — É um blefe. A menos que Corey esteja trabalhando com ele.

— Corey não está trabalhando com ele. — Sondra chora, os dedos cerrados em punhos. — Como você pode pensar isso?

Eu deixo cair meu queixo no meu peito em derrota. — Eu não. Eu realmente não. Ela pediria ajuda a ele? — Eu pergunto Sondra. — Você acha que ela está com ele?

— De jeito nenhum – nunca. Estou lhe dizendo, ela nem mesmo está falando com ele.

— Então, qual é a jogada? — Nico pergunta.

— Eu o encontro. Descubro se ele sabe onde Corey está.

— Então o quê? — Nico quer saber.

Eu dou de ombros. Nenhuma porra de pista. — Eu vou descobrir isso, porra.

— Pegue Leo e Eddie. Você está trazendo o dinheiro?

— Não. — Minha voz é mais dura que pedra. De jeito nenhum vou dar mais dinheiro a esse homem. Ele já roubou o de Corey e ainda acha que pode me chantagear? Foda-se ele. Federais sujos fedem mais do que os mais baixos do subsolo.

— Bom.

Sim, bom. Mas ainda não estou nem perto de encontrar Corey. — Sondra, se Corey ligar para você... — Eu paro e esfrego meu esterno porque não sei o que diabos dizer. Mesmo se eu disser a Corey que acredito nela, ela realmente vai voltar aqui comigo?

Depois da maneira como a tratei? Ameacei a vida dela?

Ela é uma mulher inteligente e que se preze. Se ela não está com problemas agora, então ela já está o mais longe possível daqui.

O que me mata é que ela pode estar em apuros. Deixei-a com muito poucas opções.

E sei de centenas de coisas indescritíveis que acontecem com mulheres que ficam sem opções em Las Vegas.

— Se eu ouvir dela, direi que você estragou tudo e que realmente quer se desculpar. — Sondra completa.

Eu lanço a ela um olhar agradecido.

— Sim, exatamente. Obrigado.

Os olhos de Sondra parecem assombrados, porém, ela não pode nem estar tão preocupada com Corey quanto eu.

Madonna me ajude.



COREY

São quatro da tarde e ainda estou na cama nojenta do motel. Não é como se eu tivesse dormido. Bem, talvez eu tenha cochilado um pouco, mas toda vez que isso acontece, sonho com Stefano levando um tiro. Ou atirando em mim.

Acordo com uma dor no peito como se tivesse acontecido de verdade.

Como as coisas ficaram tão confusas? Como posso fazer isso certo?

Simplemente não posso permitir que Stefano acredite que o usei. Por que eu nunca disse a ele o quanto ele significava para mim? Que ele é o único cara por quem eu já me apaixonei? O quanto eu aprecio - não, aprecio não é profundo o suficiente - como ele me devastou com sua consideração. Seu amor. Eu sei que ele nunca disse isso, mas só o amor faria um homem trabalhar tanto para aumentar a crença de sua mulher em si mesma. Se ao menos eu tivesse feito algo para mostrar a ele meu amor também. Então ele não teria duvidado de mim. Não teria acreditado que poderia traí-lo.

Eu tropeço para fora da cama e tomo um banho no banheiro sujo.

Qual é o meu plano?

Eu preciso de um plano. Descobrir onde eu realmente estou com os Tacones seria um começo. Preciso ligar para Sondra. E talvez ela possa me ajudar a descobrir uma maneira de provar a Stefano que não fiz parte do plano de meu pai.

Vesti minhas roupas sujas e caminhei até uma Walgreens na esquina onde compro um par de chinelos, leggings e uma camiseta para pelo menos ter algo para vestir. Também recebo um telefone gravador para fazer chamadas.

Quase não tenho mais o número de ninguém memorizado, mas Sondra e eu somos próximas desde antes do surgimento dos telefones celulares. Ainda sei o número dela de cor. Eu disco, meus nervos à flor da pele enquanto espero ela atender.

— Olá?

— Ei, sou eu.

— Corey, graças a Deus! Onde você está? Onde você esteve? Stefano está procurando por você.

— Eu estava com medo disso. O meu pai...

— Stefano me contou sobre a escuta e que você tentou pagar seu pai. Ele já ligou para Stefano para chantageá-lo e pedir mais.

— *O quê?*

De todos os cenários possíveis, esse não passou pela minha cabeça.

— Sim, Stefano vai encontrá-lo hoje à noite no estacionamento do Hard Rock.

Meu coração bate dolorosamente contra meu peito. Isso é exatamente o que eu preciso - meu pai e Stefano no mesmo quarto - ou garagem, conforme o caso. Uma chance de provar a Stefano que não faço parte dos esquemas sórdidos de meu pai.

— Obrigada, é isso que eu preciso saber. — eu digo.

— Espere, Corey! — Sondra grita ao telefone para me impedir de desligar. — Onde você está? O que você vai fazer?

— Vou provar a Stefano que não fiz parte dessa tempestade de merda. Ou pelo menos fazê-lo acreditar que eu não sabia que estava grampeada. Eu deveria ter contado a ele sobre meu pai o investigando - isso é por minha conta. Mas não fazia ideia de que meu pai havia plantado uma escuta.

— Stefano está preocupado com você.

Meu peito se contrai dolorosamente.

Ele ainda se importa.

Eu posso consertar isso.

Não consigo falar porque minha garganta está entupida de lágrimas.
— Obrigada, Sondra. Entrarei em contato.

CAPÍTULO DEZOITO

STEFANO

Estou pronto para mastigar e cuspir todos ao meu redor. Preciso controlar minha agressividade ou vou esmagar o crânio do pai de Corey. Espero que ele saiba onde ela está.

Colocamos coletes á prova de bala sob nossas camisas porque definitivamente não confio nesse cara. Nós três também configuramos nossos telefones para gravar. A vigilância por áudio funciona nos dois sentidos. Ter provas contra o Sr. Federal desonesto pode ser útil.

Não gostei do que Sondra disse sobre a infância de Corey com esse idiota. Eu já sabia que era uma droga, mas agora quero fazê-lo pagar por isso. Ele a machucou. Eu quero que ele sangre.

Pegue de volta, stronzo.

Chegamos ao Hard Rock e paramos no estacionamento subterrâneo. Saio com a mala cheia de nada e verificamos nossas armas. Há câmeras de vídeo nos cantos, mas me parece que alguém já as disparou.

Ok, idiota. Onde você está?

Eu ando pela garagem como se fosse dar um maldito passeio com meu cachorro pelas tulipas até que o vejo, encostado em um pilar.

— Simonson.

— Tacone.

— Onde está sua filha?

— Ela está em algum lugar seguro. — diz ele, simultaneamente me aliviando e arrancando meu coração. Ela foi até ele para pedir ajuda.

Ela está trabalhando com ele?

Foda-se, eu sei que ela não está. *Ela não está.*

— Ela está pronta e disposta a testemunhar contra você, mas ela não

quer.

Meu coração desacelera, arrastando-se como um cavalo manco em meu peito.

— Oh sim? — Agora eu sou apenas um adolescente apaixonado. Eu não consigo nem pensar. Não consigo discernir o que é o que aqui. Droga. Corey é meu ponto cego. Eu deveria ter deixado Nico ou Leo assumirem a liderança nisso.

— Isso é besteira!

Quase caio de joelhos.

Corey vem marchando ao virar da esquina, parecendo um anjo de fogo com seu cabelo ruivo caindo atrás dela.

— Corey, volte. — seu pai rosna, mas ela o ignora. Ela está queimando em minha direção. A raiva crepita ao redor dela e meu coração acelera. De repente, tenho certeza dela - conheço essa mulher.

A fúria cruza o rosto de seu pai. Eu deveria ter prestado atenção, mas só tenho olhos para Corey. Preciso me desculpar, deixá-la saber que acredito nela.

— Stefano, não faço parte do esquema dele. De jeito nenhum. Não acredite em uma palavra do que ele diz.

— Stefano. — Leo grita, sacando sua arma.

É tarde demais. Simonson atira em Leo, acertando-o no peito.

Corey gira. — Não! — ela grita e pula na minha frente. Seu corpo estremece e cai no asfalto.

Saco minha pistola e atiro em Simonson. A bala o acerta bem na testa, mas não espero vê-lo cair, estou correndo atrás de Corey. — Ligue para o 911. — eu grito para meus homens, pegando-a em meus braços. O sangue se espalha rapidamente por cima de sua camisa. Eu faço uma bola e empurro a ferida.

Não por favor.

Não a deixe morrer.

Agora não. Assim não.

Como pude duvidar de seu amor?

Ela levou uma maldita bala por mim.

E eu falhei com ela.

De todas as maneiras possíveis.

CAPÍTULO DEZENOVE

COREY

Minha garganta me mata, os olhos parecem arenosos. O cheiro adstringente de desinfetante atinge meu nariz antes que eu consiga abrir minhas pálpebras.

Oh Deus. Eu estou viva. Estou viva e Stefano pensa que o traí. Eu pisco, tentando focar enquanto meus olhos se ajustam para serem abertos.

Um rosto aparece, mas não é o que eu quero ver - o que eu preciso ver. — Stefano? — Eu consigo resmungar com os lábios secos.

Sondra salta da cadeira ao meu lado e se inclina. — Ela está acordada!

— O que... — Eu lambo meus lábios. — Onde está Stefano?

— Saiu.

Meu coração dispara com o som áspero e cortante de sua voz. Ele está vivo. Livre. Aqui.

Mas ele parece zangado.

— Observe como você fala com minha esposa. — Levo um momento para colocar o rosnado raivoso antes que a figura de Nico apareça.

— Vocês poderiam, por favor, sair? — O charme descontraído normal de Stefano está completamente ausente.

— Você tem sorte de eu saber o que é estar no seu lugar com as bolas balançando ao vento. — comenta Nico.

— Foda-se e saia. — Stefano parece uma merda. Sua mandíbula está sombreada, a expressão abatida.

— Eu voltarei. — Sondra me promete, mas eu mal olho para ela. Não consigo desviar o olhar do olhar intenso de Stefano, que está fixo em meu rosto.

— Stefano. — Minha voz está tão rouca que mal consigo falar, mas

preciso colocar isso para fora. Eu me levanto para sentar e balanço minhas pernas para fora da cama do hospital. A dor atinge meu braço esquerdo e eu suspiro.

— De volta à cama, de volta à cama. — Stefano cambaleia para o meu lado e coloca minhas pernas de volta no colchão. — O que você está fazendo?

— Stefano, eu não sabia sobre a escuta...

— Shh. — Ele coloca o dedo nos meus lábios. — Eu sei, *bella*. Eu sei. Não deveria ter duvidado de você. Eu sinto muito. — Ele puxa a cadeira que Sondra ocupava e se senta ao meu lado, segurando minha mão. Um IV está preso ao meu braço.

Esfrego meus lábios secos. — Sedenta.

Stefano pula e pega uma garrafa de água, que ele segura nos meus lábios. Eu bebo, o líquido escorrendo pelo meu queixo sobre a fina camisola do hospital.

De repente, há muito a dizer e nenhuma palavra para dizê-lo. Olho para Stefano, perdida. — Você ainda está com raiva de mim? — É tudo o que posso pensar em perguntar. É a única coisa que realmente importa para mim agora.

Sua testa franze. — Claro que sim, estou bravo.

Meu coração despenca.

— Nunca, *nunca*, leve um tiro por mim de novo. Eu posso cuidar de mim mesmo. *Capiche?*

Lágrimas brotam de meus olhos quando me lembro do momento de horror que experimentei quando pensei que ele iria morrer.

— Ei. — Ele acaricia minha bochecha com as costas dos dedos. — *Perdonami*¹³. Corey, tenho que te dizer uma coisa. — Ele olha ao redor da sala como se isso fosse fornecê-lo com força. — É mau.

As lágrimas brotam de novo, embora não saiba o que ele vai dizer.

— Sei que temos muito que conversar. Nem sei se você teria me perdoado pelo que eu fiz com você, como eu agi. Mas eu fiz algo ainda pior.

A expectativa torna tudo muito pior. Ou talvez seja a dor. Não consigo evitar que as lágrimas caiam dos meus olhos, embora não saiba o que ele vai dizer.

— Seu pai está morto. Eu o matei.

Oh.

Eu pisco as lágrimas restantes de volta.

— OK.

Ele levanta uma sobrancelha. — OK? Ouviu-me?

— Eu ouvi você. — eu resmungo, minha garganta áspera rangendo. — Ele matou Leo. Ele quase me matou. — Eu toco a bandagem acima do meu coração. — Claro que você atirou nele.

Stefano acaricia meu cabelo para trás do meu rosto, segura minha bochecha, preocupação gravada em suas feições. — Leo não está morto, estávamos usando coletes. O médico disse que você vai sobreviver. Você vai precisar de fisioterapia para o ombro, mas deve melhorar. — Ele pega minha mão e leva meus dedos aos lábios, beijando-os. — Corey, diga que vai me perdoar. Para seu pai. Por te expulsar. Eu estraguei. Grande momento. Mas nunca mais vou duvidar de você, prometo. E se me der outra chance, juro que vou trabalhar pra caramba para compensar você. Vou passar o resto da minha vida tentando.

— Eu te amo, Stefano. — eu deixo escapar, minhas bochechas molhadas de lágrimas.

Por um segundo, juro que vejo umidade nos olhos de Stefano também, mas então meu cara durão os pisca de volta. — Querida, eu também te amo. Eu sou louco por você. Diga que vai voltar comigo quando te deixarem sair daqui.

Eu aceno através das minhas lágrimas. — Sim claro. É para lá que eu quero ir. — Eu respiro. — Você é o único que já viu o meu verdadeiro eu.

Stefano fica sério, pegando minhas duas mãos. — Quero descobrir tudo o que há para saber sobre você.

— Sinto muito por ter me contido. Eu era uma covarde. Meu medo de me machucar é exatamente o que me machucou. — Eu dou uma risada aquosa. — Irônico, hein?

— Eu nunca vou te machucar de novo. — Stefano jura.

Eu aperto suas mãos. — O que aconteceu com meu pai? O que a polícia fez?

— Seu pai apareceu morto em um beco em Detroit, onde trabalhava em um caso.

— Ele ainda estava trabalhando em Detroit? Ele me disse que foi transferido para cá.

Stefano balança a cabeça. — Não, ele mentiu sobre isso também. Ele estava aqui em tempo livre, procurando maneiras de manipular a situação de sua filha para ganhar dinheiro. A propósito, seus ganhos de Memphis foram recuperados. A polícia vai querer falar com você sobre o ladrão de bolsas que atirou em você no estacionamento do Hard Rock pouco antes de encontrá-la. Imagino que entrarão assim que souberem que você acordou.

— Entendi. — Pego a garrafa de água e bebo um pouco mais. Eu nem estou preocupada em falar com a polícia. Não questiono os métodos de Stefano.

A justiça foi feita, à sua maneira. Não importa para mim se aconteceu do lado certo ou errado da lei. Meu pai não cumpria essas leis.

— Um pouco de boas notícias? Acontece que seu pai nunca tirou sua mãe do seguro de vida como beneficiária. Ela receberá um quarto de milhão assim que as coisas estiverem resolvidas.

Eu sorrio. Sim. A justiça foi definitivamente feita. Minha mãe merece esse dinheiro depois de aturar meu pai idiota por todos aqueles anos antes de ele partir.

Ela pode se aposentar de seu emprego como balconista escolar, descobrir como ser feliz.

Eu... já sei o que me faz feliz, ele está sentado bem na minha frente.

EPÍLOGO

STEFANO

— Você não pode me manter prisioneira aqui para sempre. — Corey protesta de onde eu a tenho amarrada na cama.

— Mmm, não foi assim que nosso relacionamento começou? — Trabalho no nó da gravata de seda que a mantém aberta e a pego em meus braços. Eu a mantive prisioneira em nossa suíte desde que ela voltou para casa do hospital há dois dias. Os médicos disseram que ela precisava descansar e deixar sua ferida se recuperar totalmente antes de iniciar qualquer atividade e ela ainda não recebeu luz verde.

— Eu sou capaz de andar. — ela protesta enquanto eu a carrego para a sala e a coloco no sofá.

— Chega de TV. — ela geme. — Estou entediada. Você não pode mais me deixar sozinha aqui. Estou ficando maluca.

— Eu não estou deixando você. Nico tem coisas cobertas hoje à noite. Vou ficar com você.

Sua expressão teimosa se desvanece, a suavidade e o carinho que a substituem me deixam sem fôlego. Ela tem me mostrado vislumbres desse lado dela desde o hospital, toda vez, isso me deixa profundamente humilde.

Arrasto uma mesinha para a frente dela e pego uma cadeira para mim. — Que tal um jogo de cartas? — Sugiro, embaralhar o baralho.

Ela zomba. — Você está falando sério?

— Hum, hum. Apostamos em roupas. Ou... — eu lanço um olhar perverso para ela... — atos sexuais.

Seus lábios torcem. — Você não me deixa andar do quarto para a sala, mas acha que estou pronta para chupar seu pau?

Eu pisco. — Tenho certeza de que podemos encontrar algo que funcione para você.

Ela sorri e pega as cartas da minha mão. — Você está ligado, amigo. Você sabe que é você quem vai se encontrar de joelhos, certo?

Estou contando com isso, amore.

Ela embaralha o baralho e dá a primeira mão, que perco na hora.

— Então você me queria de joelhos? — Eu deslizo para fora da minha cadeira e caio de joelhos na frente dela, abrindo suas coxas. Ela está em nada além de um roupão de seda curto e um par de calcinhas. Eu corro meus dedos pela parte interna de suas coxas e ela estremece.

— Stefano. — Sua voz vacila quando mordo sua coxa com os dentes.
— Eu realmente não sei se sou a favor. Quero dizer, eu quero, mas tenho medo de ficar muito animada e...

— Bem, há outras coisas para fazer de joelhos. — eu resmungo, colocando a mão no bolso.

Ela me observa com um olhar interrogativo até que eu pego uma pequena caixa de anel e abro. Ela engasga e cobre a boca com a mão. — Stefano.

— Eu sei que você não gosta de apressar as coisas, mas de jeito nenhum eu vou deixar você levar um tiro por mim sem colocar um anel no dedo. — eu digo no discurso de pedido de casamento mais estúpido do mundo. Limpo minha garganta. — O que quero dizer é... fique, baby. Fique para sempre. Eu preciso de você ao meu lado, iluminando meu mundo. Sei que não temos nosso futuro planejado, mas quero descobrir o meu com você. Eu quero fazer parte da sua vida. — Porra. Não sei aonde quero chegar com esse discurso. Existem questões que preciso abordar? Ou apenas a peço em casamento?

— Sim.

É como mergulhar em água morna. — Você disse sim?

— Sim. — Ela ri, as lágrimas brilhando em seus olhos. — Cansei de jogar pequeno, de jogar seguro. Não temos tempo para não nos apressar nisso. Temos nossas vidas para começar a viver juntos.

— Sim? — Eu ri. — Você vai usar meu anel?

Ela arranca o diamante rosa da caixa e o desliza em seu dedo anelar esquerdo. — Estou usando. — Ela levanta a mão para me mostrar e eu beijo sua palma.

— Bom. Agora vou reivindicar meus direitos masculinos. — Eu beijo o interior de sua perna.

Seus dedos se entrelaçam em meu cabelo. — Stefano.

— Vou pegar leve com você só desta vez. — Eu pisco antes de empurrar sua calcinha para o lado e lambe dentro dela.

FIM

Notas

[←1]

Perfeita.

[←2]

Foda-se.

[←3]

Saúde.

[←4]

Site de vendas online, foi um dos primeiros a permitir que uma pessoa pudesse vender diferentes tipos de produtos na internet.

[←5]

A Mensa International é a maior, mais antiga e mais famosa sociedade de alto QI do mundo.

[←6]

Cabeça de pau.

[←7]

Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

[←8]

É um estilo de jogo de pôquer onde o jogador recebe duas cartas e pode utilizar mais cinco cartas comunitárias.

[←9]

Meu Coração.

[←10]

Que dois idiotas.

[←11]

Idiota.

[←12]

Sistema de climatização.

[←13]

Perdoe-me.